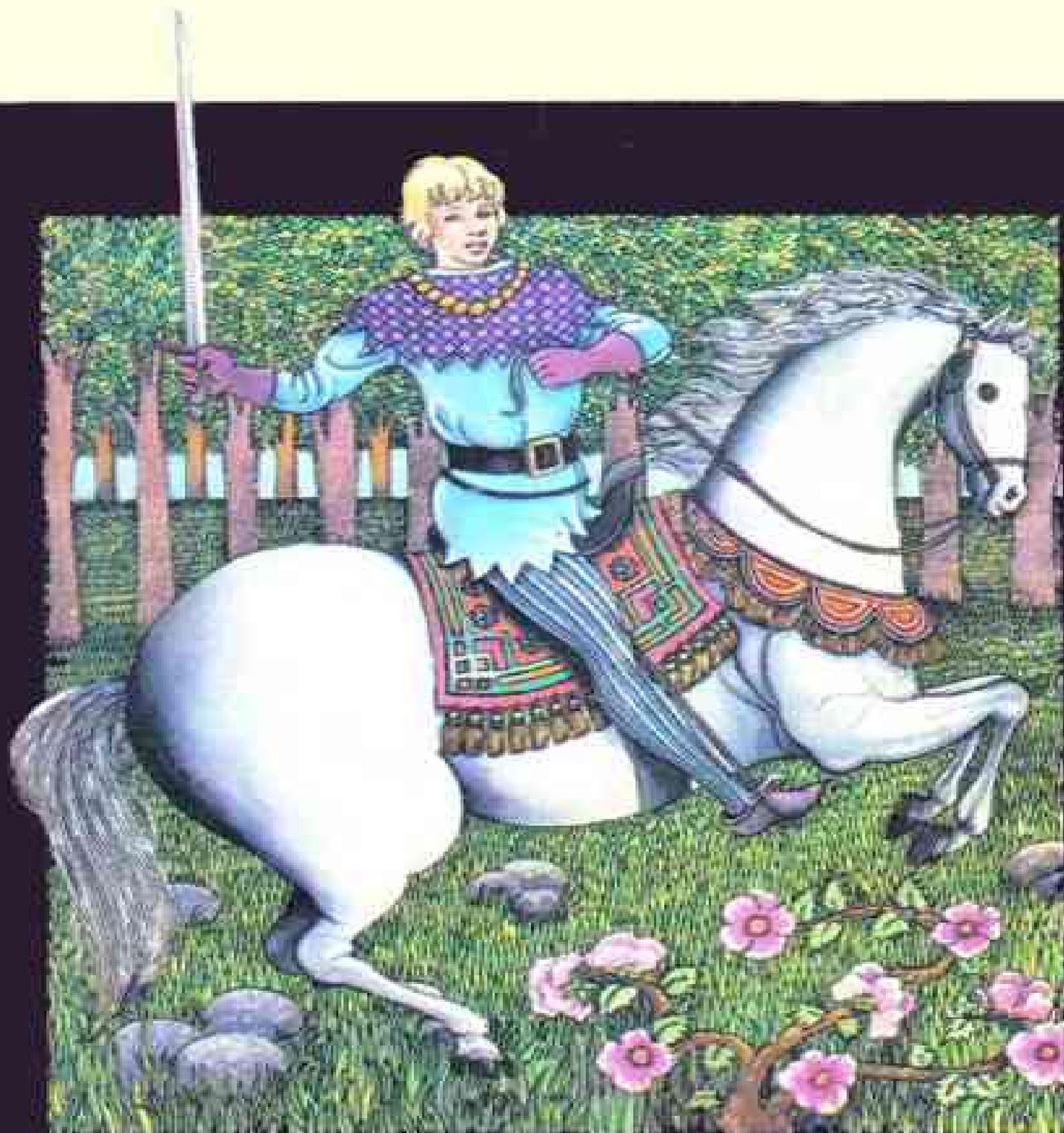


LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA

AVENTURAS DE XISTO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

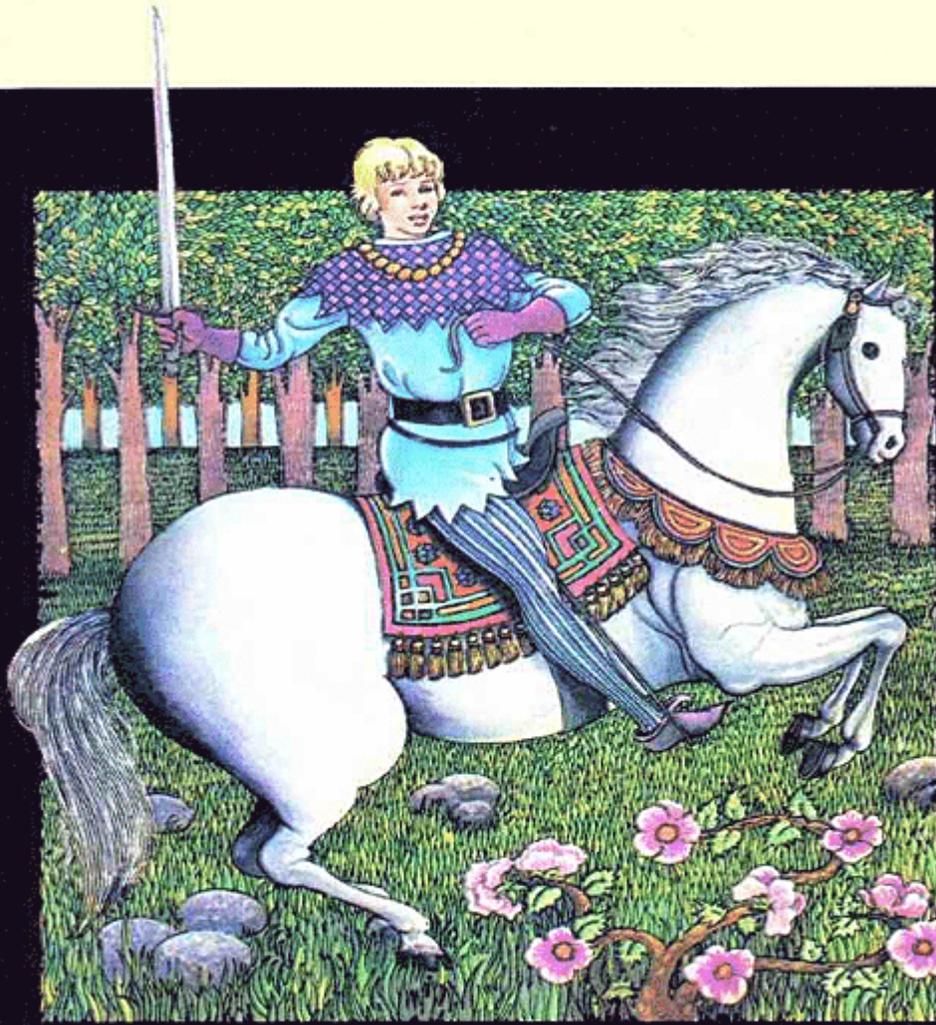
Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA

AVENTURAS DE XISTO



ea
editora alfa



Você conhece os outros livros da Série Vaga-Lume?
 Marque com um X os que você já leu:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> A ILHA PERDIDA | <input type="checkbox"/> MENINO DE ASAS |
| <input type="checkbox"/> CABRA DAS POCAS | <input type="checkbox"/> TONICO |
| <input type="checkbox"/> CEM NOITES TAPUIAS | <input type="checkbox"/> SPHARION |
| <input type="checkbox"/> CORAÇÃO DE ONÇA | <input type="checkbox"/> A SERRA DOS DOIS MENINOS |
| <input type="checkbox"/> ÉRAMOS SEIS | <input type="checkbox"/> O MISTÉRIO DO CINCO ESTRELAS |
| <input type="checkbox"/> O CASO DA BORBOLETA ATÍRIA | <input type="checkbox"/> ZEZINHO, O DONO DA PORQUINHA PRETA |
| <input type="checkbox"/> O ESCARAVELHO DO DIABO | <input type="checkbox"/> O FEIJÃO E O SONHO |
| <input type="checkbox"/> O GIGANTE DE BOTAS | <input type="checkbox"/> O RAPTO DO GAROTO DE OURO |

Lúcia Machado de Almeida

AVENTURAS DE XISTO



13.^a edição



SÉRIE VAGA-LUME

Edição de texto — Marina Appenzeller
Capa e ilustrações — Mário Cafiero
Projeto gráfico — Ary Normanha
Diagramação — Regina Yamashita
Supervisão gráfica — Ademir C. Schneider
Suplemento de trabalho — Marina Appenzeller

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP.

A448a	Almeida, Lúcia Machado de.
13.ed.	Aventuras de Xisto / Lúcia Machado de Almeida. — 13. ed. — São Paulo : Ática, 1982. (Vaga-lume)
	1. Literatura infanto-juvenil I. Título.
81-1648	J CDD—028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5

1982

*Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
R. Barão de Iguape, 110 — Tel.: PBX 278-9322 (50 Ramais)
C. Postal 8656 — End. Telegráfico "Bomlivro" — S. Paulo*



DADOS BIOGRÁFICOS

Lúcia Machado de Almeida nasceu na Fazenda Nova Granja, Município de Santa Luzia, Minas Gerais. Ainda criança, mudou-se para Belo Horizonte, onde fez o curso primário e o secundário no Colégio Santa Maria, de religiosas dominicanas. Estudou inglês, francês, história da arte, piano e canto.

Pertence a uma família de intelectuais. É irmã dos escritores Aníbal Machado, Paulo Machado e Carolina Machado, já falecidos; é casada com o museólogo Antônio Joaquim de Almeida, irmão do poeta Guilherme de Almeida.

Seu primeiro trabalho literário foi o poema "Desencanto", publicado no *Estado de Minas*, quando era adolescente. Seu primeiro livro — *Estórias do Fundo do Mar* — foi publicado alguns anos depois. A partir daí, todas as suas obras têm obtido grande sucesso e seu nome figura hoje com destaque em nossa literatura infanto-juvenil.

Entre os vários prêmios que conquistou, destacam-se: *Medalha de Ouro da Bienal do Livro*, de São Paulo; *Prêmio Othon Bezerra de Mello*, da Academia Mineira de Letras; *Prêmio Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro; *Prêmio da Fundação Cultural de Brasília*; além da condecoração *Stella della Solidarietà* (medalha de mérito cultural do Governo Italiano); *Diplôme d'Honneur*, da Aliança Francesa; medalha de *Chevalier des Arts et des Lettres*, do Governo Francês; *Medalha Rio Branco*, do Ministério das Relações Exteriores do Brasil; *Medalha da Inconfidência* (mérito cultural); *Medalha de Bronze*, da Academia Mineira de Letras; *Medalha Carlos Chagas*, da Associação Médica de Minas Gerais.

OBRAS DA AUTORA

Estórias do Fundo do Mar
Lendas da Terra do Ouro
O Caso da Borboleta Atíria
Viagens Maravilhosas de Marco Pólo
O Escaravelho do Diabo
Passeio a Sabará
Passeio a Diamantina
Aventuras de Xisto
Xisto no Espaço
Xisto e o Pássaro Cósmico
Passeio a Ouro Preto
Passeio ao Alto Minho
A Vida é Fantástica
Roteiro das Cidades Históricas de Minas
Spharion — Aventuras de Dico Saburó

AVENTURAS DE XISTO

MAL acabou de nascer, Xisto olhou para sua mãe Oriana e sorriu um sorriso tão alegre e simpático que a boa senhora apertou o menino de encontro ao peito, sentindo que o iria amar muito.

Passava o tempo... Quando Xisto fez três anos, morreu-lhe o pai. Aos cinco, teve sarampo, e aos nove ficou de castigo por ter pregado um susto em seu mestre, que por pouco não endoideceu.

— Bruzo — disse ele a seu companheiro, o filho da ama. — Inventei uma brincadeira: quando o professor chegar, vamos fazer ele pensar que ficou surdo de uma hora para outra.

— Como? A gente vai dizer isso a ele? — indagou o menino, que era bastante simplório.

— Bobo! Claro que não... Você fingirá que está falando comigo e eu com você. Vamos ficar sérios e calados, mexendo com os lábios como se estivéssemos mesmo conversando. A gente faz gestos, etcétera e tal tudo em silêncio.

— Tá falado!

Quando o velho e rabugento senhor entrou na sala, os dois meninos começaram a brincadeira, com toda a gravidade. O resultado foi que, depois de algum tempo, a vítima arregalou os olhos, inquieta, sacudiu a cabeça, pôs a mão no ouvido e deu um grito, exclamando:

— Estou surdo!

O fim do caso já se sabe... O mestre ouviu a própria voz e... coitado de Xisto! Foi para o quarto sem ganhar pastéis de queijo — seu prato predileto — e ficou privado de brincar com Bruzo uma semana!

Razões de sobra tinha a mãe para gostar muito daquela criança. Sim, pois jamais iria haver no mundo mais generoso coração, mais lúcida inteligência e mais nobre alma que a de Xisto! É verdade que era danado de guloso... mas quem é que não tem os seus defeitos? O menino foi crescendo, virando gente.

E eis Xisto em plena adolescência... Bonito? Talvez não. Muito simpático, apenas. Entretanto, mesmo sem ser belo — acreditem ou não — Xisto era um encanto!

Quanto a Bruzo, engordou e ficou barrigudo, mas cresceu pouco. Amigo de Xisto desde a infância, continuou a sê-lo na adolescência. Pena que tivesse o raciocínio um tanto confuso, mas... o que lhe faltava em inteligência, sobrava-lhe em lealdade, dedicação, e... força física.

Eis que chegou a hora de falarmos sobre a pátria de nosso herói, cenário de algumas de suas aventuras... Tratava-se de um reino situado num enorme continente que se perdia no meio do mar, ignorado pelo resto do mundo. Governava-o Magnoto, o Cacheado, soberano risonho e justo, dono de uma copada cabeleira loura cheia de caracóis. Apesar de corajoso, El-Rei parava de sorrir e sentia um certo mal-estar quando ouvia falar em bruxarias e encantamentos. Sim, pois no tempo de Xisto, os feiticeiros ainda não haviam sido completamente expulsos da terra. De vez em quando ouvia-se falar numa donzela transformada em perereca, ou num menino convertido em pedra, mas... era tudo.

Ora, aconteceu que, certa manhã, Xisto e Bruzo saíram pelo mato à procura de framboesas.

Depois de algum tempo, sentiram fome e entraram numa gruta a fim de comer a merenda que haviam levado. Quando estavam na sobremesa, escutaram um ruído de passos que se aproximavam.

— Vamos nos esconder depressa — exclamou Xisto.

Num instante ajuntaram os restos da comida no guardanapo e ocultaram-se atrás de uma grande pedra que havia na caverna. Logo depois, entrou um extravagante cava-



*Entrou um extravagante cavaleiro muito alto e magro,
envolto numa capa negra, de gola levantada.*

lheiro muito alto e magro, envolto numa capa negra, de gola levantada. Um grande chapéu preto de abas largas caía-lhe pela testa abaixo, semi-escondendo-lhe a fisionomia.

Não desconfiando da presença de estranhos, a esquisita criatura tirou do bolso um pequeno ramo de folhas recobertas por uma espécie de penugem e por três vezes fez um X com elas na parede. No mesmo instante algumas pedras se deslocaram e apareceu um pequeno e misterioso nicho.

— Mas que planta será aquela?

— Bruzo, meu velho... é a papa-moscas... aquela que dá no alto do Pico das Estrelas, lembra-se?

— Poxa! Será a que comia mosquitos?

— Isso mesmo.

Ouvindo o ruído da conversa, o homem do chapéu desabado interrompeu o que estava fazendo e olhou desconfiado para os lados. Não vendo nada, julgou que fosse um inseto que estivesse zumbindo, e continuou o trabalho. Então, com grande cuidado, retirou de dentro da capa um embrulho preto e o colocou no fundo do nicho.

Feito isso, tornou a roçar três vezes o tal ramo na parede, que se fechou novamente, ficando tudo como dantes.

Pouco depois o cavalheiro alto se retirou com toda a calma e desapareceu na curva do caminho.

— Aquele sujeito é bruxo!... — exclamou Xisto excitadíssimo, saindo de trás da pedra. — Você não viu o jeitão dele? E repare só como a parede continua lisinha...

— Bruxo!... — disse o outro, de olhos arregalados.

— Vamos descobrir o que está naquele embrulho! Vamos subir ao Pico das Estrelas. Precisamos da planta pra abrir a parede do mesmo modo que o homem de preto.

Decididos a arranjar um ramo da planta carnívora, os dois amigos se prepararam para escalar a montanha. Com bastante dificuldade começaram a subir, arranhando-se aqui e ali entre a vegetação do lugar. O solo era ferruginoso e a todo o momento os dois esbarravam em pedaços de minério.

Quando já chegavam ao Pico das Estrelas, Xisto gritou de repente:

— Bruzo! Bruzo! Corre aqui depressa! Repare só naquilo ali!...

Desenhadas no chão, achavam-se enormes e esquisitas marcas de um sapato cuja ponta deveria ser fina como a de uma faca!... Um pé muito longo e magro os devia ter calçado.

— O bruxo! — exclamou Xisto.

Não havia dúvida! O homem andara por ali, certamente atrás da planta.

— Vamos seguir as suas pegadas! — comandou Xisto.

Acompanhando as marcas, subiram mais um pouco, deram algumas voltas e, já quase no pico, foram ter a um arbusto com alguns ramos cortados.

— A papa-moscas! — gritou Xisto, vitorioso. — Que barato!

Tratava-se realmente de um pequeno arbusto mais conhecido pelo nome de planta carnívora. Uma leve penugem recobria-lhe as folhas, de onde saíam gotas de um líquido brilhante e gelatinoso. O inseto que pousasse nelas era imediatamente envolvido pelos fios que se fechavam sobre ele. A planta começava a soltar então um suco digestivo que se espalhava pelo corpo da vítima, dissolvendo-o e absorvendo-o completamente. Xisto cortou um raminho do arbusto e guardou-o no bolso.

— Talvez seja melhor deixarmos o negócio da gruta pra amanhã — disse Bruzo.

— Qual nada! E se o bruxo voltar e tirar o embrulho? Vamos hoje mesmo. Melhor descer logo a montanha.

A descida correu sem maior novidade.

— Ainda bem que não perdi a planta — disse Xisto, apalpando os bolsos.

Impacientes como estavam, correram logo para a gruta, onde entraram cautelosamente. Uma vez lá dentro, começaram a fazer tal qual a misteriosa personagem de preto.

Xisto passou três vezes o ramo na parede, como se desenhasse um X, e viu que as pedras começavam a se deslocar, deixando o nicho à mostra! Lá estava o pacote preto, assim mesmo como o sujeito o deixara. O moço retirou-o, com o coração aos pulos, e depois colocou no lugar dele os ossos do frango que haviam comido.

— Pra que isso? — perguntou Bruzo.

— Quero pregar uma peça naquele cara! Vai levar um sustão, encontrando uma ossada de galinha em vez do embrulho. . .

Depois tornou a passar o ramo nas pedras, como fizera antes, e a parede se fechou outra vez.

— Estou louco de curiosidade! — exclamou Xisto, saindo da gruta. — Vamos abrir o pacote depressa.

E soltou um grito de surpresa ao ver o que estava dentro do papel preto.

Um livro! Mas que livro esquisito, poxa!

Encadernado num couro parecendo pele de sapo, e todo encardido, como se fosse muito velho.

Ao abri-lo, Xisto, emocionado, leu: "MANUAL SECRETO DOS BRUXOS".

O MANUAL SECRETO

COMO vocês viram, Xisto e seu amigo Bruzo ficaram, por acaso, de posse do *Manual Secreto dos Bruxos*. No canto, ao alto da primeira página, havia uma dedicatória vermelha, talvez escrita com sangue humano! Dizia assim:

"Ao incomparável Minoco, lembrança de seu Amigo Durga."

Embaixo lia-se um aviso:

"Se por acaso este livro cair em mãos profanas, cuidado!"

Quem o encontrar não deverá mostrá-lo a ninguém, nem falar dele a pessoa alguma. Do contrário será imediatamente transformado em pássaro, a fim de que não sejam revelados os segredos dos bruxos”.

— O livro das feitiçarias! — gritou Xisto no auge do espanto. — Nossa! E o tal cara de preto se chama Minoco! Mas isso é fabuloso!

— Que barato! Que legal!

Entusiasmados, os dois amigos começaram a examinar o incrível achado.

Logo nas primeiras páginas encontraram a receita de um certo pudim cabalístico, recomendado como alimento diário a todo feiticeiro que desejasse manter as suas faculdades extraordinárias:

“— Um copo de leite de morcego;

— três ovos de urubu;

— meia xícara de água de chuva (chovida em sexta-feira);

— dez colheres de miolos de coruja, em pó;

— cozinha-se em fogo fátuo (brando) até ficar em consistência de creme”.

— O camarada que provar isso vira bode no mínimo — comentou Xisto, dando risada. — Mas... que porcaria!... Nossa!...

Bruzo, de olhos arregalados, continuava sério, como se não estivesse achando graça nenhuma.

Folhas adiante, havia uma página de modas: “ENXOVAL COMPLETO PARA BRUXOS ELEGANTES E FEITICEIRAS DISTINTAS”.

— Olhe uma capa igual à de Minoco! — disse Bruzo, apontando para um desenho.

Havia diversos tipos de vassouras, com e sem cabelo, modelos de saquinhos para pós mágicos, etc.

A parte final do livro, “CONSELHOS SALUTARES AOS BRUXOS”, interessou profundamente a Xisto. Era nada mais, nada menos, que um manual resumido, onde o autor recomendava aos feiticeiros que evitassem isso ou

aquilo, a fim de não perderem os seus poderes. Por exemplo, abrindo ao acaso a letra S, Xisto encontrou a palavra "Sapo". Bruxos que se disfarçam em sapos e que transformam os inimigos nesses batráquios. "Fugi dos lugares onde há orquídeas. O contacto dessas flores, enquanto estiverdes metamorfoseados, ser-vos-á fatal".

Xisto ficou algum tempo com o livro na mão, enquanto seu olhar se perdia na distância. Percebia-se que tinha o pensamento muito longe.

— Bruzo! — exclamou ele subitamente, agarrando o braço do amigo. — Tomei uma resolução! Vou sair pelo mundo endireitando coisas erradas! Esse livro que acabamos de encontrar vai me ajudar muito. Já estou sacando tudo. Por ele ficarei conhecendo o "ponto fraco" dos feiticeiros e aprenderei o meio de libertar a humanidade desses malvados. E, além disso, há tanta gente miserável e desprotegida necessitando de auxílio! Posso contar com você?

— Poder, lá isso, pode. Mas já pensou nos perigos que vamos correr?

— Não seja medroso. Quem tem coragem, força de vontade e um ideal dentro do peito, vence tudo.

— Que palavras bonitas, Xisto! Nossa! Até parece discurso...

— Besteira! Vamos já contar a mamãe o que nós resolvemos. Mas ninguém no mundo deverá saber que possuímos o *Manual Secreto dos Bruxos*. Do contrário vai tudo por água abaixo. Você promete guardar segredo?

Já estava ficando tarde e os dois amigos resolveram voltar imediatamente para casa. Xisto embrulhou o livro e escondeu-o debaixo do manto.

Mal haviam andado alguns metros, um vulto negro e alto surgiu na curva do caminho.

— Xi...is...to... O...lhe... aqui...lo... a... li! — gaguejou Bruzo, tremendo de medo.

— Minoco! — exclamou Xisto. — Vamos nos esconder depressa!

Não havia tempo a perder, e os dois correram para trás da primeira moita que encontraram.

— Está vindo em nossa direção! — comentou Xisto, angustiado.

— Descobriu a gente! Caímos na pior, meu velho! — acrescentou o outro.

O bruxo veio vindo!... veio vindo, e... desviou-se para o outro lado. Em seguida entrou na gruta, lá ficando alguns minutos. Depois saiu e voltou pelo mesmo caminho, com o passo apressado.

— Será que ele foi buscar o livro? — perguntou Bruzo, receoso.

— Sei lá... De qualquer modo viu que foi logrado e deve estar danado da vida!

— E se desconfiar que fomos nós?

— Não há perigo. Com certeza está longe de perceber o que aconteceu, e está convencido de que só um outro bruxo seria capaz de abrir paredes daquele jeito. De qualquer modo, Bruzo, nunca mais poremos os pés nesta gruta... É bem possível que ele fique espreitando por aí. Vamos embora.

— Grandes novidades! — gritou Xisto, chegando em casa e abraçando a mãe, que o esperava já inquieta. — Bruzo e eu estamos querendo sair pelo mundo endireitando coisas erradas. Vou ser cavaleiro andante. No duro, mesmo!

— Que idéia é essa, filho? O mundo está se modificando e quase já não há mais cavaleiros andantes. Você está falando sério?

— Seríssimo.

— Xisto, você é tão moço ainda! Quase uma criança! Dezessete anos apenas... Não sabe quase nada da vida. Há traições e perigos por todos os lados. E — o que será o pior de tudo — encontrará feiticeiros pelo caminho.

— Mãe, e se eu lhe disser que fiquei conhecendo o segredo dos bruxos?

Oriana arregalou os olhos, entre incrédula e assustada. Teria seu filho ficado doido?

Percebendo o que se passava no espírito dela, Xisto teve vontade de lhe contar tudo. Mas... e o aviso na primeira página do livro? O único jeito era ficar mesmo calado.

— Mãe, confie em mim — disse ele.

— Você sempre mereceu minha confiança, Xisto.

À noite, sozinho no quarto, Xisto recomeçou a folhear o *Manual Secreto dos Bruxos*. A luz da vela punha estranhas sombras nas páginas, que ainda mais encardidas lhe pareceram.

De repente deu um pulo na cama. Como não percebera logo uma indicação tão preciosa? Na última página achava-se uma lista dos quatro últimos feiticeiros que restavam sobre a Terra com as datas dos respectivos nascimentos! Xisto fez a conta para saber a idade deles e ficou boquiaberto! Minoco tinha setecentos e quatro anos; um tal Jacomino andava pelos quinhentos e vinte; e Durga — o mais velho e poderoso de todos — acabara de fazer novecentos e noventa! Durga... O que oferecera o livro a Minoco! Um milênio de existência dedicada ao mal! Fredegonda, a única feiticeira-mulher do grupo, era um broto em relação aos outros, pois tinha apenas dois séculos!

O mais esquisito de tudo é que, ao lado de cada nome, havia uma frase inexplicável, como se fosse uma espécie de charada...

“Fredegonda — ‘Senhora Dos Que Voam, Mas Não São Aves’;

Jacomino — ‘O Que Se Alimenta Do Humo Da Terra’;

Minoco — ‘O Senhor Do Tempo’;

Durga — ‘O Que Vê Sem Ser Visto’.”

Muito misterioso aquilo tudo... De qualquer modo tratava-se de uma indicação preciosa, pois as palavras deveriam ter qualquer relação com a personalidade dos bruxos.

Algum dia, as circunstâncias haveriam de esclarecer tudo. Xisto custou a dormir aquela noite... Que dia tão cheio de emoções! Estava decidido, entretanto. Pediria a El-Rei Magnoto que o armasse cavaleiro andante, e sairia

por terras e mares, protegendo os fracos e lutando contra as forças do mal.

E assim, empolgado por tão generoso impulso, Xisto escondeu o livro numa pequena arca, fechou-a a chave, deitou-se e dormiu.

MIRTOFREDO BARBA-COQUE

PASSAVAM-SE os dias, e os dois amigos continuavam firmes em seu propósito de sair pelo mundo endireitando coisas erradas. Uma decisão dessas requeria tempo e muitos preparos até ser posta em prática, entretanto.

Xisto, por mais que tentasse, não conseguia decifrar as charadas, referentes aos bruxos, encontradas no *Manual*.

— Descobri o que aquelas charadas querem dizer! — exclamou Bruzo, certo dia, depois de profundas meditações.

— Duvido, meu velho — disse Xisto, incrédulo.

— Fredegonda governa uma legião de anjos! — afirmou ele, triunfante.

— Como?

— Não estava escrito que ela era “Senhora Dos Que Voam, Mas Não São Aves”? Só anjo é que voa sem ser ave.

Xisto sorriu e abanou a cabeça negativamente, enquanto seu amigo continuava:

— Minoco deve morar dentro de algum relógio velho, grande e abandonado, pois é “Senhor do Tempo”. E com certeza Durga fica olhando os outros pelo buraco da fechadura.

— Por quê? — indagou Xisto, divertido.

— “O Que Vê Sem Ser Visto”... É ou não é o que estou pensando?

— Quem sabe? E Jacomino, “O Que Se Alimenta Do Humo Da Terra”?

— Bem... esse aí está meio difícil... Para mim, o bruxo sofre de alguma doença esquisita, daquelas que fazem a gente ter vontade de comer terra...

Xisto achou graça, mas continuou pensativo.

Querido Bruzo! Honesto e amigo como ninguém! Viver a seu lado requeria paciência e compreensão, entretanto. Era simplório, vagaroso no raciocínio. Que culpa tinha ele de ser assim? Xisto bem sabia que, se ele, Xisto, nascera com uma inteligência lúcida, a verdade é que nada fizera para merecer isso. Mais tarde teria de dar contas a Deus da aplicação que fizesse dela, isso sim.

Alguns dias depois dessa conversa, uma notícia gravíssima espalhou-se por todo o país: o nefando Mirtofredo Barba-Coque, vizinho e inimigo figadal de El-Rei Magnoto, o Cacheado, mandara um mensageiro avisar à população de que, dali a sete dias, viria com seus guerreiros atacar o reino.

Mirtofredo era tão odioso e estava de tal modo certo da vitória, que se divertia, alarmando antecipadamente o povo com aquele desafio. Malvado!

O alvoroço foi geral. Sua Majestade saboreava um faisão ao molho pardo quando soube da novidade, e levou tal susto que se engasgou com um osso da referida ave, perdendo o fôlego e quase morrendo sufocado.

Felizmente os médicos da corte eram hábeis e, não sem algum esforço, conseguiram salvar Magnoto.

— Estamos perdidos! — exclamou El-Rei, apavorado.
— Barba-Coque é invencível!

Tinha todas as razões para pensar assim! Mirtofredo era temível não só por sua crueldade e ousadia, como principalmente por causa dos dezoito mil e quinhentos cavalos gigantes que possuía. Cavalos selvagens, especialistas em coices mortais! Ai daquele que fosse atingido por uma daquelas patas!

E com isso os guerreiros de Mirtofredo levavam enorme vantagem sobre qualquer inimigo, pois os tais cavalos galopavam com uma velocidade dez vezes maior que os

comuns, o que facilitava extraordinariamente os ataques e as retiradas.

Alarmado, Magnoto prometeu um prêmio de um bilhão de "pazuzas" — uma verdadeira fortuna em dinheiro — a quem conseguisse defender a cidade.

Alguns moços apresentaram sugestões, mas nenhuma delas parecia boa.

— Precisamos de idéias novas, de gente inteligente. . .
— suspirava Magnoto, aflito.

Xisto ficou pensativo ao saber do caso. E se tentasse achar uma solução? Deixaria para depois o seu plano de acabar com os bruxos. Os feiticeiros que continuassem na Terra alguns meses mais! Seu primeiro dever — ele bem o sabia — era defender sua terra e sua gente.

Depois de pensar muito, sua fisionomia se iluminou:

— Mas essa idéia é um barato! — exclamou ele, entusiasmado.

E foi imediatamente ao castelo do rei para lhe comunicar seu plano.

Magnoto, o Cacheado, possuía uma copada cabeleira loura composta de dez filas de ondas e de cento e oitenta cachinhos da grossura de um dedo cada um. Parecia até peruca feita com um colosso de salsichas.

Ao ver Xisto entrar na sala do trono, sorriu-lhe e disse:

— Não és o filho de Oriana?

— Para servir-vos — tornou Xisto, fazendo uma reverência e assumindo uma atitude formal.

— Contaram-me grandes coisas a teu respeito — continuou o rei. — Soube que és inteligente, leal e corajoso.

— Obrigado, Majestade — murmurou Xisto, abaixando os olhos, timidamente.

Sua Alteza pigarreou e depois soltou um longo e doloroso suspiro que veio lá do fundo de seu real peito.

"Preocupações ou excesso de calor?", pensou Xisto consigo mesmo. Sim, pois era verão, e El-Rei deveria estar suando um bocado com aquela espessa fonalha loura em cima da cabeça.

— Que ameaça sobre tua terra, meu caro jovem! Que ameaça — repetia Magnoto, sacudindo as mãos gordinhas e brancas, mais brancas ainda junto ao vermelho vivo do traje. — E por mais corajosos que nossos guerreiros sejam — continuou ele — jamais poderão medir forças com soldados que avançam montados em cavalos gigantes!

— Bem o sei, Majestade — tornou Xisto. — Trago-vos entretanto um plano com o qual espero não só vencer Mirtofredo, como também afastá-lo para sempre de vosso reino.

El-Rei ficou muito interessado:

— Porei à tua disposição quantas armas e soldados quiseres — disse ele.

— Não preciso de uma coisa nem de outra. Peço-vos apenas que confieis em mim e que me permitais conservar secreto o meu plano.

— Tens liberdade de agir como melhor entenderes — tornou Magnoto. — Entretanto talvez não saibas que Barba-Coque é o maior “fripalta” (bandido, na língua do país) jamais surgido por estes lados! Contaram-me que suas tropas são formadas de gente da pior espécie. Para fazer parte delas, o candidato deve ter assassinado no mínimo cinco pessoas e é obrigado a apresentar provas de que praticou uma das seguintes ruindades: ter furtado o único bem de uma viúva desamparada; incendiado um asilo de órfãos ou velhos indigentes; roubado o saquinho de esmolas de algum cego paralítico.

— Infames! — exclamou Xisto, trêmulo de indignação! — Ficai tranqüilo, Alteza! Isso há de ter um fim!

— Não te esqueças de que, se fores bem sucedido, receberás um bilhão de “pazuzas” de prêmio — disse Magnoto, ao despedir-se.

— A recompensa material não me interessa — disse Xisto. — Bastar-me-á a alegria de bem servir Vossa Majestade e a glória de libertar meu país de um “fripalta”!

E eis o mocinho metido na primeira de suas mirabolantes aventuras!

Xisto começou a fazer passeios misteriosos pelas montanhas, apenas acompanhado de Bruzo. Costumavam sair cedo, voltando à noitinha. Oriana, ligeiramente inquieta, notou que seu filho se fechava no quarto durante horas e horas, conservando a vela acesa até alta madrugada. Ao perguntar-lhe o que significava aquilo, Xisto sorriu, beijou-lhe a testa e disse apenas:

— A senhora acredita em mim ou não? Espere um pouquinho só.

MISTERIOSA ARTIMANHA DE XISTO

PASSARAM-SE três dias e o povo começou a ficar impaciente. — Afinal de contas quais são as medidas que Sua Majestade está tomando para enfrentar Mirtofredo? — perguntavam.

— El-Rei só tem tempo para frisar os cento e oitenta cachinhos — comentou um linguarudo.

— Que injustiça e que falta de respeito! — protestou alguém. — Os cabelos de Sua Alteza são naturalmente ondulados, e que culpa tem ele de ter sido mimoscado pela natureza com esses ornamentos capilares? Fiquem tranquilos. Nosso bom rei jamais entregaria seu povo ao inimigo.

Outros três dias se passaram, e nenhuma providência visível parecia ter sido tomada. Faltavam apenas vinte e quatro horas para a invasão de Barba-Coque. Cada qual se armou e preparou como pôde a fim de repelir o inimigo.

Oriana insistiu em ficar junto do filho. Entrando no quarto dele para buscar qualquer coisa, surpreendeu-se ao encontrar uma grande caixa de madeira, cujas paredes, ainda inacabadas, eram de extraordinária grossura. E, além disso, descobriu um par de rodas, como se o rapaz estivesse fabricando uma carreta. . .

Apesar de confiar em Xisto, El-Rei Magnoto ordenou que todo o reino se preparasse para uma grande batalha. Os guerreiros andavam de um lado para outro, alimentando os cavalos e afiando suas armas. Cerca de mil vigias com trombetas instalaram-se nos pontos mais altos da cidade, que era toda cercada de muralhas, a fim de anunciarem, com antecedência, a aproximação do inimigo. Tudo isso não iria adiantar nada! Com alguns coices apenas, os cavalos selvagens de Mirtofredo derrubariam tudo e todos!

Fechado em seu quarto, Xisto continuava mais misterioso que nunca. Na véspera do dia marcado para o ataque, Bruzo foi ao castelo de El-Rei com um recado: o filho de Oriana pedia a Sua Majestade que continuasse confiante. O tempo era curto, mas ele tudo faria para terminar sua obra antes do ataque inimigo.

Ninguém dormiu aquela noite. Logo ao amanhecer, Magnoto foi pessoalmente inspecionar as tropas. Um silêncio mortal, que falava mais que qualquer palavra, se fazia ouvir... Esperava-se a cada momento o sinal de alarme, e respirava-se traição e perigo por todos os lados. Dir-se-ia que o ar estava impregnado de fluidos pestilentos! Cerca de meio-dia as trombetas começaram a tocar. Formava-se ao longe uma gigantesca nuvem de poeira que se movia com espantosa rapidez. Mirtofredo aproximava-se das portas da cidade! O odioso ser tinha dois metros de altura e possuía barba virgem, isto é, que nunca fora cortada. Para protegê-la, enrolava-a num coque e metia-a num guarda-barba que era uma espécie de rede tecida com fios de seda.

— Alerta! O inimigo avança! — gritavam os soldados de Magnoto, apavorados.

O espetáculo era realmente assustador!

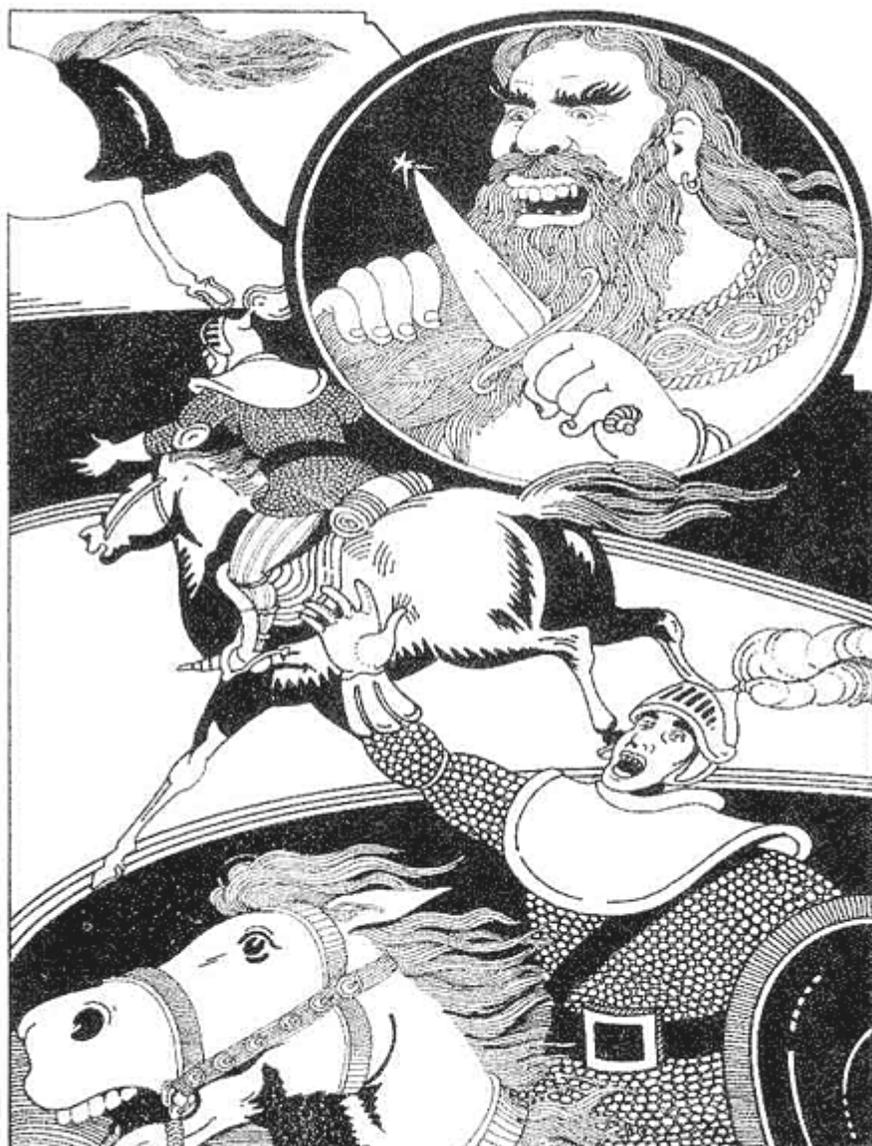
Montados nos imensos cavalos selvagens, lá vinham os homens de Barba-Coque, protegidos por couraças e capacetes de ferro! E davam gritos agudos, que se confundiam com o relinchar infernal dos animais.

Não havia dúvida: Xisto fracassara!

Prontos para enfrentarem os invasores, os guerreiros de Magnoto achavam-se concentrados junto às portas da cidade. Compunha-se o exército de vinte esquadrões de cavalaria, cujos soldados eram hábeis arqueiros e besteiros. Da infantaria participavam algumas centenas de homens, munidos de escudos e armados de lanças, espadas e clavas de aço.

Lá fora, as tropas inimigas iniciavam violento ataque à porta principal da cidade. Obedecendo às ordens de comando de Mirtofredo, dadas por meio de uma enorme trompa de chifre de búfalo, cujo som rouco lembrava os uivos de um gigante, os cavalos começaram a dar coices ritmados no portão. Dir-se-ia que centenas de martelos funcionavam simultaneamente, tentando arrombar aquele obstáculo, enquanto vários guerreiros experimentavam escalar as muralhas. Finalmente, não resistindo à violência do assalto, o grande portão cedeu.

Então, cinco ou seis medonhos cavalos penetraram imediatamente na cidade e desandaram a dar coices nos soldados de Magnoto, que, apavorados, procuravam borrifá-los com azeite fervendo, retirado de enormes caldeirões colocados em cima de fogueiras. O pânico já começava a se alastrar entre as tropas quando, subitamente, a coisa mais absurda que se possa imaginar principiou a acontecer: os cavalos do inimigo começaram a ser arrastados para trás, enquanto os capacetes e as couraças dos guerreiros eram arrancados das cabeças e peitos de seus donos, voando pelos ares em direção da retaguarda! Tinha-se a impressão de que o exército inteiro de Barba-Coque estava sendo irresistivelmente atraído por misteriosa e poderosa força que agia do lado oposto! E, na confusão daquele inexplicável fato, animais e soldados iam esbarrando em morros e árvores inteiramente descontrolados! Ouviam-se gritos, exclamações e gemidos por todos os lados! Deslizando às cegas, os cavalos como que escorregavam rapidamente pelo mesmo caminho por onde tinham vindo. O choque brutal das ferraduras de encontro às pedras do caminho produzia



Cavalgando de costas, o inimigo tentava inutilmente dominar a situação.

fagulhas que se desprendiam com estrépito, enquanto o chão ia ficando marcado de sulcos profundos.

Cavalgando de costas, pois se achava voltado para o reino de Magnoto, o inimigo tentava inutilmente dominar a situação. E assim foi sendo arrastado até sumir na distância.

O mais estranho é que aos soldados do rei nada aconteceu, como se as muralhas da cidade os isolassem e protegessem contra aquela misteriosa atração. Apenas cinco ou seis deles, que se achavam em frente ao portão arrombado, tiveram suas couraças arrancadas e arrastadas para longe.

— É inexplicável o que acabamos de presenciar! Espantoso! Mirabolante! — exclamava El-Rei, entusiasmado. — Dir-se-ia obra de bruxaria! Posso garantir-vos, entretanto, que isso foi trabalho de nosso amigo Xisto.

— Aquele moço não é feiticeiro, Alteza, e só por meio de artes mágicas poderia ser explicado um fato desses — ponderou o general-chefe das tropas.

— Qual nada! O menino tem aquilo que governa o mundo, apesar de tudo — disse o rei, pondo simbolicamente a mão na testa e no peito. — Xisto nasceu com uma inteligência fora do comum, uma força de vontade sem limites, e pôs essas faculdades a serviço dos mais altos ideais de seu nobre coração.

— Viva Xisto! — gritaram todos. — Queremos Xisto! Queremos Xisto!

O moço, entretanto, ainda continuava desaparecido. El-Rei estava aflito por encontrá-lo a fim de saber ao certo como as coisas se haviam passado.

O desastre nas tropas do inimigo havia sido completo! Alguns cavalos morreram por causa dos ferimentos, outros ficaram inutilizados para sempre. Uma verdadeira desgraça!

Alucinado, Barba-Coque teve tanto ódio ao verificar a extensão de suas perdas, que arrancou violentamente a rede que trazia no queixo, desembainhou a espada, e, de um só golpe, cortou a dita barba inteirinha!

Apesar de toda a sua fanfarronice, o "fripalta" jurou a si mesmo jamais tornar a pôr os pés naquele reino. O tal Magnoto tinha parte com o diabo, isso sim!

E ninguém prestou atenção num velhinho que saiu calmamente pela estrada, empurrando uma carreta coberta de feno. Se a examinassem bem, descobririam uma grande caixa de madeira disfarçada entre o capim.

E, se puxassem a barba do ancião, veriam que era postiça e que ele ainda não tinha nem vinte anos!...

A INCRÍVEL EXPLICAÇÃO

X ISTO foi recebido com grandes honrarias no castelo de Magnoto. El-Rei chamou-o particularmente e pediu-lhe que contasse tintim por tintim a aventura toda.

— Majestade — começou ele, cerimoniosamente — nada mais fiz que pôr a serviço de minha pátria um segredo da natureza que descobri por acaso.

— Como? — perguntou o rei, cheio de interesse.

— Um dia eu estava explorando o Pico das Estrelas com meu amigo Bruzo, quando uma coisa inexplicável aconteceu: a picareta que eu carregava foi violentamente arrancada de minhas mãos, voando pelos ares até uma certa distância. Assustado, corri naquela direção e vi que o instrumento se achava agarrado ao solo. Ao tentar apanhá-lo senti que ele oferecia resistência, como se alguma força poderosa o prendesse no chão. Insisti na tentativa, e, com grande dificuldade, consegui levantar a picareta, que no mesmo instante voltou a ser arrancada de minhas mãos, como da primeira vez. Bastante intrigado, improvisei algumas ferramentas de pau e comecei a escavar no solo, até que, a cerca de um metro de profundidade, encontrei um pedaço de minério escuro e brilhante. Tratava-se, nada

mais nada menos, de um bloco de magnetita concentrada, dotado de alto poder de imantação! Estava explicado o que acontecera com a picareta: as pontas de ferro do instrumento haviam sido arrastadas pela tremenda força de atração daquele poderoso ímã natural. Repeti a experiência e a mesma coisa aconteceu. Decidido a guardar reserva sobre o fato, tornei a encher o buraco de terra, e tudo continuou como dantes. Mal sabia eu que logo iria ter oportunidade de tirar partido dessa descoberta em benefício da minha pátria! Quando Barba-Coque ameaçou invadir o reino, imediatamente bolei o seguinte estratagema: transportar o bloco de magnetita para as terras do inimigo a fim de utilizar as suas propriedades de ímã junto às ferraduras dos cavalos, armaduras e capacetes de ferro dos soldados de Mirtofredo.

— Esplêndido, esplendoroso, meu caro Xisto! Esplendidamente esplêndido! — interrompeu El-Rei em delírio. Continua, por favor.

— Meu plano era fazer com que o bloco de magnetita atraísse os cavalos, impedindo o avanço dos guerreiros de Barba-Coque. Era-me necessário, entretanto, descobrir um material isolante qualquer e fabricar com ele uma caixa, na qual o minério pudesse ser protegido e transportado até o campo inimigo, a fim de exercer as suas propriedades de atração somente no lugar e no momento desejado. O tempo era pouco, e tão logo cheguei à conclusão de que a madeira servia para aquele fim, pus-me a trabalhar sem descanso até fabricar uma grande caixa de jacarandá. Inventei um mecanismo com o qual eu podia abaixar ou suspender rapidamente a tampa da frente do caixote como se ele fosse um alçapão. Esse engenho permitia-me “regular” a ação do ímã, fazendo-o funcionar, ou não, de um momento para outro, conforme a necessidade. Então, com o auxílio de Bruzo, levei a caixa numa carroça até o Pico das Estrelas. No lugar exato, cavamos o chão e, com grande dificuldade, retiramos o pesado bloco de magnetita e o colocamos dentro do caixote, deixando cair logo a tampa, a fim de “isolar”

o ímã. Os preparativos haviam gasto cerca de uma semana e faltavam apenas vinte e quatro horas para o ataque de Barba-Coque, quando eles ficaram concluídos. Bruzo encheu a carroça de feno para disfarçar, e eu arranjei umas barbas postiças, com as quais me tornei irreconhecível. Infelizmente não alcancei o reino de Mirtofredo a tempo de impedir a marcha de suas tropas. De qualquer modo, logo que cheguei lá, conduzi minha carroça para um terreno que ficava justamente atrás do quartel de seus soldados, e me pus em ação.

— Ninguém desconfiou de nada? — perguntou Magnoto.

— Ninguém. Aliás a cidade se achava muito vazia, porque toda a população estava participando do ataque ao nosso reino. O que eu planejava, aconteceu. Alguns minutos depois, notei que, atraídos pelo bloco de minério, chegavam pelos ares capacetes e couraças de ferro, assim como cavalos gigantes cujas ferraduras estavam sendo arrastadas pela poderosa força magnética!

— Soberbo! Magnífico! — exclamava El-Rei, batendo palmas e dando pulinhos de entusiasmo.

— Em algum tempo, as tropas de Barba-Coque se achavam no seu ponto de partida. Meu plano dera maravilhoso resultado! Mais que depressa tornei a cobrir o caixote com o feno e comecei a observar discretamente os acontecimentos. A confusão foi enorme! Alguns soldados gemiam, outros gritavam; vários cavalos agonizavam com pernas destroncadas ou quebradas, um horror! E no meio de toda aquela balbúrdia, espalhou-se o boato de que Vossa Majestade tinha parte com o diabo...

— Aqui não voltarão mais, garanto-lhe — comentou El-Rei sorrindo.

— Acabava de conseguir o que queria, e senti que seria grande imprudência continuar por mais tempo nas terras de Mirtofredo, pois tinha medo que o stratagem fosse descoberto. E assim, bem disfarçado, voltei calmamente, sem incidente algum.

— Bravos! Bravos! — exclamou Magnoto. — A corte e o povo devem tomar conhecimento desse fato, verdadeira obra-prima de inteligência e astúcia.

— Vossa Majestade exagera — tornou Xisto, modestamente. — Permitti-me uma sugestão, entretanto. Melhor será que tudo fique entre nós dois. Se o segredo for divulgado, deixará de ser uma arma em vossas mãos.

— Que devo explicar ao povo então?

— Dizei apenas que o inimigo foi vencido através de um recurso natural do qual vos servireis todas as vezes que for necessário. E, com isso, sereis temido por todos os vossos desafetos. A caixa de madeira ficará em vosso poder para sempre.

— Guardá-la-ei na torre de pedra do castelo, a fim de evitar que algum curioso se atreva a examiná-la — continuou o rei.

— Ótima idéia.

— O bilhão de “pazuzas” é teu — disse Magnoto. — Além disso, pede o que quiseres. Sou poderoso, e minha gratidão não tem limites.

— Rogaria a Vossa Majestade que mandasse distribuir o dinheiro entre os pobres e me fizesse um certo favor. . .

— De que se trata, meu amigo?

Xisto hesitou um pouco e depois disse:

— Quero ser cavaleiro andante e peço a autorização de Vossa Majestade para que essa honra me seja concedida, apesar da minha pouca idade. Dezesete anos, apenas!

El-Rei mostrou-se surpreso, e perguntou:

— Que te faz assumir uma tão grande responsabilidade, menino?

— Um compromisso que tomei diante de mim mesmo para com a humanidade.

Magnoto ficou pensativo e tornou:

— Bem, farei o que desejas, se bem que muito me custe saber que vais abandonar a tua pátria.

— Por algum tempo apenas, Majestade.

XISTO CAVALEIRO ANDANTE

EL-REI Magnoto decidiu armar Xisto cavaleiro andante, apesar de não ter este ainda vinte e um anos, conforme exigiam as regras da cavalaria.

Segundo o ritual, o candidato deveria não só passar em orações a véspera do dia marcado para a cerimônia da sagração, como também tomar um grande banho, a fim de purificar o corpo.

Ora, aconteceu que, ao entrar na água, Xisto achou-a tão fresquinha e gostosa, que começou a dar mergulhos no grande tanque de pedra, fingindo de peixe. . . Durou tanto a brincadeira que o rapaz acabou se resfriando e apanhando uma tremenda gripe. E, com isso, a cerimônia teve de ser adiada. . . O moço ficou febril e completamente rouco.

— Xisto, Xisto, você está melhor? Já entrou numa boa? — perguntou Bruzo.

O pobre gripado, inteiramente afônico, murmurou qualquer coisa. Percebendo que seu amigo estava sem voz, o futuro escudeiro de Xisto começou a falar baixo também, aproximou-se da cama e sussurrou-lhe perto do rosto:

— Desejo que você sare logo, ouviu? Amanhã vou ao Pico das Estrelas e vou trazer um pouco de mel de abelhas pra você.

— Que segredos são esses? — indagou rindo Oriana, que vinha chegando.

Bruzo assustou-se, voltou a si da distração em que caíra, e respondeu, em voz alta:

— Nada. . .

Uma semana depois o rapaz já estava completamente bom. O grande dia chegou, finalmente. Numa das salas do castelo, Xisto todo de branco e revestido de uma espécie de camisola feita de anéis de ferro entrelaçados, prepara-



Xisto ajoelhou-se e, com um nó na garganta, jurou em voz alta proteger as viúvas, os órfãos e oprimidos.

va-se para ser armado cavaleiro por Magnoto, a quem havia escolhido para padrinho. Auxiliado por seus duques, arqui-duques, condes e viscondes, barões e baronetes, El-Rei calçou-o com esporas de ouro, e entregou-lhe a espada e o cinturão. Xisto ajoelhou-se e, com um nó na garganta, jurou em voz alta proteger as viúvas, os órfãos e oprimidos.

Sua Majestade pronunciou então as palavras de praxe, sagrando-o cavaleiro e aplicou-lhe três palmadas na nuca, segundo o ritual.

Fez isso com tal vigor que Xisto ficou uma semana com dor no pescoço.

Mas voltemos à cerimônia: Magnoto entregou-lhe a couraça, o elmo, o escudo, a lança e, em seguida, colocou a espada na cintura de Bruzo, declarando-o escudeiro.

Assim armado, o novo cavaleiro desceu ao pátio do castelo, a fim de cumprimentar a multidão que o esperava. Então, ao som de clarins e trombetas, cavalgou o seu alazão e percorreu a cidade em marcha triunfal. Estava terminada a solenidade.

A noite houve um esplêndido banquete no castelo.

Comeu-se, riu-se e bebeu-se a mais não poder, até o fim da festa.

Passaram-se alguns dias, até que chegou o momento de Xisto sair para enfrentar o mundo. Os preparativos já estavam prontos. O *Manual Secreto dos Bruxos* foi cuidadosamente enfiado num saquinho de couro, que o próprio Xisto costurou em sua roupa, junto ao peito.

— Traga sempre isso no bolso — disse ele ao escudeiro, estendendo-lhe um misterioso pedaço de pano grosso em forma de máscara.

Bruzo achou aquilo muito esquisito mas não perguntou nada. Confiava em seu amigo, e... era tudo.

Desejando que o primeiro alimento do filho no caminho fosse feito por suas próprias mãos, Oriana preparou pastéis de queijo para ele e Bruzo. No dia seguinte cedo, ouviu ruídos de conversa na cozinha e foi ver o que era:

— Este aqui é maior — dizia uma das vozes.

— Você já tem quatro dos grandes! — protestava a outra.

Mal contendo o riso, Oriana viu que Xisto e Bruzo mediam os pastéis dividindo-os igualmente em dois pacotes. Como seu filho ainda era criança, meu Deus! E haveria de ser sempre assim: um misto inesperado de infantilidade e heroísmo, ingenuidade e bom senso. . .

Finalmente chegou a hora da partida. El-Rei Magnoto, ao despedir-se de seu jovem amigo, disse, comovido:

— Vai, Xisto! Eleva bem alto o nome de nossa bem-amada Terra!

E assim, usando armadura completa, partiu o nosso herói, montado num cavalo alazão, acompanhado de seu escudeiro, o feio, barrigudo e fiel Bruzo.

Seriam a inteligência de Xisto e a força de seu amigo suficientes para vencerem os poderes mágicos dos bruxos? Ninguém seria capaz de imaginar os perigos terríveis que aguardavam aqueles dois jovens!

À PROCURA DOS FEITICEIROS

A TRÁS de quem iriam primeiro? Viveriam os quatro bruxos no mesmo lugar? De uma coisa Xisto e Bruzo estavam certos: Durga e Minoco eram amigos, o que se tornara claro pela dedicatória encontrada no *Manual*. Inútil seria traçar um plano, entretanto. Talvez fosse melhor andar sem destino, ouvindo, observando, até que as circunstâncias indicassem o caminho a seguir.

Nada de novo aconteceu nos primeiros dias.

Mal nascia o sol, lá iam eles pela estrada afora sem rumo certo até que chegasse a noite. Frequentemente dormiam ao ar livre mesmo, olhando a lua e os astros. Quando encontravam uma hospedaria, instalavam-se nela, ansiosos por ouvir uma conversa que esclarecesse alguma coisa. Eis

senão quando... Bem, melhor será contar o fato tal qual aconteceu: exausto e desanimado, depois de um dia de inúteis pesquisas, Xisto desceu do cavalo, retirou a armadura e deitou-se na relva junto de um muro de pedras. Era quase noite.

— Descanse um pouco, Bruzo — disse ele ao companheiro. — Não tenho a menor idéia do que espera a gente. De qualquer modo preferiria mil vezes enfrentar um perigo muito grande a continuar assim como estamos, sem orientação alguma.

Mal Xisto terminara essas palavras, ouviu um ruído seguido de vozes do outro lado do muro. Com a curiosidade desperta, os dois amigos começaram a escutar. Um gato negro passou diante deles, miando agourentamente e desaparecendo na neblina que começava a cair e envolver as coisas num halo de irrealidade e de sonho.

— Estou com fome — gemia uma voz rouca, de timbre feminino.

— Mau... mau... — comentou uma voz de homem, imperiosa e cruel.

— Acho que vou matar Elisena e assá-la no espeto — continuou a mulher.

— Elisena está muito magra. Mata Floripes, sua boba — acrescentou a voz masculina. — Está mais gorda...

— Não agüento... A fome é grande demais! Vou comer a que pegar primeiro!

Tudo silenciou depois

— Não é possível! — exclamou Xisto baixinho, pálido de emoção. — Fredegonda!

Bruzo, que tremia dos pés à cabeça, repetia num sussurro:

— A... bru...xa!... E vai nos matar também!

Sim, não poderia haver dúvidas: parecia tratar-se realmente de Fredegonda, em macabro diálogo com algum colega de feitiçarias!

Xisto, num ímpeto de entusiasmo, retirou o *Manual Secreto dos Bruxos* da sacola que trazia no peito, jurando

a si mesmo exterminar a nojenta criatura, e libertar as donzelas Elisena e Floripes.

De repente a voz feminina começou a gritar:

— Pega! Pega! — enquanto se ouvia um ruído de correria, que fazia estalar as folhas secas do chão.

— Cerca Floripes daí, enquanto eu cerco daqui — dizia a voz masculina.

Emocionado, Xisto murmurou a Bruzo:

— Chegamos na horinha! Antes de mais nada precisamos salvar a tal Floripes.

Dizendo isso, subiu no muro e desembainhou a espada.

— Essa não, porque está choca — dizia a mulher para o homem, que segurava uma galinha branca. A perseguição continuou no meio da gritaria das aves que cacarejavam contra aquela invasão em seus domínios.

Finalmente, Floripes, uma gorda carijó, foi agarrada com grande satisfação da fazendeira, que já antegozava a boa ceia que iria ter.

— E eu que imaginava Floripes loura, moça e bonita! Também nunca vi pôr nome de gente em bicho — disse Xisto desapontado, descendo do muro, e voltando para junto de Bruzo.

Na manhã seguinte os dois amigos continuaram a viagem.

— Xisto — disse Bruzo muito sério. — Estive pensando e cheguei à conclusão de que “O Que Vê Sem Ser Visto” deve ser mesmo alguém que fica olhando escondido pelo buraco da fechadura.

— Lá vem você com suas besteiras... — tornou Xisto, rindo e esporeando o cavalo.

O que houve de mais importante nos dias que se seguiram foi um torneio realizado numa pequena cidade, ao qual Xisto concorreu, saindo vitorioso e ganhando a primeira das cinco mil e quinhentas condecorações que iria merecer e que o tornariam o cavaleiro mais medalhado da crosta terrestre.

Pobre Xisto! Mal sabia ele que nem sempre suas aventuras teriam aquele cômico desfecho!... Floripes... Elisena...

O HOMEM-PLANTA

DEPOIS de alguns meses de viagem através de precipícios e desfiladeiros, os dois amigos chegaram a certa planície onde viram os muros e castelos de uma cidade junto da qual havia uma grande floresta que se estendia a perder de vista. A brilhante armadura de Xisto chamou a atenção dos moradores, que perguntavam uns aos outros quem seria aquele cavaleiro desconhecido, tão magnificamente aparelhado.

Pretendendo oferecer os seus serviços ao rei do país, Xisto dirigiu-se ao castelo, encontrando Sua Majestade na sala do trono. Mal haviam começado a conversa, eis que chega um dos barões da corte a dizer com ar desolado:

— Nada foi encontrado, Majestade. Nem o cadáver de vosso amigo, nem suas roupas, nem indício algum que pudesse esclarecer qualquer coisa.

— Céus! — bradou o rei pondo as mãos à cabeça. — Mais um que desaparece misteriosamente na Floresta Negra. Oitocentas e nove pessoas já lá ficaram sem que ninguém pudesse adivinhar como e nem por quê!

Xisto soube então que todos os que entravam à noite na tal floresta sumiam de modo inexplicável, e nunca mais se ouvia falar deles. Dir-se-ia que se haviam evaporado... O mais estranho é que isso só acontecia com os que iam à noite. Grupos de voluntários haviam se oferecido para decifrar o mistério, e fizeram batidas na floresta durante o dia, sem resultado algum.

— Mora alguém no tal bosque? — perguntou Xisto.

— Não — respondeu o rei. — Mas já deve ter sido habitado, pois existe lá uma cabana de madeira em ruínas.

— Bem que eu gostaria de descobrir o segredo da floresta — disse Xisto.

— Muito agradeço o teu nobre interesse — tornou o rei —, mas de modo algum posso consentir numa loucura dessas. Há sete gerações que essa floresta é maldita e que dela não voltam os que lá vão à noite.

O moço não deu resposta e ficou pensativo. O rei fez questão de hospedá-lo e a seu escudeiro no próprio castelo. Mal chegou a noite, Xisto esperou que todos se recolhessem e que Bruzo começasse a dormir. Por volta das vinte e três horas saiu cautelosamente em direção à floresta.

Havia nela qualquer coisa de lúgubre que realmente impressionava. Segurando uma lanterna acesa, o moço foi se embrenhando pela mata adentro. Com os sentidos aguçados, estremecia cada vez que ouvia o pio de alguma coruja ou que enxergava um par de olhos brilhantes fitando-o no meio da ramagem. Havia luar, e, se por um lado a claridade facilitava, por outro, tornava mais assustadora ainda a jornada, pois a cada passo o moço tinha a impressão de encontrar duendes e fantasmas, que nada mais eram que as sombras das árvores projetadas no caminho.

Depois de andar cerca de duas horas sem que nada de extraordinário acontecesse, Xisto chegou a uma larga clareira onde havia uma cabana em ruínas.

Bastante intrigado, aproximou-se, depois hesitou e teve ímpetos de voltar. O desejo de esclarecer o mistério e de ser útil à gente daquele reino o impeliu para a frente, entretanto.

De coração aos pulos, entrou cautelosamente pela porta entreaberta. Sua sombra desenhou-se logo, imensa e negra nas paredes da cabana, que a luz da lanterna mostrou serem de madeira escura, carcomida pelo tempo. O assoalho

estava cheio de fendas, e as traves do teto ameaçavam ruir a cada momento. Dois morcegos voavam de um lado para outro, e um rato escondeu-se numa fresta.

Firmemente decidido a cumprir sua missão até o fim, Xisto se dispôs a passar a noite naquele horrível lugar. Retirou a grossa capa que trazia nas costas, estirou-a no chão e deitou-se, disposto a ferrar no sono o mais depressa possível.

Afinal de contas, disse ele para si mesmo, nada houve de anormal.

Bocejou, apagou a lanterna e rezou, pedindo a Deus que o ajudasse de um modo ou de outro. Alguns minutos de silêncio absoluto se passaram. Xisto estava já no semi-torpor que precede o sono, quando ouviu um ruído estranho, como se alguma coisa pesada se estivesse aproximando aos saltos!

De um pulo levantou-se e iluminou a cabana, olhando para a janela aberta, de onde vinha o rumor. Como que intimidada pela claridade, a “coisa” parou, pois não se ouviu mais ruído algum.

“Foi um pesadelo”, pensou Xisto, sem dar grande importância ao fato.

De qualquer modo decidiu conservar a lanterna acesa. Mais alguns minutos de silêncio. Súbito, o ruído de saltos recomeçou, dessa vez abafado e pausado como se muito cuidado estivesse sendo empregado na locomoção do misterioso ser.

Então, de olhos arregalados pelo medo, Xisto viu que um comprido galho de árvore cheio de folhas se introduzia pela abertura da janela! A “coisa” foi entrando, entrando, até que um arbusto inteiro saltou dentro do quarto postando-se na frente dele!

Mal acreditando no que via, Xisto reparou que a planta diminuía, pouco a pouco, até se metamorfosear num estranho ser, misto de gente e de vegetal, enquanto sentia um

forte cheiro de terra molhada. A esquisita criatura tinha uma pele áspera e nodosa da qual saíam como que raízes fininhas iguais às das plantas! Os olhos redondos, grandes e saltados eram vermelhos e faziam lembrar duas cerejas maduras.

Num segundo, Xisto percebeu tudo: Jacomino!

Sim, era "ele"! Ele, "O Que Se Alimentava Do Humo Da Terra", conforme estava revelado no *Manual Secreto dos Bruxos!* Meio homem, meio árvore, com quinhentos e vinte anos de idade!

— Maldito! — disse a incrível criatura, com uma voz que pouco tinha de humana, pois se assemelhava ao crepitar de folhas secas atingidas pelo fogo. — Transformar-te-ei em árvore, como a todos os que ousaram penetrar à noite em minha floresta!

"Que horror!" pensou Xisto. "Jacomino 'arboriza' as pessoas!" E começou a sentir a estranha sensação de que o seu sangue já se estava transformando em seiva... De repente teve uma idéia genial e disse:

— Somos amigos, Jacomino.

— Como sabes que me chamo Jacomino?

— Foi Durga quem me mandou aqui — tornou Xisto, sem saber como iria terminar aquela perigosa conversa.

Curioso, Jacomino aproximou-se do moço, que suava frio, mas fazia esforços incriveis para disfarçar o medo.

— Onde está Durga? — perguntou-lhe o homem-planta.

Xisto ia responder qualquer coisa quando ouviu um tropel de cavalos.

— Transforme-se em árvore depressa! — ordenou ele ao bruxo. — Aí vem gente! Voltarei logo! Esconda-se!

Jacomino começou a metamorfosear-se outra vez, criando tronco, vários galhos e folhas como uma verdadeira árvore, e saiu rapidamente pela mesma janela por onde entrara.

O SEGREDO DE JACOMINO

DESEJANDO guardar segredo sobre o acontecido, o moço deitou-se, fingindo dormir.

— Xisto! Xisto! — gritaram vozes lá fora.

Um minuto depois Bruzo, acompanhado de três cavaleiros que traziam archotes, entrou na cabana.

— Que susto! — disse Bruzo. — Por que saiu sem avisar a gente! E logo pra esse lugar horrível e perigoso.

— Caprichos, meu chapa — disse Xisto, ainda mal refeito da emoção que lhe causara o encontro com Jacomino. — Que idéia foi essa de acordar de noite e descobrir que eu tinha saído? — perguntou ele.

— Estava com dor de garganta e resolvi levantar pra fazer uns gargarejos — respondeu Bruzo.

— Sempre a eterna mania de doenças! E como foi, seu bandido, que você desconfiou que eu estava aqui?

— Somos amigos há muitos anos — tornou Bruzo. — Vamos voltar logo, antes que alguma coisa esquisita aconteça.

Os cinco homens montaram a cavalo e foram para a cidade. Era madrugada quando chegaram. El-Rei ficou intrigado sabendo que Xisto fora sozinho à floresta sem que nada de anormal acontecesse.

— Será que acabou a maldição? — comentou ele, quase satisfeito.

— Dê-me alguns dias mais de prazo pra responder isso — disse Xisto.

Mal se viu só no quarto, o rapaz trancou a porta e abriu o *Manual Secreto*, procurando a secção dos Conselhos

Salutares aos Bruxos. Buscando na letra A, encontrou a palavra "arborizar": "bruxos que se metamorfoseiam em árvore e que transformam nesse vegetal os seus inimigos. Evitar o fogo a todo o transe nas noites de lua crescente".

— É por isso que Jacomino receia as pessoas que vão à floresta durante a noite! — exclamou Xisto, radiante por ter descoberto o ponto vulnerável do homem-planta.

Bruzo soube de tudo em detalhes e prometeu guardar segredo. Ora, aconteceu que a Lua estava no minguante, e os dois amigos tiveram que esperar ainda alguns dias para tomar as providências necessárias.

Finalmente chegou o tempo esperado. Sem dizer nada ao rei do país, Xisto preparou-se para a perigosa missão. Somente Bruzo sabia dos planos.

— Se conseguirmos pegar fogo em Jacomino enquanto ele estiver metamorfoseado em árvore, vai ser muito legal. Teremos que agir depressa, antes que ele possa se transformar em gente.

— Por quê? — perguntou Bruzo.

— Só enquanto estão debaixo da forma humana é que os bruxos têm o poder de metamorfosear os inimigos em bichos ou em coisas.

— Imagine só, Xisto, nós dois criando folhas e virando planta! Seria bem gozado... Mas como é que você vai descobrir Jacomino transformado em árvore, no meio de todo aquele matagal?

— Aí é que são elas... — tornou Xisto.

E explicou seu plano ao amigo.

Naquela noite, estando a Lua em quarto crescente, os dois saíram às escondidas. Xisto ia na frente usando uma túnica branca e segurando a lanterna acesa, enquanto Bruzo, vestido de preto, para melhor disfarce, seguia-lhe os passos discretamente.

— Jacomino! Jacomino! — dizia Xisto, chamando o bruxo e dirigindo-se às árvores.



Ansioso por libertar Xisto, Bruzo tentou abrir o ramo que se enroscava como uma cobra no corpo de seu amigo.

Ninguém respondeu. Mais uma hora de inúteis pesquisas se passou. Soprava o vento, sacudindo os ramos e as folhas que soltavam gemidos quase humanos.

Tropeçando aqui e ali, tremendo de medo, Bruzo acompanhava, disfarçadamente, os passos de seu amigo a uma certa distância.

— Jacomino! Jacomino! — insistia Xisto, dirigindo-se à clareira onde ficava a cabana.

De repente aconteceu uma coisa que quase o fez desmaiar de susto: ao passar junto de uma certa árvore, um galho dela se foi abaixando, abaixando até quase lhe tocar o rosto. Percebendo tratar-se do homem-planta, Xisto tossiu alto, a fim de avisar Bruzo, conforme estava combinado.

No mesmo instante uma espécie de tocha acesa foi lançada na direção da árvore, atingindo-a em cheio. O fogo começou a alastrar-se enquanto um dos ramos tornou a abaixar-se e se estendeu rapidamente, agarrando Xisto, apertando-o e levando-o para o alto. Dois segundos depois, Bruzo, saltando do barranco onde se achava escondido, atirou-se no meio das chamas, e subiu na árvore humana, cujos galhos se moviam agitadamente de um lado para outro.

Ansioso por libertar Xisto, Bruzo tentou abrir o ramo que se enroscava como uma cobra no corpo de seu amigo, asfixiando-o pouco a pouco. O bruxo lançava mão de seu único recurso, pois, uma vez tocado pelo fogo, em noite de lua crescente, não lhe era possível a metamorfose. . . Depois de alguns minutos de luta, na qual Bruzo utilizara a sua força fenomenal, o galho relaxou-se, e Xisto caiu ao chão desacordado, ferido e ligeiramente queimado.

Bruzo, com os cabelos chamuscados, saltou para baixo, exausto, suado e trêmulo, enquanto o fogo se alastrava rapidamente pela árvore que pronunciava palavras desconhecidas numa voz que nada tinha de humana! De repente, saiu dela uma espécie de foguete, que subiu em linha reta para o alto, estourando no céu com tal alarido que todo o bosque estremeceu. E foi tudo.

Abalado por tantas sensações, Bruzo caiu ao chão, atacado de súbita tonteira. Alguns minutos depois as coisas se normalizaram, e só então os dois compreenderam o grande perigo que haviam corrido.

— Poxa! . . . Que sustão! Só sei que lhe devo a vida — disse Xisto a seu amigo.

— Ora, deixe de tolices. . . Pra alguma coisa deve servir o meu muque, é ou não é?

O rosto e os braços de Xisto estavam cheios de equimoses, e de sua boca saía um pouco de sangue.

— O maldito homem-planta quase me esmigalhou os ossos! — gemeu ele.

Com surpresa, ambos verificaram que o bosque estava cheio de pessoas vestidas das mais diferentes maneiras. Havia ali gente trajada à moda de cem, duzentos, quinhentos anos atrás!

— Meu Deus! — exclamou Xisto. — Libertamos o pessoal todo que estava arborizado!

Assim fora realmente. Meia hora depois, aquela multidão já se falava e se entendia. Não tardou que viesse ao bosque o próprio rei, a cujos ouvidos chegara a espantosa novidade.

Grandes festas foram realizadas nos dias que se seguiram, enquanto Xisto, pouco a pouco, se restabelecia dos ferimentos.

El-Rei, cheio de gratidão, ofereceu-lhe uma riquíssima medalha, na qual se achava escrita esta frase: "Glória ao libertador da Floresta Negra".

Está claro que Xisto só contou ao rei metade da história. . .

Ansiosos por continuarem a viagem, os dois despediram-se de Sua Majestade e partiram bem cedo, certa manhã.

— De "O Que Se Alimenta Do Humo Da Terra" estamos livres! — exclamou Xisto.

AS FERAS-DO-AR

DEITADOS debaixo de uma árvore, Xisto e seu amigo repousavam. Seria bom que armazenassem forças, pois o caminho que seguiam enveredava por umas montanhas tão altas que não se lhes via o fim.

O filho de Oriana estava calado, e a expressão de seu rosto era grave e sonhadora. Que pensamentos tão sérios lhe estariam povoando a mente? Com certeza meditava na grande responsabilidade que assumira e media os riscos que ainda iria correr. “O Que Vê Sem Ser Visto”... “O Senhor do Tempo”... Sim. Razões de sobra tinha Xisto para preocupar-se!

— Ah! — gemeu alto. — Quando ficam torrinhos... Que delícia!

Surpreendido ao ouvir seu amigo pronunciar essa frase inexplicável, Bruzo olhou para ele, interrogativamente. Teria ficado doido? Piradinho?

Nada disso: Xisto pensava, nada mais, nada menos, que nos pastéis de queijo que sua mãe fazia... E com que saudades!

Depois de alguns minutos em que a citada iguaria foi detalhadamente lembrada e analisada, os dois se prepararam para a escalada. A montanha tinha pouca vegetação, e o caminho estreito era escorregadio e perigoso. Com grande cuidado foram subindo aos poucos, parando de vez em quando para ligeiro descanso.

Depois de meia hora de ascensão, perceberam que alguém lhes fazia sinais lá embaixo no vale. Observando melhor, viram que um homem procurava dizer-lhes por gestos que não continuassem a subida, enquanto, distante e vagarosa, a voz do eco repetia:

— Perigo! Perigo!

— Que droga! Vamos voltar? — sugeriu Bruzo, inquieto.

Xisto olhou para ele, sorriu e disse:

— O que vale é que o seu medo desaparece na hora do aperto. Quando nos metemos nisso, já sabíamos o que nos esperava. Eu continuo. Se você quiser voltar, pode.

— Vamos pra diante — decidiu Bruzo.

Não tardou para que os rapazes tivessem a oportunidade de verificar o bom senso do homem que os prevenira do perigo. Mal haviam subido uns trezentos metros, ouviram um ruído distante de vozes selvagens. Gritos estridentes, nada humanos, que se foram tornando mais fortes, para depois se enfraquecerem outra vez.

— Que será isso, meu Deus! — indagou Bruzo, com os olhos arregalados.

— Não vejo nada — tornou Xisto, observando a paisagem. Sucediãem-se montanhas e vales, sem que nada indicasse a origem do rumor. Depois de alguns minutos de espera, vendo que nada de anormal acontecia, os dois amigos continuaram o caminho. Mais adiante, já bastante cansado, Xisto apeou do cavalo e retirou a armadura, decidido a repousar um pouco.

Deitou-se no chão, e foi logo tomado por um sono leve. A Bruzo, bem mais forte do que ele, apenas bastaram alguns minutos de descanso, depois dos quais sentiu desejos de explorar o lugar.

Afastou-se a pé com cuidado para não acordar Xisto e mal conteve uma exclamação ao ver, na cavidade de um rochedo, um grande ninho. Dentro dele havia cinco ovos enormes, todos brancos, com pintas castanhas. Bruzo examinava-os, curioso, quando começou a ouvir aqueles terríveis gritos selvagens acompanhados de forte ruflar de asas. O ruído aumentou enquanto gigantescas sombras escuras se projetavam no chão. E, antes que pudesse tomar qualquer decisão, o escudeiro de Xisto se viu diante de um bando de medonhas e robustas aves que voavam rapidamente em sua direção.

Nossa! Como eram feias! Tinham uma cor escura acinzentada e algumas delas atingiam a quase três metros de comprimento! O bico era grosso, recurvado, e os olhos, vermelhos e injetados, refletiam a mais fria crueldade. As garras poderosas terminavam em unhas grosseiras e curvas, ávidas por se cravarem nas presas.

— As harpias! — gritou Xisto, que acordara com o barulho. — Corra, Bruzo. Fuja delas!

Tratava-se realmente de um bando de harpias, terror dos viajantes, mais conhecidas por “feras-do-ar”. Dizia-se que essas aves eram dotadas de força descomunal e que despedaçavam as vítimas, devorando-lhes a carne e reduzindo-as a simples esqueletos em poucos minutos.

Bruzo saiu correndo, sem saber para onde ir, pois não havia ali nenhum abrigo. Em sua pressa, tropeçou e caiu ao chão, levando tão forte pancada que ficou meio tonto. No mesmo instante as harpias avançaram sobre ele, fazendo-o sentir o seu hálito quente e nojento.

Uma delas chegou a bicar a mão de Bruzo, tirando-lhe um pedaço de carne. A dor e o susto fizeram com que o rapaz perdesse a consciência. Ao recobrá-la, abriu os olhos e soltou um grito de espanto, sentindo-se quase ileso e vendo a cena que o esperava. Achava-se rodeado de harpias, completamente imóveis, cada qual na mais extraordinária posição que se possa imaginar! Algumas estavam com o bico entreaberto; outras tinham uma perna levantada; estas apresentavam as asas em leque; aquelas mantinham o pescoço curvo, como se estivessem debruçadas sobre alguma presa!

Que as harpias continuavam vivas não havia dúvidas, pois os olhos delas se moviam de um lado para outro, fixando-se de vez em quando em Bruzo, com grande voracidade. Perplexo, o escudeiro não compreendia absolutamente o que havia paralisado os movimentos daquelas aves.

— Depressa, Bruzo! — gritou Xisto, de longe. — Precisamos sair quanto antes de perto do ninho das harpias!

Sem reparar que sua mão estava ensangüentada, Bruzo levantou-se e, acompanhado pelo olhar das feras imóveis, saiu correndo.

— Que negócio é esse? Que aconteceu? — perguntou ele a seu amigo.

— Quando sairmos daqui, eu conto. Vai ser chato se tivermos de suportar um novo ataque das harpias.

Montaram a cavalo e, num galope desabalado, desceram pela outra vertente da montanha, onde, por sorte, o caminho era largo e suave.

Ao chegarem na planície, Bruzo não agüentou mais a curiosidade e perguntou:

— Xisto, fale a verdade. Você virou bruxo? Que mágica foi essa que aprendeu?

— Ora, ora — tornou o outro. — Nada disso. Quando vi você desmaiado e percebi o perigo que estávamos correndo, abri o saco que sempre trago comigo e retirei lá de dentro o arco e aquele vidrinho azul. Sacou?

— O tal, cheio de um líquido misterioso, não é?

— Isso mesmo. Aquele líquido nada mais era do que um veneno chamado curare, tirado da casca de um cipó e que injetado em ser vivo, produz nele uma paralisia muscular durante certo tempo.

— Como assim, Xisto?

— O veneno age sobre o nervo do músculo, impedindo a contração deste.

— Você estudou um bocado, hem? Seu sabichão!

— Tolo! Se você, ao voltar a si, observasse bem as harpias veria que no corpo de cada uma delas havia uma pequena seta embebida em curare concentrado, para efeito mais rápido.

— É por isso que elas ficaram paralisadas de repente, cada qual na posição em que estava ao ser atingida pela flecha, não é? Xisto, você é genial! — exclamou Bruzo, cheio de entusiasmo.

— Não diga bobagens, e vamos cuidar de sua mão que está sangrando.

Os dois desceram do cavalo, e Xisto fez um ligeiro curativo no ferimento de Bruzo. Em seguida deitaram-se na relva e adormeceram. Um sono tranqüilo e profundo como não dormiam havia muito tempo. . .

“FRIPALTICES” DE MIRTOFREDO

UMA tarde Xisto e Bruzo encontraram uma hospedaria à margem do caminho e resolveram passar a noite nela. Mal entraram, viram alguns soldados assentados às mesas fazendo um barulhão, pois estavam meio embriagados.

— À vitória de Mirtofredo Barba-Coque! — gritou um deles subindo em cima da mesa, levantando o copo e bebendo vinho, no que foi imitado pelos companheiros.

Ao escutar o nome do inimigo de El-Rei Magnoto, Xisto prestou ainda mais atenção à conversa.

— Pelo que ouço, aquele “fripalta” anda por aqui — disse ele baixinho.

O álcool fazia seus efeitos, e os homens, entre gargalhadas, falavam em assaltos, emboscadas, etc.

Ansioso por saber o que estava acontecendo, Xisto arranjou um meio de interrogar disfarçadamente um dos soldados.

Apesar de bastante embriagado, o homem deixou escapar em resumo o seguinte: a rainha daquele país era uma velha e infeliz viúva, cega havia já bastante tempo. Aproveitando-se da circunstância, o torpe Barba-Coque estava se preparando para invadir o reino dentro de uma semana.

Indignado com tanta covardia, Xisto fingiu desinteresse e jurou a si mesmo aplicar uma grande lição no barbudo Mirtofredo. No dia seguinte procurou a rainha cega, contou-lhe o que ouvira e ofereceu-lhe seus serviços, prometendo proteger o reino contra o iminente ataque.

A velha senhora ficou muito comovida com a atitude de Xisto e deu-lhe plenos poderes para agir como bem entendesse, colocando todo o país à sua disposição.

— Se minha terra ficasse mais perto, buscaríamos o bloco de magnetita e a gente poderia usá-lo como da outra vez — disse Xisto.

— Será que os cavalos selvagens vão funcionar novamente?

— Na certa. Mas não há perigo. Tenho cá comigo um outro plano.

Debaixo da maior moita começaram os preparativos. Xisto convocou todo o pessoal da cidade e reuniu-os no castelo da rainha, que era enorme e tinha muitas salas. Durante sete dias e sete noites os homens, mulheres e crianças da cidade não fizeram outra coisa senão lhe obedecer as ordens.

No fim da semana, estava tudo preparado.

— Vamos esperar o inimigo fora das portas da cidade — disse Xisto.

* * *

Orgulhoso e insolente, Mirtofredo avançava com seu exército em direção ao país da rainha cega. Sua famosa barba vermelha, cortada num momento de fúria, já crescera novamente e aureolava-lhe o queixo como um resplendor de fogo.

Protegidos por couraças e escudos, os soldados vinham a todo o galope, montados nos cavalos selvagens que relinchavam, empinando-se a cada momento e levantando uma nuvem de poeira no meio do caminho.

— Às portas da cidade! — ordenou Mirtofredo, tomando o atalho naquela direção.

Antegozando o saque e a pilhagem, os guerreiros soltavam gritos e exclamações grosseiras.

Nisso, uma coisa espantosa os fez parar. Em marcha lenta, avançava para eles um grande exército de... gigantes!

Tinham quatro, cinco metros de altura, e uma fisionomia apavorante. Alguns exibiam duas cabeças; outros, serpentes em vez de cabelos... serpentes que se moviam de um lado para outro, como que ansiosas por se atirarem às presas! Este agitava desordenadamente os braços, sacudindo mãos duas vezes maiores que o próprio tórax, enquanto aquele abria e fechava o único olho que tinha na testa, brilhante como um espelho!

Apavorados, os guerreiros de Mirtofredo imediatamente assestaram os arcos e crivaram de setas o corpo dos gigantes. Inútil! Dir-se-ia que os monstros eram invulneráveis, pois continuavam marchando calmamente para a frente! O pânico espalhou-se num segundo pelas tropas de Mirtofredo, que começaram a recuar no meio da maior bagunça. Em vão Barba-Coque instigava seus homens a continuarem o avanço.

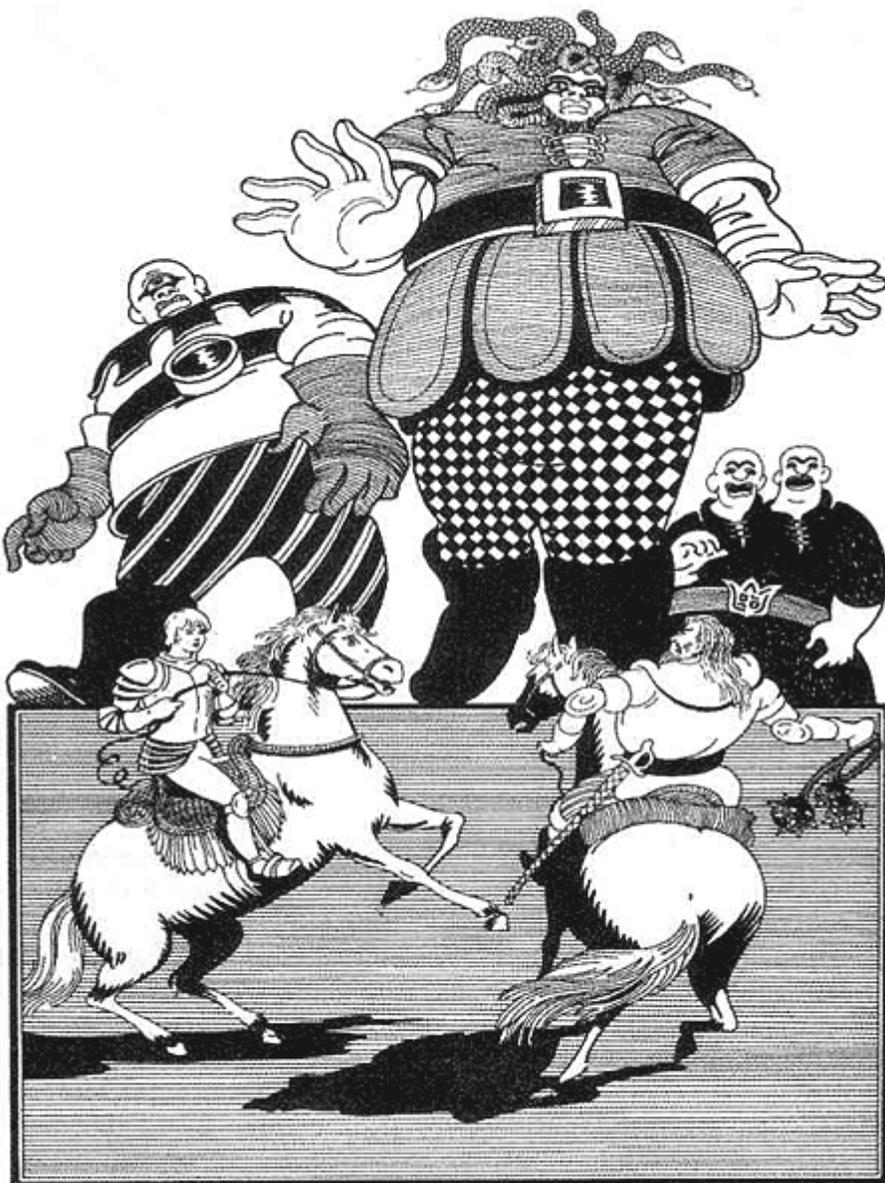
— A rainha é filha do diabo! — gritava um.

— Esse reino é maldito! — exclamava outro.

Somente após os primeiros momentos de pavor e surpresa foi que Mirtofredo descobriu Bruzo e a pequena figura de Xisto marchando a cavalo, comandando o exército de monstros.

Apesar do receio que os gigantes lhe inspiravam, Barba-Coque esporeou seu cavalo selvagem na direção do moço, a fim de atacá-lo.

Xisto mal teve tempo de colocar o elmo e de segurar a lança e o escudo que Bruzo lhe dava. Louco de raiva, Mirtofredo avançou para ele, empunhando uma espécie de chicote cheio de cadeias, das quais pendiam esferas de ferro crivadas de espigões agudos. Desrespeitando as leis da cavalaria, Barba-Coque não esperou que Xisto tomasse posição de combate e atirou-se a ele de surpresa, derrubando-o do cavalo. O moço foi tão infeliz no tombo que quebrou uma perna, ficando impossibilitado de se levantar.



Xisto mal teve tempo de colocar o elmo e de segurar a lança e o escudo. Louco de raiva, Mirtofredo avançou para ele.

Vendo-o em situação crítica, o covarde Mirtofredo arrancou-lhe o elmo e preparou-se para fustigar-lhe o rosto com o terrível chicote d'armas. Mais que depressa, Bruzo saltou sobre Barba-Coque e com a fenomenal força que possuía, conseguiu suster o golpe, segurando-lhe o braço.

O rosto do escudeiro estava vermelho, e de sua testa escorria muito suor. A certo momento Bruzo conseguiu derrubar Mirtofredo, que imediatamente se levantou, preparando-se para novo assalto.

Nisso, um dos medonhos gigantes de um só olho veio se aproximando numa corrida tão rápida quanto lhe permitia a sua elevada estatura. Percebendo que o monstro estava perto, Barba-Coque assustou-se e, apesar de seu ímpeto, desistiu do golpe que planejava, montou a cavalo e fugiu a todo o galope.

Teve azar, pois, ao sair atrás do exército que recuava, meteu-se por um desfiladeiro, e seu cavalo escorregou, rolando por um precipício à beira da estrada. Sua morte foi quase instantânea. Quanto aos seus guerreiros... ai deles! Já estavam longe e bem longe daquela terra onde nunca mais poriam os pés!

O primeiro cuidado de Bruzo foi socorrer o pobre amo, que gemia, com dores atrozes. A perna estava quebrada em dois lugares, e Xisto teve de ser carregado para o castelo da rainha, onde ficou de cama, completamente imóvel. A pobre senhora ainda ignorava o stratagema que ele usara para libertar o reino dos invasores e estava ansiosa por ouvi-lo. Depois de convenientemente tratado, o moço recebeu a visita da rainha.

— Sei que não és nenhum mágico — disse ela. — Contaram-me que sempre vences os inimigos por meio de recursos naturais. Que explicação me dás para o exército de monstros?

— Vossa Majestade deve lembrar-se de que durante sete dias e sete noites toda a população da cidade foi convocada para trabalhar. . .

— Trabalhar como?

— Fabricando gigantes de... madeira e... pano pintado!

— Pano pintado?

— Sim. Antes de tudo, planejei vários “monstros” cada qual mais feio do que o outro. Depois dividi o trabalho de modo que cada pessoa ficasse encarregada de determinada tarefa: uns riscavam e cortavam, outros pintavam ou preparavam a armação de madeira.

— Que idéia engenhosa! Mas como se explica que os gigantes andassem?

— Eram ocos, e dentro de cada um deles ia um homem que enxergava por pequena abertura disfarçada à altura dos olhos. Esse homem tinha nas mãos várias cordas ligadas à cabeça e aos braços do “monstro”, que eram puxadas à vontade, a fim de movimentar o rosto e os membros dos gigantes.

— Que imaginação, meu caro amigo! A ela e à tua generosidade devo a salvação de meu reino. Que desejas em troca, além da medalha que te vou dar? Pede o que quiseres.

— Vossa Majestade nada deve a minha pessoa, e sim a Bruzo e a toda a população que tanto colaborou comigo — tornou Xisto, modestamente. — De minha parte, basta-me a alegria de vos ter sido útil.

— Insisto em que manifestes algum desejo — tornou ela — pois será uma felicidade para mim satisfazê-lo.

Xisto pensou, pensou, e disse, afinal:

— Pastéis de queijo!

Imediatamente o cozinheiro preparou um colosso deles. Inútil será dizer que não se podia absolutamente compará-los com os que Oriana fazia! Quanto a Bruzo, foi presenteado pela rainha com uma besta de raça.

Xisto comeu pastéis de queijo todos os dias durante os quatro meses em que ficou naquele reino. Sim, porque só depois de todo esse tempo, pôde andar novamente.

A FUMAÇA QUE FAZIA RIR

— **X**ISTO — disse Bruzo, enquanto se afastavam do país da rainha cega — descobri que as doenças fazem muito mal ao organismo.

— Que idéia! — tornou o outro, achando graça. — Volta e meia você está pensando em doenças. . .

Assobiando, contentes, lá iam os dois pelo mundo afora, atravessando arrozais, campos de trigo, minas de carvão, lagos e desertos semeados de oásis. Passava-se o tempo, sem que nada de extraordinário acontecesse.

Certo dia, exaustos, depois de uma longa e penosa caminhada, os dois amigos encontraram as ruínas do que outrora teria sido um castelo. Pedacos de muros e paredes desmantelavam-se aqui e ali, num espetáculo de decadência e abandono.

Ervas e trepadeiras agrestes desenvolviam-se no meio das pedras, aumentando o aspecto desolador daquele lugar.

— Vamos descansar e arranjar camas fofas no meio do capim — disse Xisto, apeando-se do cavalo e retirando a armadura. Alguns minutos depois o rapaz já estava deitado num leito improvisado com folhas.

Bruzo desatrelou os cavalos e soltou-os numa clareira, a fim de pastarem. Em seguida voltou para junto do amo e deitou-se ao seu lado.

— Que estará pensando mamãe neste momento? — disse Xisto, quase para si mesmo, com o olhar perdido no espaço.

Bruzo ficou calado.

— Ah! se ela soubesse quanta coisa tem me acontecido! — continuou Xisto, enquanto uma onda de ternura lhe invadia o coração. Grande mãe aquela! Sacrificou o

desejo de ter junto de si o único filho, exclusivamente para o deixar livre de seguir um generoso impulso.

Estava nessas divagações, quando ouviu alguns rugidos acompanhados de um crepitar de folhas secas, pisadas.

— Será um leão? — disse Xisto, inquieto, pondo-se imediatamente de pé.

Os rugidos se repetiram, e dessa vez em coro, como se não fosse apenas um, mas vários animais que se estivessem aproximando.

Reparando bem, Xisto logo percebeu através da folhagem uma porção de jubas cor-de-areia que caminhavam em sua direção.

Tratava-se realmente de cerca de quinze ou vinte leões esfaimados, de aspecto feroz. Por duas vezes os bichos interromperam a marcha e ficaram parados, arfando as narinas, como que consultando o faro, a saber se era mesmo naquele rumo que se achava a presa.

— Ai de nós se estiverem buscando comida — exclamou Xisto, correndo para o lugar onde se achava o saco que o acompanhava sempre. — Que sufoco, meu Deus!

Não se enganara: as feras, alucinadas pela fome, já haviam percebido os cavalos que se refrescavam na água de um riacho próximo e corriam para eles, a fim de os atacar.

Mais que depressa, Xisto tirou do bolso e pôs no rosto uma espécie de máscara. Em seguida retirou do saco uma garrafa misteriosa e abriu-a, ordenando ao escudeiro:

— Trate de tampar imediatamente a boca e o nariz com aquele pedaço de pano grosso que está no seu bolso.

Bruzo obedeceu, sem perguntar para quê.

Enquanto isso, saltando sobre a besta que a rainha cega oferecera a Bruzo, um dos leões cravou-lhe no corpo as suas garras, ferindo-a de morte. Mais ariscos do que ela, os outros dois cavalos conseguiram fugir. Entretanto, ó surpresa! — em vez de estraçalhar e devorar a besta já sem vida, o leão . . . começou a rir. Sim, o leão ria a mais não poder, mostrando os dentes, e contorcendo-se todo, como a dar gargalhadas. Em menos de um minuto todos aqueles

animais pulavam, como se possuídos da maior alegria. Riam, riam, até às lágrimas, enquanto uma espécie de fumaça leve e sem cheiro se espalhava, rapidamente, pelo ar.

— Que foi isso? Que foi? — repetia Bruzo, espantado.

— Apanhe as selas e procure os cavalos! Vamos fugir quanto antes! — gritou Xisto, vestindo a armadura. — Depressa!

Por felicidade, os dois animais se achavam perto, e Bruzo logo voltou com eles selados.

— Pra longe! — gritou Xisto, montando em seu alazão.

E assim, deixando os leões a saltarem, rindo como loucos, os dois amigos partiram a todo o galope.

Só muito adiante, depois que o perigo cessou, foi que Xisto teve calma para conversar:

— Que susto, hem? — disse ele.

— Ah! minha besta de raça! — gemeu Bruzo. — Que droga!

— Dê graças a Deus de não ter ficado você no lugar dela — comentou Xisto.

— Que lance foi aquele da nuvem de fumaça?

— Artes deste cara aqui, meu velho.

— Não brinque, Xisto, o que foi aquilo afinal?

— Nada mais, nada menos, que um pouco de certo gás comprimido.

— Que gás?

— Bem, como você sabe, quando partimos do país de El-Rei Magnoto, trouxe comigo várias coisas que imaginei poderiam ser úteis em diferentes ocasiões. Da eficiência de uma delas você teve a prova quando fomos atacados pelas “feras-do-ar”. Essa fumaça contida na garrafa é apenas um gás que descontrola inteiramente quem o aspira, provocando uma violenta excitação nervosa que se manifesta, ora por acessos de risos, ora por crises de choro (*).

— Como você conseguiu a tal fumaça que faz rir?

(*) Trata-se de gás hilariante.

— Aquecendo o azoto de amônio e recolhendo o gás comprimido na garrafa.

— Quanta coisa você sabe, Xisto! — exclamou o escudeiro, boquiaberto. — Ninguém pode com você, Xisto!

— Sou pobre, Bruzo e minha riqueza é essa.

— É verdade — tornou o outro, pensativamente. — “Pazuzas” acabam e podem ser roubadas ou perdidas: sabedoria nunca.

— Avante! — gritou Xisto, esporeando o cavalo.

E sumiram na curva do caminho.

O CAVALEIRO SEM CABEÇA

A FAMA de Xisto crescia cada vez mais. Reparando injustiças, protegendo fracos e pobres, lá ia ele pelo mundo afora, semeando alegria, tranqüilidade e... ganhando medalhas.

Jantou em palácios, dormiu em cavernas, conheceu guerreiros generosos e bandidos sanguinários, apaixonou-se algumas vezes por moças, bonitas algumas, outras apenas simpáticas.

Certa tarde, Xisto e Bruzo, já bastante cansados, entraram numa gruta para repousar.

Lembrando-se de que seu amigo fazia anos naquele dia, Bruzo colheu algumas flores silvestres, arrumou-as em buquê e veio oferecê-las ao amigo, dirigindo-lhe uma saudação.

— Nesta noite de luar... — começou ele.

— Luar, como? — interrompeu Xisto. — Não vejo lua nenhuma!

— É que... é que... é tão bonito falar em luar, Xisto.

O moço riu-se e foi dormir, lembrando-se de alguém que provavelmente estaria pensando nele naquele momento: sua mãe.

No dia seguinte, cedo, o moço resolveu andar pelos arredores, a fim de explorar o terreno. Ali, já quase próximo, se achava o perigoso país de Vilebrodo, o tirano, e todo o cuidado era pouco. Mal havia andado um pouco, Xisto viu alguma coisa que o fez estremecer: nitidamente desenhadas no chão, lá estavam marcas de sapatos muito longas... finas... pontiagudas...

— Bruzo! Bruzo! — gritou ele, excitadíssimo — Minoco passou por aqui! Venha depressa! Alguma coisa muito séria vem pintando por aí...

O escudeiro correu para lá e quase desmaiou de susto, reconhecendo aquelas marcas. Cheios de emoção, ambos se puseram a seguir as pegadas. Infelizmente o rastro se perdia no meio do mato, e não foi possível lhe acompanhar o rumo.

— Não há dúvida! — exclamou Xisto. O perigo está se aproximando. E o pior é que não poderemos continuar sem atravessar o reino desse tal Vilebrodo. Que droga!

— O que é que você sabe desse homem? — perguntou Bruzo.

— Assassinou o rei, usurpou o trono e é temido pelo povo dominado pelo terror.

— Xisto, vamos desistir desse negócio e voltar pra trás? — disse Bruzo.

— Agora é tarde. Deixe Vilebrodo comigo. Espero saber lidar com ele. Sou até capaz de ir lhe fazer uma visita, logo que chegarmos à cidade.

Assim dizendo, Xisto armou-se e montou a cavalo, acompanhado pelo escudeiro. À tarde, depois de uma longa caminhada, avistaram as torres e os muros da cidade. Ao descerem uma serra, acharam-se diante de uma ponte guardada por um misterioso cavaleiro que exhibia riquíssima armadura negra enfeitada de prata. Seu cavalo também era negro e tinha pêlo brilhante como seda. Tomados de surpresa, Xisto e Bruzo estancaram.

— Quem sois? — indagou o misterioso personagem.

— O cavaleiro Xisto e seu escudeiro Bruzo.

— Que desejais?

— Apenas permissão para negociar durante algum tempo no país.

— Passai, mas lembrai-vos de que melhor será não vos intrometerdes na vida de ninguém.

E depois de dar esse estranho aviso, o cavaleiro, sempre montado, afastou-se. Cerca de cem metros adiante parou, retirou o elmo e depois continuou sua marcha.

— Xi... is... to... o... lhe... a... qui... lo... a... li — gaguejou Bruzo numa voz de falsete que ele só tinha quando estava morrendo de medo.

Xisto olhou e... teve um susto. O cavaleiro não tinha cabeça!

Sim. Afastando-se cada vez mais, lá ia aquela armadura negra em cima do cavalo, enquanto, preso aos arreios, descansava o elmo retirado da cabeça... que não existia! Aterrado, com uma idéia que teve, Xisto sentiu tudo girar em torno de si.

“Nossa! Não é possível!” disse ele para si mesmo. E segurou fortemente as rédeas do cavalo até que passasse a tontura. Quando se sentiu melhor, apeou-se do alazão.

— O que é que você tem, Xisto? — perguntou Bruzo ainda trêmulo, e alarmado com a palidez do amigo.

— Nada — disse o outro, com expressão vaga.

— Está pensando o quê?

— Para mim o cavaleiro não tem cabeça e nem... o resto!

— Você quer dizer que ele é... invisível?

— Isso mesmo.

— Como é que nós vimos o corpo dele?

— Não vimos nada — tornou Xisto. — Vimos apenas a armadura completa que ele trazia em cima do corpo.

— Que coisa medonha, Xisto! O que significa isso?

— Meu caro Bruzo. Só há uma explicação: Durga!

Sim. Esse cavaleiro negro, com quem acabamos de falar, não é outro senão... Durga!

— Ai! Ai! — começou a gemer o escudeiro, com os olhos esbugalhados. Como é que você sacou isso?

— Você não se lembra do que estava escrito no *Manual Secreto dos Bruxos*? “Durga, O Que Vê Sem Ser Visto”...

— Que coisa horrorosa, meu Deus! Ai! Estou com dor de barriga! E o que é que essa criatura estará fazendo aqui?

— Sei tanto quanto você... Só posso garantir que estamos no antro das feras: Minoco, Durga e esse tal de Vilebrodo...

— Socorro! E o que é que vamos fazer?

— Precisamos antes de mais nada inventar um pretexto pra ficarmos algum tempo no reino, sem despertar suspeitas. Vamos nos transformar em negociantes, Bruzo! Negociantes de pedras preciosas. Com esses rubis e esmeraldas que trazemos conosco, passaremos facilmente por comerciantes. Faça de conta que fiquei doente e que o médico me proibiu de continuar andando pelo mundo afora.

— Que ligação terá Vilebrodo com Durga?

— Talvez nenhuma. Vamos ver.

— Não entendo a razão pela qual ele tirou o elmo. Seria por acaso, ou fez isso especialmente para nos assustar?

— Não sei. Tenho a impressão de que receia a nossa permanência e quis nos amedrontar com sua... invisibilidade!

— Xisto, vamos embora, pelo amor de Deus. Você já pensou o que é a gente ter um inimigo... invisível? Ai, que sufoco!

— Quem disse que vamos ser inimigos de Durga? Confie em mim.

— Como é que vamos sair dessa?

— Eu mesmo não sei! Antes de tudo, vamos entrar na cidade.

Xisto abriu o tal saco que sempre o acompanhava, examinou alguns vidrinhos misteriosos que havia lá dentro,

e, depois de verificar que tudo estava em ordem, deu sinal de partida.

Quem o conhecesse bem, descobrir-lhe-ia nos olhos um brilho só presente nos grandes momentos. . .

— Escute, Bruzo — disse Xisto. — Você já pensou no quanto será bom pra o mundo ficar livre dos últimos bruxos que ainda existem? Quando isso acontecer, o homem só lutará com inimigos de forças iguais às suas! Já imaginou que legal?

— Muque contra muque, não é isso o que você quer dizer?

— Mais ou menos. Talvez ainda seja assim, por algum tempo. Um dia, entretanto, a humanidade vai ser governada pelo verdadeiro poder que rege as coisas: o espírito!

— Numa boa, você quer dizer, não é? Ainda bem que nasci nos tempos de hoje! — exclamou Bruzo erguendo os braços, arregaçando as mangas e exibindo a extraordinária musculatura.

Foi essa a conversa que tiveram ao entrar na cidade de Vilebrodo.

O luxo das casas e a beleza das carruagens que rodavam de um lado para outro falavam da riqueza e do bom gosto de seus habitantes.

Xisto observava tudo, em muda concentração.

Ali viviam o cavaleiro sem cabeça, que outro não seria senão Durga, e provavelmente o “Senhor Do Tempo” também! Por que teriam classificado Minoco assim? Senhor Do Tempo! . . .

Chegara ao clímax de sua aventura e o perigo o rondava por todos os lados, ele bem o sentia! Confiava em Deus, em si, e na justiça de sua causa, entretanto.

A melhor hospedaria da cidade era “O Elmo de Ouro”, e para lá os dois se dirigiram. Ora, aconteceu que Xisto adoeceu com misteriosa febre, que o deixou entre a vida e a morte por um mês. Em seu delírio via chuvas de

pastéis de queijo misturados com os cachos de El-Rei Magnoto; depois se sentia grão de milho, e soltava gritos aflitos receando ser engolido por Floripes, a galinha da suposta Fredegonda. Bruzo não saía de perto dele e, de momento em momento, lhe refrescava a testa com panos molhados. Finalmente, a febre passou e o moço entrou em convalescença. Emagrecera muito e estava tão pálido que parecia ter nas veias água em vez de sangue.

Alarmado, Bruzo o observava em silêncio.

— O que há comigo? Por que me olha assim? — perguntou Xisto.

— Não digo pra você não ficar chateado... — tornou o outro.

O filho de Oriana sorriu, percebendo claramente a razão do espanto que lia nos olhos de seu fiel e simplório amigo.

— Você não vê que, falando assim eu ainda fico mais impressionado? Daqui a pouco torno a ficar bonito, você vai ver...

Bruzo saía de manhã cedo e ia caçar na floresta, trazendo frutas e aves que ele mesmo cozinhava para seu amigo. Dia a dia, Xisto ficava menos fraco, alimentando-se cada vez um pouco mais.

Um mês depois, já era outro homem. Engordara e recobrou o ar saudável que sempre tivera.

— Vamos instalar nossa loja de pedras preciosas o quanto antes — disse ele.

Tiveram de comprar vitrinas e armários cheios de prateleiras e, depois de muito procurar, alugaram uma pequena sala numa das principais ruas da cidade. Arrumaram a loja muito bem arrumada e prepararam mostruários de rubis, diamantes, safiras e esmeraldas.

Certo dia, chegou um portador trazendo convite de Vilebrodo para um banquete no palácio. Xisto ficou assanhado, pois de há muito procurava uma oportunidade discreta de se aproximar do tirano, a fim de melhor o

conhecer. Afinal de contas, já lá se haviam passado três meses desde que estavam naquele reino, e nada de extraordinário havia acontecido. Do misterioso cavaleiro sem cabeça, nunca mais tiveram notícia. Aliás a combinação entre Xisto e Bruzo fora esta: ouvir e observar o mais possível, sem perguntar nada, a fim de não despertar suspeitas.

O HOMEM PÁLIDO

N O dia marcado para o banquete, Xisto dirigiu-se ao Palácio, usando seus melhores trajes e exibindo todas as suas medalhas. Eram tantas, e pesavam tanto, que ele mal se podia ter em pé. Quase caía para a frente!... A fim de contornar o problema, um físico seu amigo lhe sugerira que dependurasse metade das comendas na frente da túnica, e a outra metade nas costas para manter o equilíbrio. Criara-se, entretanto, delicado impasse diplomático: as confrarias e entidades que lhe haviam conferido honrarias, iriam sentir-se diminuídas caso Xisto colocasse suas respectivas medalhas na parte de trás. Para evitar isso, nosso herói — a delicadeza em pessoa — decidira usá-las todas juntinhas na parte da frente da túnica, mesmo sabendo que se arriscava a levar um tombo de nariz.

O luxo do palácio do tirano perturbou-o.

As paredes eram de mármore verde, e a iluminação fazia lembrar um espetáculo de fogos de artifício. Vendo-se face a face com Vilebrodo, Xisto sentiu um certo mal-estar. Não sabia dizer por quê, mas aquele homem alto, moreno e barbado lhe infundia medo, intimidava-o... Talvez fosse por causa dos olhos pretos, agudos e fixos como os dos pássaros. Olhos que penetravam nas almas, atingindo-lhes os mais íntimos pensamentos...

Vilebrodo recebeu Xisto de modo bastante cordial e pediu-lhe que falasse de seu trabalho:

— Sou um simples negociante de pedras. Pouco tenho a contar — disse ele, modestamente.

Do caso do homem-planta não se falou nem uma palavra, é claro. Xisto foi suficientemente prudente para não se referir ao misterioso cavaleiro negro e nem às marcas pontiagudas de sapato encontradas perto da cidade.

Numa deferência especial, Vilebrodo convidou-o a assentar-se a seu lado, na mesa do banquete. Cerca de mil pessoas participavam do esplêndido jantar. As mulheres exibiam jóias, plumas, e os cavaleiros vestiam complicadas roupas de seda.

Num dos cantos do salão, uma orquestra composta de artistas célebres executava músicas em instrumentos que Xisto nunca vira. Encantado com tudo aquilo, o moço esqueceu as suas preocupações, e chegou a perguntar a si mesmo se o povo não havia sido injusto em chamar Vilebrodo de mau.

Quem sabe iria encontrar nele um companheiro que o ajudasse a cumprir sua missão? Iria observá-lo disfarçadamente, até formar seu próprio juízo.

Xisto estava mergulhado nesses pensamentos quando viu entrar na sala um homem alto e magro, vestido de preto. Onde já vira aquela criatura? Onde? Aqueles olhos fundos... aquela palidez de defunto... Oh! Minoco! Sim, Minoco! E como estava lívido!...

A IMAGEM QUE NÃO SE REFLETIA NO ESPELHO

NÃO havia dúvida: aqueles traços pertenciam ao mesmo rosto apenas entrevisto havia tanto, tanto tempo, em seu país! Alguma coisa estava diferente, entretanto: ali se achava uma criatura extremamente moça, enquanto o ho-

mem de chapéu desabado que entrara na gruta aparentava ter muito mais idade. Seria filho de Minoco? Instintivamente os olhos de Xisto baixaram e ele percebeu aqueles finos e compridos sapatos pontiagudos!... Receando trair sua emoção, olhou imediatamente para outro lado e disse qualquer coisa a uma senhora que estava perto. O moço de preto atravessou a sala e sentou-se num canto da mesa. Xisto ficou louco de curiosidade, querendo saber se Vilebrodo ignorava, ou não, quem fosse Minoco. E se o prevenisse contra as artimanhas do bruxo? Qual nada... melhor seria ficar quietinho e calado observando, observando...

O rapaz admirou-se da quantidade de comidas servidas durante o banquete: peixes e aves, cobertos de molhos exóticos; leitões, veados e coelhos, tudo preparado de maneira diferente.

Vilebrodo não tocou em coisa alguma, explicando a Xisto:

— Tenho dieta, meu amigo. Tudo por causa do fígado... Uma amolação, nem imagina!

Pouco depois chegou um dos servos lhe trazendo uma espécie de mingau que ele saboreou com visível prazer.

— Não sabe o que está perdendo — disse Xisto, enquanto comia uma espécie de torta de legumes.

Terminado o jantar, Xisto e convidados se retiraram para o salão principal.

— Acompanhe-me, pois desejo mostrar-lhe o palácio — disse Vilebrodo.

Encantado com a amabilidade, Xisto seguiu-o. Atravessaram uma grande sala onde havia toda qualidade de armas, desde que o mundo é mundo, e outra, na qual se achava reproduzida em mármore a figura de cada um dos antigos reis do país. Em seguida, visitaram a câmara dos tesouros, recoberta de pinturas e que guardava jóias fabulosas e mil preciosidades.

Uma hora lá, ao passar diante de um grande espelho, Xisto notou, com horror, uma coisa que quase o fez des-



*Xisto notou, com horror, uma coisa que quase o fez desmaiar:
a imagem de Vilebrodo não se refletia no tal espelho!*

maiar: a imagem de Vilebrodo não se refletia no tal espelho! Num supremo esforço, para não cair de susto, Xisto continuou a andar ao lado dele. Sua emoção era tal que mal reparava no que via.

Começavam a visitar o orquidário do palácio, quando alguém se aproximou do tirano, dizendo-lhe que o estavam chamando no salão.

— Continue admirando as minhas flores — disse Vilebrodo, dirigindo-se a Xisto. — Veja que maravilhoso espécime esse à direita. Sou a única pessoa no mundo que o possuí. Voltarei logo.

O moço fingiu interessar-se e aproximou-se da linda orquídea. Tão logo viu o tirano afastar-se, se dirigiu ao copeiro que passava no momento, colocando-lhe mil “pazu-zas” no bolso do casaco.

— Meu amigo — começou ele —, também sofro do fígado e gostaria que me arranjasse a receita daquele mingau que Vilebrodo toma.

— Não sei nada — respondeu o servo, assustado.

— Você deve compreender que fico acanhado de perguntar isso a seu amo.

O homem hesitou ainda um pouco e, depois, olhando para um lado e outro, disse baixinho:

— Ninguém sabe o que é aquilo. É uma velha quem faz e traz num pote todas as manhãs.

— Obrigado — tornou Xisto, exultante.

Como Vilebrodo custasse a voltar, Xisto saiu do orquidário e dirigiu-se à sala de armas, onde se pôs a admirar uma espada dependurada perto da janela.

Ouviu vozes na varanda que se comunicava com a sala e apurou o ouvido:

— Se queres, posso envelhecê-lo cinquenta, setenta anos, até que a caduquice o torne incapaz de agir ou de raciocinar — dizia alguém.

Xisto estremeceu e pensou em . . . Minoco. Ah! Por isso é que o chamavam de "Senhor Do Tempo"! Não havia dúvida: aquela voz pertencia ao rapazinho que vira na sala do banquete e que outro não era senão o próprio Minoco, rejuvenescido à custa de suas artes mágicas.

— Nada de torná-lo inútil — disse a outra voz, que era parecida com a de Vilebrodo. — Você se esquece de que precisamos conquistar a confiança dele a fim de verificarmos até que ponto sabe.

— Garanto que foi ele quem roubou o *Manual* — tornou Minoco. — Xisto deu cabo de "O Que Se Alimentava Do Humo Da Terra" e não poderia ter feito isso sem descobrir o ponto vulnerável de Jacomino.

— Mas como teria conseguido descobrir o nicho onde o *Manual* estava escondido? Quem sabe se o rapaz é um colega, vindo de algum continente desconhecido ou caído de outro planeta?

— Talvez! Precisamos verificar isso quanto antes.

— Fique tranqüilo — disse Vilebrodo. — Tenho meios para esclarecer tudo, o mais breve possível.

— Uff, que noite! — suspirou Xisto baixinho. — Uma emoção atrás de outra!

Receando ser descoberto se ficasse ali mais tempo, começou a assobiar e dirigiu-se à varanda, como se chegasse naquele momento.

— Que flores maravilhosas o senhor tem! — disse ele, verificando ser realmente Vilebrodo quem conversava com Minoco.

— Leve quantas quiser — tornou o tirano amavelmente.

E voltando-se para Minoco:

— Apresento-lhe meu amigo Sárpio.

— Muita honra — disse Xisto.

Pretextando cansaço, o moço despediu-se e prometeu voltar ao palácio logo que possível.

A SENHORA DOS QUE VOAM MAS NÃO SÃO AVES

QUANDO Xisto chegou em casa, atirou-se aos braços de seu amigo, dizendo, emocionado:

— Bruzo, meu velho. Viemos cair justamente no antro de todos eles! Na própria cova da onça! . . .

— Que que é isso? — tornou o outro, excitado.

— Mais tarde explicarei tudo. Só me falta esclarecer uma coisa amanhã cedo.

No dia imediato, mal nasceu o sol. Xisto, vestido simplesmente, saiu em direção ao palácio de Vilebrodo e ficou a andar pelas imediações.

Esperou uma hora, duas, sempre andando e dando voltas a fim de não despertar suspeitas.

Finalmente, já quase desanimado, viu passar e entrar na porta dos fundos do palácio uma mulher aparentemente idosa, com o rosto semi-oculto por um xale, carregando um cesto na mão. A criatura demorou-se pouco, apenas dez minutos se tanto, e saiu outra vez, voltando pelo mesmo caminho. Xisto começou a acompanhá-la a alguns metros de distância. Atravessaram ruas e saíram da cidade pela porta principal. Ao passarem pelo mercado, Xisto comprou um cesto de frutas e colocou-o na cabeça. Teria desse modo um pretexto para andar pelo campo, sem despertar curiosidade, pois passaria facilmente por um negociante ou fazendeiro.

Andaram muito até que chegaram a um bosque onde havia um cemitério, o que se reconhecia facilmente por causa de centenas de cruzeiras fincadas no chão. Atravessaram-no, e surgiu uma cabana em ruínas onde a velha entrou. No mesmo instante bandos de urubus saíram das árvores vizinhas e vieram pousar no teto da choupana, como que festejando a presença da criatura.



Xisto escondeu-se atrás de uma árvore de modo que pudesse observar sem ser visto. Alguns minutos depois, a velha saiu da cabana com um pote na mão e pronunciou bem alto uma palavra desconhecida. No mesmo instante de todas as árvores começaram a voar dezenas e dezenas de morcegos que vieram pousar em cima de uma comprida mesa de madeira que havia em frente da cabana.

A velha estava sem o xale, e Xisto pôde observar-lhe bem o rosto. Era magra, alta, tinha cabelos desbotados, extremamente ressequidos, — “cabelos de gente morta”, pensou Xisto — e possuía uma grande cicatriz que atravessava a face esquerda de cima a baixo.

Cheio de assombro, o moço viu que a velha tomava um dos morcegos — uma fêmea — e começava a... ordenhá-la!

Sim, a mulher espremia com os dedos as tetas da morcega, retirando-lhe o leite que recolhia no pote! A cena era bastante cômica, e Xisto sentiu uma vontade doida de rir.

— Morcegos voam, mas não são aves! — disse ele baixinho. — Essa mulher é... Fredegonda! Sim, Fredegonda!

O rapaz ficou quietinho atrás da árvore, até que a velha terminasse a sua ocupação. Quando ela entrou na cabana, Xisto afastou-se cautelosamente e voltou pelo mesmo caminho.

Bruzo esperava-o na porta da hospedaria, louco de curiosidade.

Fecharam-se no quarto, e Xisto começou:

— Durga, o cavaleiro sem cabeça, e... Vilebrodo são uma mesma e única pessoa.

— Vi-le-bro-do? — disse Bruzo, cheio de espanto. — Não é possível!

— Ele mesmo.

— Mas Vilebrodo existe, todo o mundo o vê e Durga é... invisível, não tem corpo...

— Tem e... não tem — continuou Xisto.

— Como é que você descobriu isso?

— Ontem, à noite, quando visitamos o palácio, a imagem dele não se refletiu num espelho, em frente do qual passamos juntos.

— Que coisa horrível! E o que significa isso?

— Significa que Durga não tem corpo como nós temos, mas se "materializa" quando deseja, transformando-se em... Vilebrodo!... Eu já havia notado muitas coisas esquisitas a respeito dele e vi, por exemplo, que não provou nenhuma das comidas servidas ontem, no banquete. Soube depois que o seu principal alimento era um mingau misterioso que certa velha lhe levava todas as manhãs. Pois bem! Segui a tal velha até sua casa e a vi ordenhando... morcegas...

— Não brinca! Que negócio mais doido!

— Você não se lembra da receita do pudim cabalístico encontrada no *Manual Secreto dos Bruxos*, recomendado como alimento diário a todo feiticeiro que desejasse manter ativas as suas faculdades extraordinárias?

— Lembro.

— Pois bem. Aquela mulher era... Fredegonda, tirando leite da morcega para fabricar o pudim, isto é, o tal mingau que Vilebrodo toma. O negócio tem de ser cozinhado em fogo-fátuo, e é por isso que ela mora perto do cemitério.

— Que coisa nojenta, hem, Xisto?

— Nunca vi porcaria igual...

— Mas por que é que o *Manual* chama a bruxa de “Senhora Dos Que Voam, Mas Não São Aves”?

— Morcego voa, não voa?

— Voa.

— Dá leite; não dá?

— Dá.

— Então é mamífero, e não ave.

Bruzo, de olhos perdidos no espaço, perguntou a Xisto, de repente:

— Se eu der um beliscão em Vilebrodo, ele sente?

— Que pergunta, Bruzo. Se você fizer isso, Durga “invisibiliza” você em dois segundos.

— Como assim?

— Faz você ficar invisível também, pois cada bruxo tem o poder de castigar os inimigos transmitindo-lhes pra sempre as características que eles possuem apenas quando desejam.

— E Minoco, “O Senhor Do Tempo”? Por que foi chamado assim?

— Descobri que ele tem a faculdade de rejuvenescer ou envelhecer as pessoas à vontade. Quando o vi ontem no banquete, pareceu-me um rapazinho de vinte anos apenas. E com certeza é graças a ele que o próprio Durga, que

já fez novecentos e noventa anos, não aparenta ter mais de cinquenta.

— Como você é esperto pra descobrir as coisas! — exclamou o escudeiro, cheio de admiração.

— O pior é que Durga e Minoco já estão desconfiados de que fomos nós que acabamos com o “homem-planta”. Que sufoco, meu Deus!

E Xisto contou ao amigo a conversa que escutara na sala das armas. Bruzo empalideceu e se pôs a tremer:

— Xisto — disse ele. — Estou morrendo de medo... Que irá acontecer conosco?

— Não sei. O caso é que estamos mergulhados no perigo até a cabeça. Agora é confiar em Deus e... bola pra frente!

— Ai, que dor de barriga — gemeu Bruzo. E saiu correndo em direção do banheiro.

O HOMEM INVISÍVEL

N ESSA mesma tarde os dois amigos conversavam: — Como se explica que as pessoas da cidade ignorem quem seja Vilebrodo? — perguntou Bruzo.

— Ignorando, simplesmente — tornou Xisto. — Ninguém conhece a história dele. Apenas sabem que surgiu um dia, metido numa armadura negra enfeitada de prata, acompanhado de seu amigo Sárpio, isto é, Minoco, dizendo-se irmão do rei que acabava de ser assassinado.

— Assassinado por ele, com certeza.

— Na certa. Vilebrodo toma os bens das viúvas e órfãos e maltrata o povo, que o odeia.

Haviam sido realmente muito emocionantes aquelas últimas vinte e quatro horas, e Xisto foi deitar cedo a fim de meditar com calma sobre os acontecimentos. Sim, pois era quando repousava antes de dormir que o moço gostava de

resolver os seus problemas. Como num jogo de xadrez, as peças já estavam colocadas cada qual no seu lugar. Iria ter início a grande partida, cujo vencedor ninguém poderia prever quem fosse.

A claridade do luar entrava pela janela do quarto de Xisto, permitindo-lhe perceber nitidamente o contorno dos objetos.

Estava distraído com seus pensamentos quando ouviu um leve e como que cauteloso ruído.

Olhando na direção de onde vinha o barulho, notou que os fechos da porta se moviam e que ela se abria lentamente, deixando passar . . . ninguém!

Teria a pessoa desistido de entrar no quarto? Como fora leviano, esquecendo-se de trancar as portas!

Dominando o seu primeiro impulso, que fora erguer-se e verificar de que se tratava, Xisto fingiu dormir, deixando, entretanto, os olhos entreabertos. A porta foi cerrada outra vez com a mesma cautela com que fora aberta. Tudo continuou em silêncio. Súbito, cheio de horror, Xisto viu a gaveta de sua cômoda abrir-se sozinha enquanto as roupas que estavam dentro eram levantadas no ar por mãos que não existiam!

“Durga!” percebeu Xisto num segundo. Sim. Ali se achava um ser . . . invisível, revolvendo-lhe os guardados a fim de procurar . . . o *Manual Secreto dos Bruxos!*

Ah! Bem fizera clé, Xisto, em não largar nunca o precioso achado! Trazia-o bem junto ao peito, metido num saquinho de couro! A muito custo o rapaz conteve o horror de que se achava possuído, dominando a vontade de gritar. Sempre fingindo dormir, viu e sentiu que as extremidades de seu colchão estavam sendo lentamente erguidas, como se o misterioso visitante quisesse examinar todos os possíveis esconderijos. Em seguida, o grande saco de couro, que sempre acompanhava Xisto, começou a levantar-se por si mesmo, abriu-se, enquanto alguns objetos saíam e se mantinham suspensos no ar por alguns momentos.

Depois tudo voltou ao antigo lugar, e o saco de couro foi deixado no mesmo canto onde se achava.

“E se Durga resolver me tornar invisível agora mesmo?” pensou Xisto, suando frio. A lógica dos fatos dizia-lhe que provavelmente isso não aconteceria, pois se o feiticeiro estava desconfiado de suas intenções, precisava ter certeza delas, antes de tomar um passo que poderia fazê-lo perder as esperanças de reaver o *Manual dos Bruxos*.

Tudo isso o rapaz pensou num minuto.

A porta tornou a abrir-se lentamente, fechou-se, e o quarto ficou quieto e silencioso como dantes.

— Já não tenho mais dúvidas — disse Xisto a seu amigo na manhã seguinte. — Vamos examinar o *Manual* quanto antes a fim de sabermos o modo de destruir Minoco, Durga e Fredegonda.

O saquinho de couro foi descosturado, e surgiu o famoso livro encadernado com pele de sapo curtida.

— Vejamos a palavra “invisibilidade” — começou Xisto. — Letra I, procuremos. Achei! “Bruxos que possuem o raríssimo dom da invisibilidade e que tornam invisíveis os seus inimigos. Fugi dos vulcões. Se fordes tocados por um pouco de lava colhida durante uma erupção, desapareceréis para sempre do orbe terrestre. Notai bem: somente a lava obtida em estado de ebulição teria eficiência no caso.”

— Onde é que a gente vai arranjar isso? — perguntou Bruzo desanimado.

— Que droga! — exclamou Xisto. Só há um vulcão no continente, e esse mesmo está extinto há cinquenta anos. E fica tão longe que levaríamos meses para chegar até ele.

— Meu velho, acho bom desistirmos desse negócio e voltarmos para o país de El-Rei Magnoto.

— Você desanima logo diante do primeiro obstáculo, hem, Bruzo? Pescoço fraco!

— Mas, afinal de contas, estamos ou não estamos numa pior?

— Espere até amanhã. Vamos ver agora como haremos de acabar com Minoco. Procure na letra R a palavra “rejuvenescer”.

— Não encontrei nada — tornou Bruzo depois de examinar as páginas.

— Busque então na letra E a palavra “envelhecer”.

— Também, não acho nada.

— Impossível! — disse Xisto, inquieto.

Subitamente teve uma idéia e exclamou:

— “Idade!” Vamos procurar na letra I.

Dito e feito. Lá estava o “conselho”: “Bruxos que aparentam a idade que desejam e que envelhecem ou rejuvenescem os seus inimigos. Se fordes tocados pelo que tem forma de cobra e é como o raio, morrereis num segundo”.

— Ainda mais essa! — exclamou Xisto. — “O que tem forma de cobra e é como o raio”! Onde é que vou descobrir isto, meu Deus!

— Você mesmo foi atrás da sarna pra se coçar. Agora agüente — tornou Bruzo, ironicamente.

Xisto não respondeu. Havia em seu rosto uma expressão grave e pensativa, como se naquele momento acabasse de sentir todo o peso da responsabilidade que assumira.

— Deus há de me ajudar — disse ele firmemente.

— Já sei — tornou Bruzo com maldade. — Você reza, desce um anjo e lhe entrega um saquinho com lava fervendo, colhida num vulcão em erupção, não é isso mesmo?

Xisto continuou silencioso.

— Depois vem outro e lhe dá uma cesta dentro da qual está o tal objeto que tem forma de cobra e é como o raio...

— Não brinque com uma coisa tão séria como é o nome de Deus. Ele sempre nos ouve de um modo ou de outro, pondo em nosso caminho os meios indiretos de conseguirmos o fim desejado.

Dessa vez foi Bruzo quem ficou calado.

XISTO EM PERIGO

XISTO procurou entre os Conselhos Salutares aos Bru-xos a palavra “morcego” e não encontrou nada. Que aflição! Como dariam cabo de Fredegonda? Súbito, lembrou-se de buscar na letra P. Dito e feito: “Pudim Cabalístico. Bruxos que o fabricam. Vosso fim chegará juntamente com o do último feiticeiro que houver sobre a terra”.

— É por isso que Fredegonda cuida tão bem de Vilebrodo! — exclamou Xisto. — Já saquei tudo agora!

E dirigindo-se a Bruzo, continuou:

— Bem, meu caro. Está encerrado o assunto. Não falemos mais uma palavra sequer sobre isso. Durga pode tornar-se invisível a qualquer momento e vir escutar as nossas conversas.

— Xisto, Xisto — disse Bruzo tremendo. — Estou vendo a cortina mexer sozinha... olhe ali. Tô com medo!

— Você é um bocado medroso, hem? Não vê que é o vento, seu bobo? Durga, ou melhor, Vilebrodo, está no teatro neste momento assistindo a uma representação.

— Não é melhor a gente dar o fora já? — perguntou Bruzo. — O que adianta ficarmos nesta cidade?

— Você tem razão. Vamos continuar a nossa viagem vendo e observando como antes, mas com uma vantagem: já encontramos os nossos inimigos, conhecemos a força de cada um deles e sabemos como exterminá-los. Vamos em busca do vulcão e do “que tem forma de cobra e é como o raio”.

— E nossa loja de pedras preciosas?

— A gente inventa uma desculpa qualquer para acabar com ela. Será uma felicidade se Durga não desconfiar de nada e nos deixar partir em paz.

Essa mesma tarde chegou um criado de Vilebrodo com um recado: o tirano convidava Xisto para um passeio à beira-mar no dia seguinte.

Xisto aceitou o convite, assim, assim, meio desconfiado. Que desejaria Durga com ele? Quais seriam suas disposições depois da infrutífera busca do *Manual* em seu quarto? Se não fosse, despertaria suspeitas, com certeza. Iria e aproveitaria a oportunidade para anunciar a Vilebrodo que se sentia mais forte e que desejava continuar andando pelo mundo.

"Será um alívio para Durga saber que abandono o reino!" pensou Xisto.

Pobre moço! Não sabia em que aventura ia se meter!

Vilebrodo esperava-o na praia, envolto numa ridícula capa de seda branca.

— O ar marinho faz grande bem a meus pulmões — disse ele, respirando profundamente e lançando a Xisto um olhar longo e misterioso.

O moço estremeceu, sacudido por maus pressentimentos.

A praia estava deserta naquele lugar. Apenas uma criança de dois ou três anos brincava na areia, acompanhada de sua ama.

— Assentemo-nos perto deste rochedo — disse Vilebrodo, atraindo Xisto para junto de umas pedras. — Meu caro jovem — continuou ele, olhando fixamente para o moço, com aqueles terríveis olhos de novecentos e noventa anos. — Trouxe uma pequena merenda para nós ambos. Trata-se da minha "dieta"...

A ironia com que o tirano falou essa última palavra não passou despercebida a Xisto.

Vilebrodo tirou de uma cestinha uma espécie de panela, que destampou e ofereceu ao moço. Tratava-se nada mais, nada menos, que do tal pudim que Fredegonda preparava! Durga queria desse modo ter a prova da inocência ou da culpabilidade de Xisto, o que lhe seria fácil verificar, conforme a reação do moço.

Completamente atônito, Xisto segurou a panela, sem dizer uma palavra sequer. Sentiu náuseas, lembrando-se do nojento leite de morcega, com que a tal "iguaria" era fabricada, e perguntou a si mesmo o que lhe aconteceria se provasse aquele repugnante alimento de... bruxos.

— Vamos, coma — insistiu Durga.

— Peço-lhe que me perdoe — tornou Xisto — mas não estou passando bem do estômago, e resolvi ficar em jejum o dia todo.

Um brilho de ódio tornou fuzilantes os olhos de Vilebrodo.

— Grande farsante — disse ele. — Chegou a hora de pormos tudo em pratos limpos. Que veio fazer aqui? Por que e como deu cabo de Jacomino?

Xisto suava frio e estava pálido como um cadáver. Soara o seu último instante, ele bem o sentia! Sabia, entretanto, que Vilebrodo só o mataria depois de arrancar dele tudo o que pudesse a respeito do *Manual Secreto dos Bruxos*.

— Senhor... Durga — disse Xisto, com voz débil.

— Durga? Quem lhe disse que me chamo Durga?

Numa súbita inspiração o rapaz tornou:

— Mal sabe você que sou um... colega seu...

— Colega? Como?

— Também possuo poderes mágicos, apesar da minha existência ter sido sempre ignorada pelos companheiros de nossa nobre classe!

Durga não disse nada e continuou a olhá-lo fixamente, enquanto um vago sorriso de incredulidade lhe repuxava os lábios.

— Qual a sua especialidade? — perguntou ele com ironia.

Com esta é que Xisto não contava! Que droga! Não poderia responder nada, e Durga iria matá-lo ou torná-lo invisível para sempre dentro de poucos segundos.

Se o seu saco de couro estivesse ali perto, lhe seria fácil produzir a fumaça que fazia rir. Quem sabe? Talvez

diante dela Durga pensasse que ele, Xisto, era bruxo também, e tudo seria mais fácil. O “vidrinho mágico”, entretanto, estava longe e bem longe, guardadinho no seu quarto. Que falta de sorte!

— Ande! vamos! — insistiu Vilebrodo.

Desorientado, o moço estendeu os olhos pela praia, como que num adeus...

A criança fazia buracos na areia, enquanto a ama chegara até o mar e metia os pés dentro d'água.

E então, na aflição daquele momento, uma idéia relâmpago atravessou o cérebro de Xisto: não prevenia o *Manual Secreto dos Bruxos* que aquele que o encontrasse e mostrasse a outra pessoa viraria pássaro?

— Continuo à espera da exibição de sua especialidade — repetiu Vilebrodo severamente, com voz irritada.

— Durga — disse Xisto, trêmulo. — Dentro de poucos minutos farei o Sol abaixar-se e estender-se a seus pés. Para que eu tenha esse poder, entretanto, é necessário que o sangue comece a circular em minhas veias com uma velocidade dez vezes maior que o habitual. Só posso conseguir isso fazendo um exercício violento. Vou correr até o mar e voltar no mesmo instante. Depois então estarei em condições de realizar esse prodígio.

— Lembre-se de que o acompanho com os olhos e de que, se tentar fugir, o tornarei invisível num segundo — ameaçou Durga.

Alucinado de pavor, Xisto saiu correndo em direção da criança que brincava, arrancou o saquinho de couro que trazia no peito, e com seu punhal rasgou-o de cima a baixo. Avidamente então segurou o *Manual*, e mostrou-o ao menino, que, em sua inocência, o olhou, sem nada compreender.

A ama continuava afastada, divertindo-se com os pés metidos n'água. Xisto só teve tempo de atirar ao mar o perigoso livro. E então... de repente, o corpo dele começou a diminuir... diminuir... enquanto sua pele se ia cobrindo de pequeninas plumas.

A boca encolheu-se, endureceu e estendeu-se num pequeno bico. Céus! Xisto acabava de se transformar num... passarinho!

Não percebendo ao certo o que acontecera, pois enxergava mal, Durga julgou que o moço era realmente bruxo e que também possuía o dom da invisibilidade.

— Aquele idiota me enganou e vai pagar caro a peça que me pregou! — exclamou ele, indignado.

Esperou ainda algum tempo e depois desistiu, voltando para o palácio. Por felicidade, nem reparou nas roupas de Xisto, que haviam ficado na praia.

UM CANÁRIO E UM RECÉM-NASCIDO

VOA, Xisto, que o espaço é teu! Deslumbrante é o Sol, luminosas são as estrelas! Que sensação agradável aquela, meu Deus! Agradável e estranha ao mesmo tempo.

Sair voando, voando, sentir o vento de encontro ao pequeno corpo frágil!... Como era maravilhoso aquilo tudo! Fora tão fácil! Apenas um ligeiro impulso nas asas, um movimento quase instintivo e... pronto.

Foi só depois de pousar numa árvore que Xisto caiu em si. Que loucura acabara de cometer! Não seria melhor ter permitido que Durga o tornasse invisível? Ali estava ele, o já famoso cavaleiro andante, reduzido a um simples passarinho! Agora, sim, é que tudo estava irremediavelmente perdido. E Bruzo? Como explicar-lhe o acontecido? Xisto experimentou falar e assustou-se ouvindo um pio... um pio... de ave! De ave! E, de agora em diante, e para sempre, seria unicamente aquela a sua voz, o seu meio de comunicação.

Havia um pequeno lago por perto, e o passarinho voou até um arbusto que crescia nas margens, a fim de ver a própria imagem refletida na água. Como era pequeno!

Transformara-se num pobre canário de peninhas amarelas, nada mais...

"Ainda bem que continuo pensando como gente!" pensou ele.

Apesar de saber que lhe seria impossível explicar a Bruzo o acontecido, Xisto voou para os lados da hospedaria onde o amigo se achava. O escudeiro acabava de sair de casa e dirigia-se à praia, certamente à procura do amigo, que tardava em voltar. Xisto teve vontade de lhe fazer um sinal qualquer, pousar-lhe no ombro, por exemplo. Absurdo! Seria inútil, estava mais do que claro.

Bruzo chegou à praia e ficou olhando demoradamente para o mar. Teria Vilebrodo lançado Xisto no meio das ondas? Nisso, um vulto escuro surgiu ao longe e veio se aproximando pouco a pouco. Minoco! Envolto em sua capa preta, o bruxo chegou atrás de Bruzo e berrou-lhe:

— Olha-me de frente, pançudo!

Assustado e furioso, o escudeiro virou-se para trás e lá ia protestar dizendo "pançudo, não", quando encontrou o rosto antipático do feiticeiro.

— Que de... se... ja? — perguntou Bruzo, gaguejando e com a tal voz de falsete que ele só adquiria quando estava morrendo de medo.

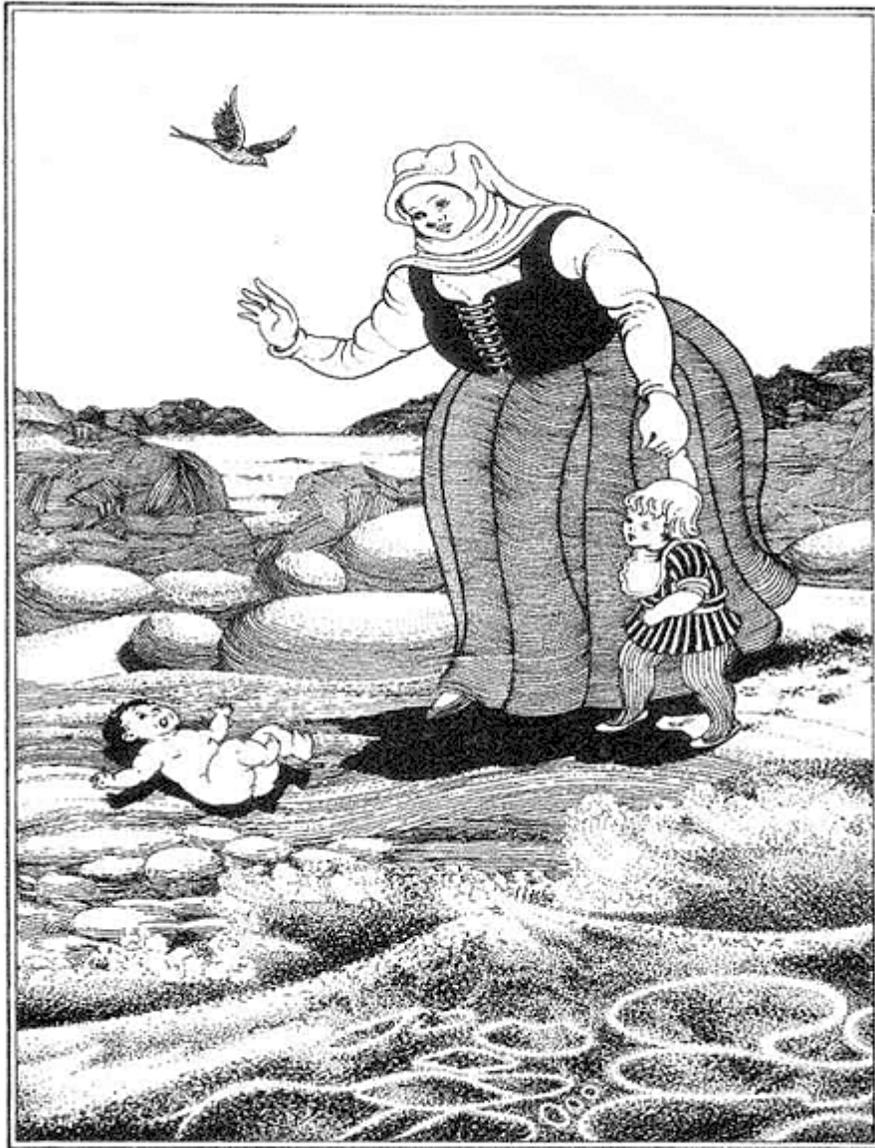
Minoco não respondeu. Apenas estendeu as longas e magras mãos em direção a ele, exclamando com energia:

— Ordeno que voltes aos primeiros dias de tua vida!

E então, ali, debaixo dos olhos assustados de um pequeno canário amarelo, o corpo de Bruzo começou a emagrecer e a encolher-se rapidamente, enquanto seu rosto ia adquirindo uma expressão infantil.

Foi indo, foi indo até que o amigo de Xisto se transformou num... bebezinho.

— Um recém-nascido! — exclamou o "senhor do tempo", dando uma gargalhada. — Não penses que vou jogar-te ao mar. Isso seria demasiado... rápido. Quero deixar-te abandonado, até que a maré suba e as ondas te levem, pouco a pouco, para o fundo do abismo! Ou, então,



— Um recém-nascido! — exclamou a ama. —
Será que está morto, meu Deus?

quem sabe? Talvez algum corvo faminto venha devorar-te as carnes tenras. . .

Assim dizendo, Minoco desembarçou Bruzo de suas roupas e jogou-as para um lado, deixando o menino completamente nu.

O bruxo afastou-se, e a criança ficou chorando naquele choro convulso e meio fanhoso dos recém-chegados ao mundo. Penalizado, Xisto voou para junto de seu amigo, verificando, desesperado, que seria inútil tentar comunicar-se com ele.

Nem mesmo forças para empurrá-lo dali Xisto tinha. Logo subiria a maré, e o corpo do pobre Bruzo seria envolvido e arrastado pelas ondas.

Fazia frio, e a praia estava deserta. Pousado no chão ao lado de seu amigo, Xisto meditava tristemente na horrível situação a que haviam sido reduzidos. Um canário amarelo e um recém-nascido, apenas isso. Oh! Como era horrível aquilo tudo!

“Se mamãe soubesse o que está acontecendo, como haveria de ficar triste!” pensou Xisto, angustiado.

Não poder falar, não poder explicar, não se comunicar com ninguém! Exausta de tanto chorar, a criança acabou adormecendo. Já se havia passado uma hora quando veio se aproximando uma mulher que segurava um menino pela mão. Xisto logo reconheceu o pequeno a quem mostrara o *Manual*.

— Um recém-nascido! — exclamou a ama. — Será que está morto, meu Deus?

A voz da mulher despertou Bruzo, que recomeçou a chorar.

— Coitadinho — exclamou ela, tomando-o ao colo. — Aqui tão só e abandonado! Vamos levá-lo conosco.

Agitada, a criatura saiu depressa, quase correndo em direção a uma casa em frente à praia. Os donos apareceram, tomando conhecimento do encontro.

— Vamos criá-lo! — disse a senhora, numa súbita decisão. — Servirá de companheiro para nosso filho.

O canário, que voara atrás deles e acompanhara tudo, sentiu um certo alívio.

Seu amigo não morreria mais. Uma dúvida preocupava Xisto, entretanto. Lembrar-se-ia Bruzo, quando fosse crescendo, de tudo o que havia acontecido?

Esquecer-se-ia dele, Xisto, de Durga e de Minoco?

“Ai de mim!” pensou a pobre ave.

Agora não havia mais remédio.

O melhor seria conformar-se com a situação de passarinho e ir se adaptando a ela, pouco a pouco.

Voaria para longe... voaria... voaria pelo espaço afora!...

ENQUANTO ISSO ...

LONGE de perceber o que realmente havia acontecido, Durga conversava com o “Senhor Do Tempo”.

— Do tal... Bruzo, nada mais resta — disse Minoco.

— Transformei-o num rechonchudo garoto que não faz outra coisa senão dormir, chorar e molhar fraldas.

— O outro é que me preocupa — tornou Durga. — Continua invisível até agora, e receio que esteja rondando por aí, a escutar as nossas conversas. Eu bem suspeitava que ele também fosse bruxo.

— Como se explica que não esteja registrado no *Manual*?

— Sei lá... Com certeza veio de alguma ilha ignorada, ou de outro planeta...

— Talvez.

— E se o tornássemos aliado nosso? Quanta maldade nós três poderíamos fazer juntos! — disse Durga, soltando uma gargalhada.

— Talvez — tornou Minoco, um tanto incrédulo.

— Esperemos até que ele se resolva a ficar visível de novo.

* * *

Lá longe, no reino de Magnoto, a mãe de Xisto, inquieta com a falta de notícias, acabava de tomar uma decisão: iria procurar o filho de qualquer jeito. Alugaria uma carruagem com dois cavalos e chegaria até o país da rainha cega. Xisto sempre lhe mandava recados e pequenos presentes, fazendo com que ela, mesmo de longe, acompanhasse suas peripécias. É verdade que as notícias custavam muito a chegar, mas de qualquer modo representavam um grande conforto para ela.

A última informação que tivera fora da aventura de Xisto libertando o país da rainha cega dos ataques do “fri-palta” Barba-Coque. Desde então nem mais uma palavra sequer ouvira pronunciar a respeito do filho. E já se haviam passado muitos meses. Teria morrido? E Bruzo?

Estava resolvido: iria até o reino dos gigantes de pano pintado, onde procuraria informar-se do rumo tomado pelo filho. E, assim, ouvindo uma indicação aqui, outra ali, talvez pudesse descobrir o paradeiro de Xisto.

UM PASSARINHO APENAS...

«**Q**UE dencia voar...” pensou Xisto, saltando de galho em galho, na floresta. De repente, teve vontade de cantar e experimentou fazer isso. Então, cheio de prazer, ouviu um alegre e lindo trinado: a sua própria voz! O que o incomodava um pouco era aquela sensação de fragilidade, de falta de defesa... Como lhe pareciam grandes as árvores! Sentiu fome e lembrou-se dos pastéis de queijo de Oriana. Coisa estranha: não teve o menor desejo de prová-los. Sua vontade era de comer... alpiste! Sim, alpiste simplesmente. Alpiste, folhas de verdura, ou talvez

alguma fruta. Ali perto estava uma. Se a experimentasse? Xisto saltou até ela e se pôs a bicá-la. Hum... Bem gostosa...

Ouviu um leve ruflar de asas. Ficou quietinho no seu galho e observou. Duas andorinhas vieram voando e pousaram num galho perto do seu.

— Estou muito aborrecida — disse uma delas.

Xisto ficou emocionado. Entendera perfeitamente o que ela dissera. Compreendia “passarinhões”, ó maravilha!

— Por quê? — perguntou a outra ave.

— Pus três ovos e todos três goraram. Meu marido Andorinho ficou muito triste, pois está louco para ser pai.

— Você me perdoe, mas a culpa foi sua — tornou a outra. Em vez de ficar sossegada no ninho, chocando, você saía a toda hora para passear. Agora se queixa... Quem mandou você ficar zanzando por aí?

— Não se meta na minha vida, ouviu? — retrucou a andorinha dos ovos gorados. E piou grosso um palavrão que nem vale a pena traduzir.

Depois de alguns minutos de silêncio, as duas andorinhas levantaram vôo e se afastaram.

Xisto continuou a saltar de galho em galho.

— Um ninho vazio! — exclamou ele. — Que sorte! Já tenho onde dormir...

— Boa tarde — disse uma voz perto dele.

Xisto virou-se e viu um pequeno pombo.

— Vejo que é passarinho novo na floresta — continuou o recém-chegado.

— Acertou. Sabe se este ninho tem dono?

— Não. Pode tomar conta dele.

— Você mora aqui há muito tempo?

— Nasci na árvore ao lado — disse o pombo.

Cinco minutos depois as duas aves já se entendiam às mil maravilhas.

Xisto espantava-se da rapidez com que estava se adaptando à nova condição de passarinho. Bastaram-lhe apenas dois dias para conhecer todo o bosque.

— Não voe para os lados da clareira — recomendou-lhe a ave. — Continua a aparecer por ali um rapazinho que é “pombicida”.

— O que significa . . . “pombicida”?

— Que mata pombos.

— Como?

— Atirando flechinhas com seu arco. Meu pai foi morto e jantado por aquele moço. Mamãe ficou tão desgostosa que virou defunta dois dias depois. Somos cinco irmãos órfãos. Por um momento de estúpido prazer, o rapaz torna desgraçadas famílias inteiras. . .

Xisto ficou pensativo.

— Ainda bem que não tenho boa voz — continuou o pombo. — Possuo vários amigos cantores que foram capturados e que se acham presos em gaiolas onde ficarão até o fim da vida. . . Como é egoísta o homem! Pouco se importa de nos roubar a liberdade, contanto que cantemos músicas agradáveis aos seus ouvidos!

Xisto ficou emocionado e sentiu lágrimas nos olhos, pois seu coração, apesar de ser o de um passarinho, continuava sensível como dantes.

— Sabe de uma coisa? — disse o pombo. — Tenho uma prima que acha você uma tetéia. . .

— É? Onde foi que ela me viu?

— Voando por aí mesmo. . . Ficou gamadinha. . .

— Que coisa gozada! . . .

— Você já está comprometido?

— Mais ou menos. . .

Xisto achou graça. Não faltava mais nada! Namorar uma pombinha! Cruzar com ela! Ter filhotinhos!

— Venha até a minha casa. Quero lhe mostrar uma coisa — continuou a ave.

O ninho do amigo de Xisto fora construído nos ramos de uma gameleira e estava rodeado de folhas dependuradas como se fossem quadros.

Em cada uma delas achava-se o retrato de uma passarinha, pintado com suco de frutas.

— Esta aqui é um amor! — disse o pombo, mostrando-lhe uma pequenina beija-flor, que segurava um jasmim no bico. — As patinhas dela são uma graça!

— É sua namorada?

— É. Para dizer a verdade, flerto com todas elas. Você compreende, não é? Sou ainda muito novo para ficar amarrado. Bem, meu amigo, vou deixá-lo. Preciso visitar minha tia que está com uma doença muito esquisita.

— Que doença?

— Uma espécie de gogo, parecido com o das galinhas.

— Coitada. Desejo melhoras, viu?

— Adeus — disse o pombo, voando.

— Adeus.

Mal a ave se afastou, Xisto ficou louco de vontade de ir até a clareira. Diziam que estava cheinha de goiabeiras carregadas de frutas maduras. E se lá estivesse o mocinho que atirava flechas?

Se ele fosse apenas “pombicida”, como o chamara seu amigo, nada havia a recear. O rapaz com certeza só se interessava por pombos, uma vez que gostava de comê-los fritos ao jantar.

“Canários não têm carne gostosa”, pensou Xisto. “Além disso, sou tão magrinho e quase que só tenho ossos! Ossinhos miúdos, que não servem para nada...”

E voou para a clareira.

PIORAM AS COISAS

XISTO estava se deliciando com as goiabas maduras quando ouviu um barulhinho de folhas secas, como se alguém se estivesse aproximando.

O "pombicida!", pensou Xisto.

O próprio. Um odioso mocinho de cara antipática acabava de chegar, segurando um pequeno arco na mão. Acompanhava-o uma criança que não poderia ter mais de sete anos de idade.

— Olhe só como é amarelo aquele canário! — exclamou o "pombicida", esticando o arco e fazendo pontaria.

Xisto não teve tempo nem de pensar.

Psst... Lá veio uma pequenina seta e se cravou bem no seu peito... O canário, tonto de dor, soltou um triste pio e caiu ao chão, com as penas cheias de sangue. "Chegou a hora de morrer!" pensou ele.

Era realmente essa a sua impressão.

Sentia como se todo o frágil soprozinho de vida que pulsava dentro de seu corpo de pássaro se estivesse esvaindo por aquela ferida.

— Chato! Mau! — gritou a criança que se chamava Zingu — avançando para o rapaz e dando-lhe murros com seus pequenos punhos cerrados. — Matou o canário!

— Não seja besta, seu pirralho! — tornou o "pombicida". — Esse passarinho não vale nada.

— É meu! É meu! — repetia a criança, aproximando-se de Xisto.

Então, com suas mãos delicadas, arrancou a pequena seta do peito da ave, tirou do bolso um lençinho e colocou-o na ferida que sangrava.

— Se não morrer, vou criar esse passarinho — continuou o menino.

Tudo escureceu e Xisto teve a impressão de que estava agonizando ou desmaiando. Quis rezar, mas... ai dele! Nem forças para isso tinha.

O canário nunca soube quantos minutos ficou fora de si. Ao recobrar os sentidos, teve uma sensação de aconchego e fraqueza misturada com um certo ardor no peito. Percebeu então que a criança o trazia no colo e que alguém havia tratado de sua ferida, recobrando-a com uma pomada qualquer.

Cerca de cinco dias ficou assim, mergulhado num desânimo absoluto, como se nunca mais pudesse recobrar as forças. Voar, não podia mesmo. Se tentava levantar as asas, doía-lhe de tal modo o peito que logo desistia. Se não fosse Zingu — o seu pequenino salvador — Xisto já teria morrido. A criança, comovida com o canário ferido, colocou-o dentro de um pequeno cesto cheio de palha, depositando-o num cantinho de sua própria cama. Abria-lhe o bico, alimentava-o, curava-lhe a ferida, acariciava-lhe a cabeça. Assim, pouco a pouco, dia a dia, Xisto foi melhorando, melhorando, até sentir-se quase curado. Incomodava-o ainda uma certa fraqueza, aliás muito natural depois do que havia acontecido.

Foi então que Zingu o meteu numa gaiola feita com varinhas de bambu.

Pobre Xisto! Sozinho, completamente isolado dos homens devido à sua condição de passarinho! Nem as vantagens desse estado podia gozar, pois estava trancado naquela prisão onde ficaria até morrer de velho! Ninguém para conversar, nenhum amigo. . . Nenhum amigo, não. Ali estava o pequeno Zingu, para quem o canário amarelo representava toda a alegria, toda a felicidade. Enchia-lhe a gaiola de frutas e torcia-se de riso vendo o passarinho sacudir as asas quando se banhava no pequeno pote de barro.

Certo dia, entrou alguém no quarto. Alguém que fez o pequenino coração de Xisto disparar dentro do peito. O “pombicida”. Sim, ele em pessoa. Vendo o passarinho na gaiola, a odiosa criatura começou a rir e disse:

— Você escapou, hem? Deixe estar que vou lhe pregar uma peça.

Aproveitando-se da ausência de Zingu, que era seu primo, o rapaz abriu a portinhola da gaiola, enfiou a mão lá dentro e agarrou Xisto, que estava morrendo de medo.

Então, sem dó nem piedade, puxou-o para fora e começou a arrancar, uma por uma, as suas penas, até o deixar completamente pelado!

— Agora, sim, você está uma verdadeira beleza! — disse o rapaz, dando uma gargalhada e colocando o canário na gaiola de bambu.

Fazia frio, e o passarinho, privado de seu agasalho natural, começou a tiritar. Seu pequeno corpo ardia, devido à brutalidade com que as penas haviam sido arrancadas.

O “pombicida” saiu, e pouco depois Zingu chegou. Vendo o estado em que haviam deixado a ave, a criança começou a chorar.

— Foi meu primo quem fez isso — dizia ele, soluçando. — Aquele chato não presta mesmo! Só podia ter sido ele! Meu canarinho!

“Nascerão outras penas”, pensou Xisto, que aprendera a conformar-se com o irremediável.

Zingu saiu, indignado, e foi à procura do primo.

Aproveitando a tranquilidade forçada em que vivia, Xisto começou a compor uma porção de músicas que cantava todas as manhãs, mal saía o sol. Era ao som delas que Zingu acordava, pois a gaiola fora dependurada perto da janela de seu quarto.

“Durga... Minoco... Magnoto... como estava longe aquilo tudo!”, pensou Xisto.

Que diria Orjana se lhe mostrassem um magro canário deitado dizendo-lhe que “aquilo” era o seu filho?

E Bruzo? Talvez estivesse chupando bico ou fazendo manha naquele momento, quem sabe? Era tão incrível, tão confuso aquilo tudo!

E havia o gato cinzento... Como era antipático! Vivia dirigindo para Xisto aqueles olhos verdes, cheios de maldade e cobiça. Ficava quietinho minutos e minutos, olhando fixamente para o canário, como que preparando o bote e antegozando o petisco.

Xisto tinha pavor dele, essa é que era a verdade...

Passaram-se dias, semanas, meses, muitos e muitos meses... As penas do passarinho cresceram novamente, parecia até que estavam ainda mais bonitas e amarelas do que dantes.

Certo dia, Xisto ouviu uma conversa que o deixou curioso.

— Não vá você comer demais e ficar com indigestão — dizia a mãe de Zingu a seu filho. — O barco parte depois de amanhã e viajar doente é muito ruim.

— Levo o canário também, mãe.

— Isso irá complicar as coisas, Zingu.

— Deixe-me levá-lo, deixe-me levá-lo — insistiu a criança. — Gosto tanto dele!

— Bem — replicou a senhora. — Você levará o passarinho com a condição de cuidar dele durante toda a viagem. E em casa de sua tia também.

— Que bom! Que bom! — exclamou o menino, dando pulos de alegria.

Xisto ficou sabendo então que iria fazer uma viagem por mar.

Isto mesmo. Não tinha mais o direito de escolher isso ou aquilo... estava inteiramente à mercê dos outros. Podiam levá-lo para onde entendessem, fazendo dele o que bem quisessem... felizmente havia o pequeno Zingu.

A MÃO DO DESTINO

E assim, numa ensolarada manhã, Xisto e sua gaiola de bambu foram carregados e levados para um grande navio de vela. Zingu exigiu que o passarinho ficasse no camarote bem junto de sua cama.

A princípio correu tudo bem.

Certo dia, o canário notou que o céu escureceu de repente, enquanto um vento alucinado começava a soprar, tornando ainda mais agitado o mar. Mesas, cadeiras e outros objetos eram jogados de lá e para cá numa confusão indescritível.



— Meu canário! — gritou Zingu, entrando aflito no camarote, justamente no momento em que uma sacudidela mais forte do navio atirava a gaiola de bambu no chão.

A criança apanhou-a depressa e abraçou-se com ela.

Xisto, todo encolhido, arregalava os seus olhos de passarinho, como que tentando adivinhar o que acontecia lá fora.

Logo depois, tropeçando aqui e ali, chegaram os pais de Zingu.

— Não saia do camarote de jeito nenhum — recomendaram eles.

Aos poucos, a tempestade foi passando. Os estragos não foram muitos, e o navio continuou a viagem na manhã seguinte.

Cerca de dois meses navegaram eles, sem que nada de extraordinário acontecesse.

Enfim, chegaram ao porto.

A tia de Zingu esperava os parentes com um ramo de flores no braço e muita alegria no coração.

Dessa vez a gaiola de Xisto foi colocada na sala de jantar, pois os trinados do passarinho já se haviam tornado famosos, e toda a família queria escutá-los.

O canário ficou contente, pois desse modo podia divertir-se muito mais, ouvindo a conversa dos outros. Xisto ignorava que reino e que país fosse aquele.

Certo dia entrou na sala um senhor desconhecido, enrolado numa capa de veludo verde.

— Grandes novidades — disse ele. — O vulcão começou a vomitar cinzas. Parece que vai entrar em erupção.

— Não é possível! — disse a tia de Zingu. — Há já cinquenta anos que isso não acontece!

— Tô com medo! Tô com medo! — gritou o pequeno.

— Não há perigo — disse o homem da capa de veludo verde. — O vulcão fica um pouco longe daqui.

Zingu ficou pensativo e de repente perguntou:

— Mamãe, se alguém tapasse a boca do vulcão a terra explodia, não explodia?

— Quem sabe? — respondeu ela, sorrindo.

Xisto ficou tão excitado com essa conversa que soltou uma exclamação, isto é, um pio. Meu Deus! Ali, quase perto dele, estava o elemento que poderia destruir Durga para sempre! E ele ali preso, metido naquelas grades de bambu! Também de que lhe adiantaria estar livre? Muito difícil chegar até lá, obter a cinza, e mais difícil ainda voltar até Durga. Súbito, teve uma idéia. Encolheu-se todo e começou a piar como se estivesse sentindo alguma dor.

— Está com fome — disse Zingu, indo buscar uma pêra e colocando-a na gaiola.

O passarinho nem olhou para a fruta e continuou a piar doloridamente.

— Esse canário deve estar doente — comentou a mãe do menino. — Deixe-me ver o que ele tem.

Assim dizendo, a senhora carregou a gaiola para perto da janela, a fim de enxergar melhor, abriu a porta e segurou a ave, tirando-a de dentro.

— Vamos olhar primeiro os pés — disse ela. — Passarinhos são muito sujeitos a doenças nessa parte do corpo.

Nisso, ao sentir menos forte a pressão dos dedos da mãe de Zingu, o canário deu um arranco, libertou-se e saiu voando pela janela aberta.

— Escapou! Fugiu!... — exclamou a senhora.

— Meu canarinho! — gritou Zingu, começando a chorar.

Os soluços da criança repercutiam diretamente no coração de Xisto, que sentia remorsos por ter feito aquilo. Pousado na árvore, ele pensava: sim, correria tudo como tinha planejado. Fingira-se doente, prevendo que haveriam de tirá-lo da gaiola para ser examinado. Teria desse modo uma oportunidade de escapar. E assim acontecera. O canário sofria pensando na criança que lhe salvara a vida, e a quem fora obrigado a enganar.

Zingu era pequenino, não entendia bem as coisas. Se fosse grande, talvez desse razão a Xisto, e compreendesse que debaixo daquela aparente ingratidão, existia o desejo de ser útil aos outros.

Sim, pois foi na esperança de obter um pouco de lava do vulcão que o passarinho fugira. Xisto teve ímpetos de voar para junto do menino e dizer-lhe:

— Perdoe-me, Zingu. Quero apenas livrá-lo e a todos os homens de uma criatura má que se chama Durga.

Inútil tentar comunicar-se, pois só iria conseguir... piar. Piar, mais nada. E Zingu não entendia "passarinhês"...

Para que direção deveria voar? Onde se achava o vulcão?

Perguntou a uma ave, a outra, e... nada. No dia seguinte bem cedo Xisto colheu uma cereja madura no quintal de uma casa e levou-a no bico até a janela de Zingu.

Depois pousou numa árvore próxima e começou a cantar. Um minuto depois o menino chegou à janela, apanhou a fruta e exclamou, satisfeito:

— Meu canarinho! Meu canarinho!

Vendo que o pássaro se afastava para longe, a criança gritou para ele:

— Não faz mal você ficar solto. Estou contente, porque acho que você gosta de mim, não é?

Voltou para dentro e foi comer a cereja.

Xisto não conseguiu saber nada a respeito do vulcão nos dias seguintes. As aves a quem perguntava diziam só assim:

— Acho que ele fica para o lado de lá, mais ou menos.

Todas as manhãs Xisto voava até a janela de Zingu e deixava uma pequena fruta: um morango, uma uva, uma ameixa. Depois cantava, o menino vinha, sorria, lhe fazia festinhas na cabeça e lhe dizia adeus.

Finalmente o canário foi apresentado a uma águia que conhecia o vulcão. Morava até por aqueles lados.

— Não agüento voar até lá — disse Xisto tristemente. — Depois que fui ferido por uma flecha, perdi metade de minha resistência.

— Se quiser, posso levá-lo nas costas — disse a águia.

— Vou chatear muito a senhora — disse o canário.

— Qual nada, rapaz. Sei que você tem uma voz muito bonita. Sou louca por sonatas. Se você cantar durante a viagem, não sentirei cansaço. Mas não posso compreender a razão de seu interesse pelo vulcão.

— Curiosidade, apenas — tornou Xisto. — Deve ser um negócio superlegal, hem?

— Que é bonito é, mas que dá medo, dá. . .

Na manhã seguinte a águia levantou vôo com o canário pousado nas costas.

Xisto escolheu a mais bonita de suas composições e começou a cantar.

— Repita esse pedaço — dizia a águia de vez em quando. — É lindo!

À noite, já bastante cansada, a grande ave pousou num rochedo.

— Chegamos, senhor Canário — disse ela. — Veja aquilo lá longe.

Xisto olhou na direção e ficou empolgado vendo uma sombra escura em forma de triângulo com o cume vermelho. Dir-se-ia uma boca de fogo a lançar chamas de quando em quando.

— O vulcão! — exclamou Xisto, estarrecido.

Ouviam-se ruídos subterrâneos, e o ar estava pesado e quente, carregado de fluidos.

A BOCA DE FOGO

XISTO estava exausto e adormeceu logo, apesar de algumas pequenas explosões do vulcão que de momento a momento avisavam aos moradores vizinhos do perigo que os ameaçava.

Pela madrugada o canário acordou assustado, ouvindo estrondos que vinham de dentro do solo.

Da boca do vulcão saíam nuvens de areia, pó e cinzas, que caíam sobre as árvores e casas vizinhas, recobrimdo-as como se fossem uma capa de chumbo.

Xisto tentou voar até lá, mas não conseguiu chegar perto. Obrigado a aspirar as emanções tóxicas que saíam da cratera, o passarinho começou a sentir tonturas e enjôo. Além disso o calor era tal que seu pequeno corpo ficou ensopado de suor.

“Estou perdido!” pensou ele. “Não consigo nem mesmo chegar perto do vulcão.”

Teimoso e persistente, Xisto olhou para trás, mas não desistiu. Continuará ali, esperando... esperando...

Alarmados, quase todos os moradores do lugar abandonaram suas casas e se dirigiram para outras terras.

Pousado numa árvore à beira da estrada, Xisto viu o desfile de homens, mulheres e crianças. Alguns levavam os seus burros, cabras, carneiros, outros carregavam sacos e embrulhos.

Cerca de uma semana depois, já pela madrugada, o vulcão entrou em franca erupção.

Ouviu-se um fortíssimo estrondo que vinha de dentro da terra, como se toda ela estivesse se revolvendo em convulsão interna. Enquanto isso, enormes e sucessivos jatos de fogo lívido esguichavam da cratera para o céu, subindo até uma altura de cem metros, despencando-se espetacularmente e convertendo-se numa gigantesca torrente vermelha de lava incandescente. O rio de fogo veio escorregando pelas estradas, destruindo tudo o que encontrava em sua passagem.

Gritos de desespero se misturavam com os ruídos subterrâneos, pois alguns habitantes do lugar haviam cometido a imprudência de continuarem em suas casas. Agora era tarde: a lava fervendo havia envolvido tudo para sempre!

De sua árvore Xisto observava a cena com os olhos arregalados.

— Nunca mais vou me esquecer desse espetáculo! — exclamou ele, empolgado e horrorizado ao mesmo tempo.

A torrente de fogo subdividia-se, espalhando-se aqui e ali.

Então, dominando o enjôo e o medo que sentia, o canário, molhado de suor, prendeu, num dos pés, um fio comprido de cipó fininho com um pequeno caramujo vazio amarrado na ponta. Em seguida voou até uma árvore que ficava no rumo tomado por uma das correntes menores de lava. Quando esta, escorregando sempre, veio se aproximando, Xisto atirou o cipó. Pouco depois, num penoso esforço, tornou a puxar o fio para cima.

Corroído pelas chamas, o cipó se arrebentou, atirando o caramujo para longe. Foi esse talvez o momento mais perigoso da aventura: intoxicado pelos gases da corrente, o passarinho começou a vomitar e sentiu a cabeça girando.

Um pouquinho mais, e iria cair no meio da lava fervendo! Recobrando a calma, Xisto firmou bem os pés no galho da árvore até que melhorasse aquela sensação. Logo que isso aconteceu, decidiu sair dali o mais depressa possível. Recorrendo ao resto de suas forças, voou na direção onde caíra o caramujo.



*De distância em distância, o canário pousava para descansar.
A emoção, a fadiga e a pressa de fugir impediam-no de raciocinar.*

Encontrou-o ainda quente, e, com sacrifício, carregou-o no bico. Ouviu-se novo estrondo, enquanto o céu se tornava amarelo e iluminado como que riscado por fogos de artifício.

Voando tão depressa quanto as suas já minguadas forças o permitiam, Xisto afastou-se daquele lugar infernal.

Por pouco não ficou soterrado, pois mal saíra dali, o local foi inundado por uma torrente de lava que recobria tudo.

De distância em distância, o canário pousava para descansar. A emoção, a fadiga e a pressa de fugir impediam-no de raciocinar. Finalmente viu que estava fora de perigo. Então caiu exausto junto de uma plantação de milho e adormeceu profundamente. Quando acordou, sentiu que havia recobrado parte das forças.

— Deus seja louvado! — exclamou ele, olhando para o caramujo, todo recoberto de lava “obtida em estado de ebulição”. Ali estava a miraculosa coisa que iria livrar a humanidade para sempre do terrível Durga! Não importava que ele, Xisto, continuasse passarinho para sempre. Seria feliz contribuindo para a felicidade dos outros. O problema agora era voltar. Como fazer para chegar até o porto? Se conseguisse voar até lá, talvez pudesse pousar escondido em algum navio que se dirigisse ao país de Vilebrodo, quem sabe?

Xisto teve fome e voou por perto em busca de alimento. Encontrando um pessegueiro dirigiu-se para lá e começou a comer as frutas. Fazia isso curtindo tanto que nem viu outra ave que também se achava na mesma árvore.

— Você por aqui? — disse a ave.

— Dona Águia! — exclamou Xisto. — Que prazer. . .

— Vamos ter uma bruta dor de barriga. Esses pêssegos estão todos verdes. . .

— A minha já está começando —, disse o canário, rindo.

— Você não está querendo fazer alguma viagem? — perguntou a águia.

— Por quê?

— Estou louca de vontade de ouvir outra vez aquela sonata em mi bemol que você cantou quando viajamos juntos.

— Se quiser, posso repeti-la agora mesmo.

— Qual! — disse a águia. — Sou muito romântica e adoro voar ao som de música. O seu fá sustentado é uma maravilha! Tão afinado que dá gosto de ouvir.

— Obrigado — disse Xisto. — E se voltássemos pelo mesmo caminho?

— Ótima idéia.

O canário voou para o milharal e voltou com o caramujo no bico.

— Que negócio é esse? Parece-me lava de vulcão. Que vai fazer com isso?

— É encomenda de uma franga conhecida minha que está sofrendo de gogo — disse o canário. — A gente esfrega isso no pescoço, e a doença desaparece na mesma hora.

— Foi bom saber — tornou a águia.

Xisto instalou-se nas costas da grande ave, segurando firmemente o caramujo com um dos pés.

— Cante com bastante expressão e repita duas vezes o estribilho, sim? — recomendou a águia. — Tive um namorado que adorava essa música. . .

E lá se foram eles pelo espaço afora. . .

UMA CAÇADA E UMA SURPRESA

A primeira coisa que Xisto fez ao chegar ao porto foi guardar o caramujo num pequeno esconderijo. Depois voou até a janela de Zingu e cantou, chamando a criança. Não veio ninguém.

— Será que viajaram todos? — perguntou o canário a si mesmo.

Fora realmente isso o que acontecera. A família partira de volta, levando a tia de Zingu e deixando a casa fechada. Xisto ficou triste, pois não só estava com saudades do menino, como pretendia viajar escondido no mesmo barco que ele.

O único jeito era aguardar até que surgisse outro navio que fosse para aqueles lados.

Finalmente, cerca de um mês depois ancorou no porto um grande veleiro. Descobrimo que o barco iria fazer escala no país de Vilebrodo, o canário foi buscar o caramujo, carregou-o e voou até o navio. Fácil lhe foi encontrar abrigo num lugar disfarçado e protegido. Aproveitando o vento favorável, o barco se pôs ao largo. Ninguém percebeu a presença do canário. Apenas, uma vez ou outra, o cozinheiro de bordo dava por falta de algumas folhas de verdura ou surpreendia-se encontrando alguma fruta, que deixara intacta, devorada pela metade.

O barco parava quando não havia vento, continuando a navegar tão logo ele começava a soprar.

Pouco menos de metade faltava para o fim da viagem, quando o navio estacionou vários dias num pequeno porto. Governava aquela cidade um rei negro. Como sempre acontecia todas as vezes que o veleiro ancorava, Xisto voou para a terra a fim de mudar um pouco de ambiente. Vendo um grande bosque, sentiu desejos de passear nele. Sempre gostara de árvores, e depois que era passarinho, então, ainda mais as compreendia e amava. Tornara-se íntimo dos pequeninos brotos e das flores que desabrochavam e murchavam, transformando-se em frutos.

Deliciado, o canário respirava o ar impregnado do cheiro das madeiras e das folhas. Saltando de galho em galho, lá ia ele pelo bosque adentro...

Assim foi indo, até que chegou a um lugar sombrio e poético, que lhe pareceu ser o verdadeiro coração da floresta. Havia uma pequena lagoa de água transparente, rodeada de árvores que se despencavam sobre ela. Pousado num ramo, Xisto gozava a tranqüilidade e a beleza daquele sítio.

De repente, o silêncio do bosque foi interrompido pelo som estridente de clarins misturado com o latido de cães.

— Uma caçada! — exclamou Xisto, surpreso.

Quase no mesmo instante, surgiu um veado correndo a toda velocidade, e atirou-se na lagoa. Então aconteceu uma coisa esquisita: o animal foi sacudido por uma espécie de tremor, depois ficou boiando na água, como se estivesse desacordado.

O latido dos cães tornou-se mais forte, mais forte, até que surgiram dois caçadores procurando a presa.

Vendo o pequeno veado imóvel dentro da lagoa um deles apeou-se do cavalo e foi ver o que havia acontecido.

Buscou uma vara e puxou o animal até as margens.

— Está morto — disse ao companheiro.

— Que mistério... Não atiramos nele e aconteceu isso...

— Deve ter tido um desmaio, ou coisa parecida.

— Por seguro vamos deixá-lo onde está. Confesso que não tenho coragem de comer a carne dele. Só Deus sabe de que doença morreu...

O outro caçador tornou a montar, e os dois amigos se afastaram, acompanhados pelos cães que latiam e uivavam sem parar.

Xisto, que assistira a cena, achou aquilo muito estranho.

Não tardou que um periquito verde viesse pousar na mesma árvore onde ele estava.

Depois de conversar com ele sobre banalidades, o canário contou-lhe o que acontecera com o veado.

— Vejo que você é de fora — disse o periquito. — Do contrário saberia a razão disso. Olhe bem para dentro da água... O que é que você está vendo?

Xisto firmou bem a vista e enxergou uma forma escura em feitiço de cobra que se movia de um lado para outro. Parecia uma grossa serpente negra.

— Que é aquilo? — indagou, assustado.

— Um peixe elétrico. Dá cada choque que só você vendo...

— Ah! — fez Xisto, intrigado. — Quer dizer que o veado morreu eletrocutado, não é?

— Isso mesmo. Quase todos os bichos do bosque sabem disso e não chegam perto da lagoa.

— Obrigado pela explicação —, disse o canário.

Começava a ventar, e o passarinho resolveu voltar quanto antes para bordo. Seria um verdadeiro desastre se o navio continuasse a viagem sem ele.

Ao chegar ao porto, notou que o barco já se achava com as velas enfunadas, pronto para levantar âncora.

Só depois de já estar em alto-mar, Xisto teve, de repente, a grande revelação: naquela pequena e sombria lagoa que acabara de conhecer, morava... "o que tem forma de cobra e é como o raio"! E ele que não pensara nisso antes!!! Um peixe... um peixe elétrico, que fulminava tal qual a fâsca do raio! Sabia agora onde e como exterminar Minoco.

Pesaroso, o passarinho chegou à triste conclusão de que não lhe adiantaria nada descobrir aquilo. Era positivamente impossível fazer com que o bruxo chegasse até a lagoa.

Xisto já se ia esquecendo de que não passava de um pobre e insignificante canarinho!

“O QUE VÊ SEM SER VISTO”

SOPRAVA um vento forte, e o navio deslizava rápido pelas águas. Dez dias depois, chegava ao país de Vilebrodo.

Sempre carregando o caramujo, Xisto levantou vôo e colocou o precioso objeto em lugar seguro. Em seguida rumou para a casa de Zingu. Estava com saudades do menino e desejava saber notícias.

Já era noite, e, imaginando que a criança talvez estivesse dormindo, o canário decidiu não cantar a fim de não a despertar. A janela achava-se aberta, e o passarinho entrou no quarto do menino. À luz da lanterna acesa, Xisto viu Zingu dormindo, com o rostinho inocente recostado no travesseiro. Dormia a sono solto. Súbito, a atenção do canário foi despertada por uma forma chata e escura, cheia de pernas, que se movia no lençol, já perto do rosto do menino. Céus, um escorpião!

Não havia tempo a perder, era preciso acordar a criança de qualquer jeito. Num segundo, Xisto deu um forte impulso na bilha de barro que estava em cima da cômoda, fazendo com que ela viesse espatifar-se no chão. O barulho acordou Zingu que, ao ver o medonho escorpião quase junto do rosto, soltou um grito e empurrou depressa o lençol para longe de si.

Não tardou que chegassem os pais aflitos. O escorpião foi esmagado e atirado no lixo.

— Quem teria jogado a bilha no chão? — perguntou Zingu.

— O vento, com certeza — respondeu-lhe o pai.

— Você pode dizer que deve a vida a ele —, acrescentou a mãe.

Pousado na árvore vizinha, Xisto via e ouvia tudo.

Não fazia mal que ignorassem ter sido ele quem provocara o barulho. Salvava a vida do menino, isso é que era o essencial. Mesmo que Zingu nunca soubesse disso, ele, Xisto, sentia uma grande e íntima alegria, pois acabava de cumprir um dever de gratidão para com a criança.

Bastante fatigado, o passarinho acabou dormindo.

No dia seguinte, acordou agitado. Iria cuidar agora de sua grave e arriscada missão: destruir Durga!

Antes disso, teve desejos de voar até a casa onde Bruzo, transformado em criança, fora recolhido.

Portas e janelas estavam fechadas, e Xisto desistiu da idéia. De volta a seu esconderijo teve de passar pela floresta. Uma grande surpresa o esperava: garbosamente montado em seu cavalo preto, lá vinha vindo o... cavaleiro negro! Sua armadura cor de azeviche, enfeitada de prata, brilhava ao sol. Xisto esqueceu-se de que era passarinho, e quase morreu de susto. Que tolice! Durga jamais poderia desconfiar de que o insignificante canarinho amarelo pousado numa árvore fosse ele!

Que pena não trazer o caramujo consigo, pois teria aproveitado a oportunidade, e dado cabo do bruxo ali mesmo.

O cavaleiro parou junto de um córrego para dar água ao cavalo e apeou-se. Por que estaria usando sua armadura naquele momento? Iria desafiar algum inimigo ou desejava apenas impressionar o povo com seus apetrechos de guerra?

De repente, Xisto viu que o elmo de Vilebrodo começava a se levantar sozinho, voava pelos ares e baixava até ir parar no chão. Debaixo dele não havia... rosto algum. Em seguida a couraça, as joelheiras, uma por uma, as peças da armadura foram caindo ao solo sozinhas, como se dentro delas apenas existisse um... fantasma! Durga estava invisível naquele momento!

Ouvindo o estalo de folhas secas pisadas, Xisto olhou para o chão e viu a marca de pés que vinham caminhando

em... direção a ele! Sim, bem no rumo da goiabeira onde estava pousado! O pobre canarinho encolheu-se todo, fechou os olhos e aguardou os acontecimentos.

Então... então... sentiu de repente uma pressão de dedos no corpo e um empurrão violento, enquanto uma voz irritada berrava:

— Sai de minha frente, canário idiota!

Xisto despencou da árvore e foi cair no chão. Olhou para cima e apenas viu uma goiaba sair sozinha da haste, parar no meio do ar e ir diminuindo aos poucos, diminuindo até desaparecer de todo, como se estivesse sendo devorada por uma boca invisível. Fora realmente isso que acontecera. Durga subira na árvore, apanhara e comera a fruta!

O bom senso mandava que Xisto fugisse quanto antes dali.

Voando a toda velocidade, o canário saiu da floresta, e se dirigiu para o esconderijo. Que susto acabava de passar, meu Deus! E que perigo!

Xisto resolvera exterminar Vilebrodo à noite, e foi com impaciência que esperou o pôr-do-sol. Pouco antes das vinte e quatro horas, encomendou-se a Deus, e voou para o palácio com o caramujo no bico. As janelas estavam fechadas e o pássaro custou a encontrar uma abertura por onde pudesse entrar.

Finalmente encontrou uma espécie de clarabóia protegida por uma grade. Atravessou-a com relativa facilidade e entrou no palácio. Todo o cuidado era pouco e conviria voar devagar, e em intervalos, para não fazer ruído. Onde dormiria Vilebrodo? Um contratempo veio desapontar Xisto: todas as portas dos quartos que davam para o grande corredor estavam fechadas! Que ingenuidade imaginar que Durga deixaria sua porta aberta! O canário não teve outro remédio senão voltar pelo mesmo caminho por onde tinha vindo. A única solução seria entrar no palácio durante o dia, chegar até o quarto de Vilebrodo, e esconder-se num canto qualquer até que chegasse a noite.

Assim foi feito. Na tarde seguinte, o passarinho entrou por uma janela e voou até o corredor, pousando em cima de um grande armário de onde poderia observar tudo sem ser visto. Criados iam e vinham, ocupados em seus trabalhos. Já era noite quando Vilebrodo chegou acompanhado de Minoco.

A HORRENDA METAMORFOSE

— NÃO sei o que aconteceu — disse Vilebrodo ao passar perto do armário. — Há no ar qualquer coisa que está irritando meu sistema nervoso. Vou descansar um pouco.

Xisto estremeceu, percebendo que Durga já pressentira a proximidade da lava de vulcão.

Minoco disse ao ouvido de Vilebrodo qualquer coisa que o canário não conseguiu entender. Xisto teve ímpetos de atirar o caramujo no bruxo ali mesmo, naquele instante. Mas, não! Seria imprudência, pois Minoco estava presente, e a coisa deveria ser feita sem testemunhas.

Os dois bruxos andaram até o fim do corredor e entraram na última porta do lado direito.

“Já sei onde é o quarto dele”, pensou o canário.

Seria arriscado chegar até lá, mas... que fazer?

Talvez fosse mais fácil entrar pela janela, logo que o bruxo saísse. O passarinho voou para fora outra vez, sempre com o caramujo no bico. Outra desilusão: a janela do quarto de Durga estava aberta, mas era protegida por uma espécie de rede finíssima que tornava impraticável qualquer tentativa de penetração.

E se esperasse uma oportunidade em que o tirano estivesse sozinho cá fora? Impaciente, Xisto resolveu dar cabo de Durga, aquela noite, de qualquer jeito. Sempre com as mesmas precauções, entrou outra vez no palácio e

voou até a porta do quarto de Vilebrodo. Em frente a ela havia uma mesa de madeira e ouro, com um vaso de jade em cima. Xisto escondeu-se atrás dele, na esperança de que a porta se abrisse e ele tivesse uma oportunidade de entrar no quarto sem ser notado. Corria um risco tremendo, ele bem o sabia.

Depois de uma hora de espera, ouviu um ruído e a porta começou a abrir-se, surgindo Minoco.

— Com uma dose do nosso pudim, é bem provável que o mal-estar passe — disse ele.

— Assim espero —, acrescentou Durga, que continuava dentro do quarto.

— Adeus.

— Adeus.

E a porta fechou-se outra vez.

Verificando ser quase impossível entrar no quarto de Durga, Xisto resolveu sair do palácio novamente, desistindo do plano aquele dia.

Lá fora estudaria com calma o melhor modo de executar a sua perigosa missão. Veio vindo um criado, e o canário teve de continuar quietinho atrás do vaso de jade. O homem segurava uma bandeja de prata com uma porção de objetos em cima. Chegou junto da porta e bateu três pancadas. Durga veio abri-la, e fez isso com tanta violência que o criado tropeçou, e a bandeja caiu no chão. A xícara e os pratos rolaram e espatifaram-se pelo corredor afora.

— Meu mingau! — berrou Vilebrodo, agarrando o pobre homem e sacudindo-o com brutalidade.

Xisto não teve tempo de pensar: num impulso espontâneo, aproveitou a confusão daquele momento e voou pela porta aberta, enfiando-se debaixo da cama de Vilebrodo.

O tirano continuou berrando:

— Vou eu mesmo à cozinha buscar o mingau! Estúpido! Idiota!



*Saiu do esconderijo, ergueu-se no ar e...
atirou o objeto bem no rosto de Vilebrodo.*

Antes disso, trancou a porta pelo lado de fora. Passaram-se alguns minutos, e como ele não voltasse, Xisto aventurou-se a pôr o pescocinho de fora a fim de examinar o lugar onde se achava.

As paredes eram recobertas de veludo preto com bordados em ouro e prata. O grande leito também era negro com enfeites iguais. Um quarto luxuoso, mas de dar medo na gente, pois lembrava cenário fúnebre de velório.

Foi só bem mais tarde que Durga chegou.

“E se ele dormir... invisível”, pensou o canário inquieto.

Isso não aconteceu, entretanto. Vilebrodo deitou-se sem tirar a túnica e sem abaixar a luz da lanterna. Deveria estar muito cansado, com certeza.

Xisto esperou ainda algum tempo e tomou uma decisão rápida:

— Agora ou nunca! — disse ele, segurando o caramujo no bico.

Saiu do esconderijo, ergueu-se no ar e... atirou o objeto bem no rosto de Vilebrodo.

Então... então... cheio de espanto, o passarinho viu o rosto de Durga ir envelhecendo rapidamente como se tivesse cem, duzentos, quinhentos, setecentos, novecentos anos! A pele foi enrugando, enrugando até se transformar num couro escuro e curtido, todo encarquilhado. Diante da horrenda metamorfose, Xisto quase desmaiou. E o pior de tudo era aquele enjoativo e estranho cheiro — cheiro de século — que se foi espalhando pelo ambiente. Cheiro de século, isso mesmo...

Seu pavor e surpresa aumentaram quando percebeu que a... múmia de Durga começava a se desmaterializar lentamente até converter-se numa sombra apagada e vaga. Foi indo, foi indo, até desaparecer de todo.

— Deus seja louvado! — murmurou o passarinho. A parte mais importante de minha missão já está cumprida.

E o canário teve de ficar a noite inteira naquele lugar horrível que mais parecia uma câmara ardente.

No dia seguinte, como Vilebrodo não se levantasse nem atendesse aos chamados, a porta do quarto foi arrombada.

Não encontrando ninguém, os criados saíram gritando que seu amo havia desaparecido, que fora raptado durante a noite.

E, no meio da confusão, ninguém prestou atenção num canarinho amarelo que saiu voando pelo corredor afora...

MILAGRE DO AMOR

AO chegar no jardim, o passarinho respirou aliviado o ar puro da manhã. Que bom ser livre, sentir o sol, cortar o espaço, voar! Onde iria viver agora? E se procurasse o mesmo ninho onde dormira tantas noites, ao lado de seu amigo pombo? E a pombinha que ficara gamada por ele? gozado, aquilo tudo...

Antes de dirigir-se à floresta, o canário lembrou-se de chegar até a hospedaria onde vivera com Bruzo. Que teria sido feito de sua armadura? E o saco onde guardava os seus "vidrinhos" no tempo em que ele, Xisto, ainda era gente?! De nada lhe valeria aquilo tudo! Ele não passava agora de um mísero canarinho!...

A hospedaria continuava tal qual a havia deixado.

A janela do quarto estava entreaberta, e o passarinho pousou numa amoreira carregadinha de frutas maduras bem em frente dela. Depois de comer algumas amoras, Xisto teve vontade de cantar uma coisa triste. Sim, triste, pois se sentia melancólico, pensando em sua mãe e em Bruzo.



Seu corpo foi sacudido por desconhecido sopro de vitalidade e começou a crescer, crescer...

Estava separado deles para sempre! Então, com muita expressão, o pequeno canário entoou uma de suas sonatas. Cantou-a como nunca o fizera antes.

Ao terminá-la, teve desejos de entrar no quarto para rever o antigo ambiente. Entrou.

Não era possível! Quem haveria de encontrar lá?

Oriana! Sim, ela mesma! E fiava na roca, e chorava, chorava sem parar! Aquele canto que acabava de ouvir havia-lhe tocado o coração! O canário não se conteve, e voou para o colo da velha senhora.

— Mamãe! — piou ele, enquanto uma lágrima dos olhos dela caía bem em cheio em sua cabeça.

Então o passarinho estremeceu como se tivesse recebido de repente um violento choque elétrico. Seu corpo foi sacudido por desconhecido sopro de vitalidade e começou a crescer, crescer, enquanto ia recobrando a forma humana!

— Xisto! — gritou Oriana.

Não pôde dizer mais nada. Fora tão grande a surpresa que perdera a fala! Não tinha limites o espanto do próprio Xisto. Era positivamente assombroso o que acontecera!

— Fiquei louca? Será visão? — perguntava ela a si mesma.

Foi só depois de alguns minutos que se convenceu da realidade. Sim, aquele era mesmo o seu filho. Não lhe interessava no momento saber como acontecera tudo. O importante é que ele estava, ali, vivozinho a seu lado! Ficaram muito tempo abraçados.

Algumas peninhas ainda continuavam agarradas nos braços e pernas de Xisto que as foi arrancando uma a uma. Vendo a cicatriz que ele tinha no peito, a mãe, ainda perplexa, fez-lhe a primeira pergunta:

— O que foi isso, meu filho? Doeu muito?

— A história é comprida, mamãe, é melhor que a senhora escute tudo do começo ao fim. Espere um pouco.

Os objetos que havia deixado no quarto continuavam no mesmo lugar, e Xisto retirou do saco sua roupa de gala, e vestiu-a.

— Mãe, estou doído para saber como é que você chegou até aqui.

Oriana então contou que, aflita com a falta de notícias, resolvera sair pelo mundo afora, em busca do filho.

Informando-se aqui e ali, acompanhou-lhe os passos todos até chegar ao reino de Vilebrodo, onde soube que Xisto e Bruzo haviam desaparecido misteriosamente.

— O que mais me afligia — dizia ela — era o fato de encontrar seus objetos e roupas intactos na hospedaria. Julguei que vocês tivessem morrido, mas calculei que não deveria ter sido em combate, pois sua armadura ficara aqui. Cheguei a pensar num afogamento, filho. De qualquer modo resolvi ficar na cidade, hospedada em seu próprio quarto, aguardando os acontecimentos. Conte-me agora as suas aventuras. Ainda não posso aceitar a idéia de que você houvesse se transformado em passarinho, Xisto! Custaria a acreditar, se não visse com meus próprios olhos!

Então o moço revelou a sua mãe todos os segredos da complicada e perigosa história em que se metera, desde o encontro do *Manual Secreto dos Bruxos* até a sua metamorfose em passarinho.

— O mais assombroso disso tudo, foi o modo pelo qual voltei a ser “gente” outra vez — disse ele. E aconteceu de um modo tão espontâneo!

— O amor de mãe faz milagres, filho. Nem você nem eu podíamos prever esse final tão feliz.

O “rejuvenescimento” de Bruzo encheu-a de assombro.

— E se tomássemos o “menino” para criar?

— Nada disso —, tornou Xisto. — Dê-me um pouco de tempo pra pensar, e vamos ver o que pode ser feito nesse sentido.

Notando que Oriana se achava pálida e abatida, Xisto perguntou-lhe:

— A saúde como está?

— Não anda lá muito boa.

— Você não tem mais idade pra ficar viajando assim, mãe. Foi uma loucura.

— Quer dizer que você preferiria ter continuado passarinho a vida inteira, não é?

Xisto abraçou-a e beijou-lhe a testa, dizendo:

— Se disso dependesse a sua saúde, sim.

Então Oriana contou que se sentia doente havia já bastante tempo.

Na verdade somente a esperança de rever Xisto lhe dava forças para viver.

— Como sou feliz agora, como estou orgulhosa de meu filho! — repetia ela.

Ficou resolvido que Xisto se apresentaria naturalmente diante de todos, como se tivesse voltado de uma inesperada e longa viagem. O moço saltou a janela e dirigiu-se à porta da hospedaria como se acabasse de chegar naquele instante.

— Que surpresa, senhor Xisto! — diziam todos. — Onde esteve? Corra a seu quarto e veja quem o espera. . .

O plano deu certo, e ninguém suspeitou das espantosas coisas que haviam acontecido.

No dia seguinte, notando que sua mãe estava custando muito a acordar, Xisto aproximou-se do leito. Ligeiramente inquieto, viu que ela parecia dormir profundamente.

Seu belo e nobre rosto tinha uma expressão suave e tranqüila.

— Mamãe —, chamou Xisto, tomando-lhe delicadamente uma das mãos.

Oriana não respondeu.

Estava morta.

COM O "SENHOR DO TEMPO"

O corpo de Oriana foi sepultado no bosque onde Xisto vivera alguns dias como passarinho, à sombra de um grande pé de jacarandá.

Uma coisa confortava o moço no meio de sua tristeza: saber que sempre fora um bom filho. E, poucas horas antes de morrer, sua mãe lhe dissera que se sentia perfeitamente feliz e orgulhosa dele, Xisto. Sim, em memória dela, continuaria a levar a sua missão até o fim.

Depois de pensar muito sobre o assunto, o moço resolveu procurar "O Senhor Do Tempo". Minoco mudou-se para o palácio depois do desaparecimento de Durga, atribuindo-se a si mesmo poderes de Ditador.

O "fripalta", que era conhecido pelo nome de Sárpio, recebeu-o com mal disfarçada surpresa.

Executando o premeditado plano, Xisto começou:

— Meu caro... Minoco.

— Chamo-me Sárpio, senhor Xisto. Que brincadeira é essa?

— Ora, ora... Você está falando com um colega. Não faça cerimônias. A propósito: onde está seu amigo Durga? — perguntou ele, fingindo ignorar tudo.

— Durga? Quem é Durga?

— Não se faça de inocente.

Depois de alguns momentos de hesitação, Minoco, vermelho de raiva, concordou com voz firme:

— Bem. Sou Minoco, e Vilebrodo é Durga. Que tem você com isso?

— Já lhe contei que também tenho poderes mágicos.

— Quais? Fica invisível quando quer, só isso? — disse ele com ironia.

— Isso e muita coisa mais.

Enojado, Xisto verificou que Minoco não se achava preocupado com o desaparecimento de Durga. Pelo contrário, ficara satisfeito por ter podido ocupar-lhe o lugar.

— Você não me engana — continuou Minoco. — Se pensa que vai tomar conta deste reino, desista logo. Sou o único e legítimo sucessor de Vilebrodo.

— Glórias não me interessam — disse Xisto.

Apavorado com a idéia de que o moço desejava roubar-lhe o trono, Minoco, trêmulo de raiva, gritou:

— Exijo que saia imediatamente deste reino!

— E eu ordeno-lhe que faça meu amigo Bruzo tornar ao que era — retrucou Xisto com energia.

— Idiota! —, berrou Minoco. — O... garoto foi levado pelas ondas e tragado pelo mar. Deve ter sido comido pelos peixes há já muito tempo.

— Engana-se. Está vivo e sei onde se acha.

O outro começou a rir, dizendo nervosamente:

— Você pensa que consegue de mim o que quer? Já que são tão amigos, vou “rejuvenescer” você também para fazerem companhia um ao outro.

Assim dizendo, o bruxo se pôs a olhar fixamente para Xisto, estendendo para ele as compridas e magras mãos.

Não pôde dizer mais nada, entretanto.

Envolvido por uma nuvem de fumaça, que de repente se formara na sala, Minoco começou a tossir e arquejar, atacado por súbita dispnéia. Xisto, por sua vez, de máscara ao rosto, sentia a medonha sensação de que já começara a diminuir, dominado pelo sortilégio do olhar do bruxo.

No meio de toda aquela angústia, o moço, reunindo forças, ainda gritou:

— Faz ou não o que lhe ordeno? Se não me obedecer morrerá asfixiado.

Sempre arfando muito, Minoco respondeu com voz débil:

— Fa...a...ço...

Notando que a nuvem já se diluía. Xisto comandou com firmeza:

— Basta, ó nuvem mortífera! Ordeno que te dissolvas no ar!

E, em seguida, dirigindo-se a Minoco:

— Vamos imediatamente à casa de Bruzo.

Dito isto, retirou a máscara e saiu acompanhado de Minoco, que continuava a tossir e arquejar.

— Como vê, nada pode fazer contra mim. Se tentar rejuvenescer-me, morrerá asfixiado; se restituir meu amigo à primitiva forma, deixaremos você em paz e sairemos da cidade.

Finalmente, convencido de que se achava diante de um bruxo poderoso, Minoco assentiu.

Xisto é que se sentia exausto, sacudido por tão violentas emoções. Chegara a diminuir um pouco de tamanho! Felizmente a pequenina bomba de gás asfixiante que tirara do bolso e jogara na sala produzira o efeito desejado, impedindo que o bruxo consumasse o seu perverso plano. Por pouco a coisa não se complicara, pois a nuvem de gás se dissolvera rapidamente, escapulindo pelas janelas abertas e misturando-se com o ar puro.

“Ai de mim, se Minoco desconfiasse que a tal ‘nuvem mortífera’ nada tinha de sobrenatural e não passava de um truque, de uma mistura de produtos químicos!” pensou Xisto.

Quando chegou perto da casa onde seu escudeiro vivia, o jovem disse a Minoco:

— Fique aí quieto até que eu descubra onde estão as crianças.

Foi fácil encontrá-las, pois brincavam na praia, em companhia da ama.

Uma delas era um pouco maior — teria cerca de seis anos de idade, enquanto a outra não aparentava mais de quatro.

Seria Bruzo, meu Deus!

Não havia dúvida. Tratava-se de uma esquisita criança morena e barriguda, com olhos de adulto e sem a expressão inocente da infância. O menino andava pela areia da praia, pronunciando palavras sem sentido. De vez em quando caía e depois se levantava.

— Perdão, minha senhora — disse Xisto, dirigindo-se à ama.

A mulher olhou para ele e cumprimentou-o com um sorriso.

Xisto começou:

— Há uns quatro anos, mais ou menos, perdi nesta praia o meu irmãozinho recém-nascido. Afastei-me por um instante e deixei-o aqui. Quando voltei, não encontrei ninguém. Receio que as ondas o tenham levado.

A mulher ficou olhando para ele, surpresa.

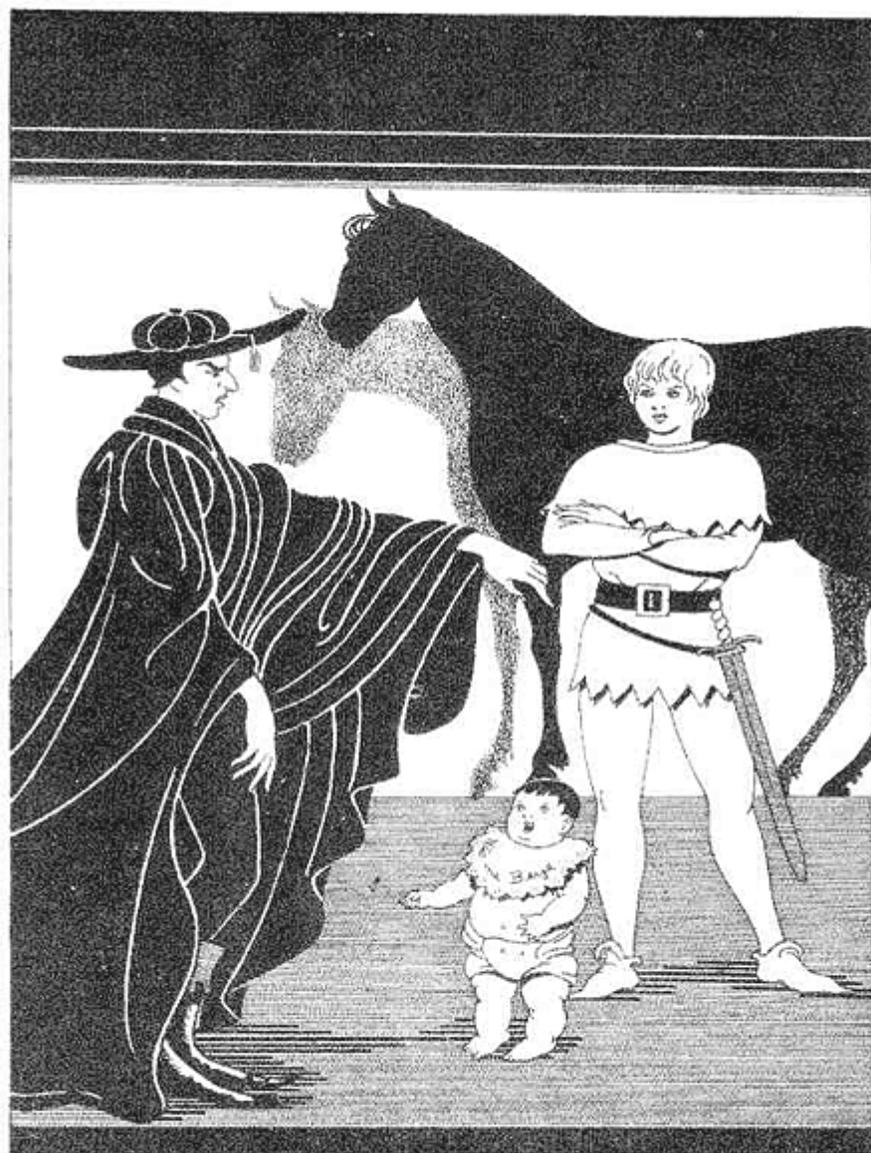
— Como é essa história? — exclamou ela.

— Por acaso a senhora ouviu contar qualquer coisa? Não voltei para procurá-lo, porque minha família adoeceu, e meus pais morreram. Eu mesmo fiquei de cama durante quase três anos.

A mulher acreditou piamente na história inventada, e disse:

— Foi Deus quem o trouxe aqui!

E contou-lhe como Bruzo fora encontrado e recolhido pela família de seus patrões.



— Ordeno-te, ó pirralho, que voltes à idade que realmente tens.

— O seu a seu dono — continuou a mulher. — Leve o menino, mas espere dois dias, pois meus patrões chegam de viagem depois de amanhã.

— Não é possível — tornou Xisto. — Viajo para longe, e meu barco sai esta noite.

A ama foi atrás da criança, deu-lhe a mão e entregou-a a Xisto.

— Deus lhe pague por tudo — disse ele, afastando-se, com Bruzo.

Ao ver o menino, o feiticeiro teve um acesso de raiva e deu um murro no assento da carruagem, pronunciando uma palavra cabalística. . .

— Vamos acabar com tudo de uma vez — pediu Minoco, impaciente. — Aqui mesmo.

Então o bruxo estendeu os braços para a criança e disse:

— Ordeno-te, ó pirralho, que voltes à idade que realmente tens.

A essas palavras, a criança começou a crescer, crescer até se transformar num homem.

Mal viu isso, Xisto não pôde conter o riso. É que o enorme e barrigudo Bruzo estava seminu, tendo apenas em volta dos rins a ridícula fraldinha que trazia na praia. E rôdeando o cabeludo pescoço, continuava o pequeno babadouro com três palavras bordadas: “Não me beije”. . .

“O QUE TEM FORMA DE COBRA E É COMO UM RAIO”

A NOITE toda os dois amigos ficaram conversando. Xisto contou suas emoções de passarinho e Bruzo falou da confusa lembrança que guardava de seus quatro anos de criança.

O escudeiro riu-se muito quando soube da pombinha que queria namorar Xisto.

— Havia de ser legal — disse ele — se você tivesse cruzado com ela. Seria agora pai de uma porção de “pombonariozinhos” . . .

— Que palavra esquisita, Bruzo. Que quer dizer isso?

— Filhinhos de pomba e de canário. Sacou?

— Você tem cada idéia! Poxa!

— E o “pombicida” que atirou em você? Acho que vou procurá-lo para lhe dar uns bons socos.

— Não vale a pena. Gente ruim acaba destruindo a si mesma.

— Vai acabar estourando sozinho, você vai ver. . .

— Quanto a Minoco, precisamos dar logo cabo dele. Ai de nós se ele descobre que não sou bruxo coisa alguma!

E os dois combinaram um bem estudado plano.

* * *

Sárpio estava passeando nos jardins do palácio quando encontrou junto ao grande portão de ferro um pergaminho onde estavam escritas estas palavras:

“Minoco — Não morri. Tome navio e venha encontrar-me na lagoa da floresta, no país do rei negro. Encontrará barco. Estarei invisível até você entrar nele. Grande plano. Dominaremos o mundo inteiro. Depois explicarei. Durga”.

Sárpio, desapontado a princípio, ao saber que o amigo estava vivo, ficou alucinado de cobiça com a possibilidade de ficar tão poderoso.

Súbito teve desconfianças. Por que razão Durga não chegara até ele, invisível, combinando tudo pessoalmente? Bem, alguma razão devia ter ele para isso.

Talvez não pudesse afastar-se de lá por qualquer motivo. Xisto e Bruzo já haviam partido. . . poderia ficar tranqüilo: ninguém se preocuparia com o que ele fizesse. De vez em quando tinha uma dúvida: iria ou não?

* * *

— Está pronto o negócio — disse Bruzo, mostrando a Xisto o barco que fizera.

— Agora só falta o cara chegar — acrescentou Xisto. — Receio bastante que ele não venha. É muito desconfiado esse “fripalta”!

— Seria uma pena.

— Bem, pode ser que ele surja por aí. Minoco é muito ambicioso e deve estar tentado com a suposta oportunidade de dominar o mundo.

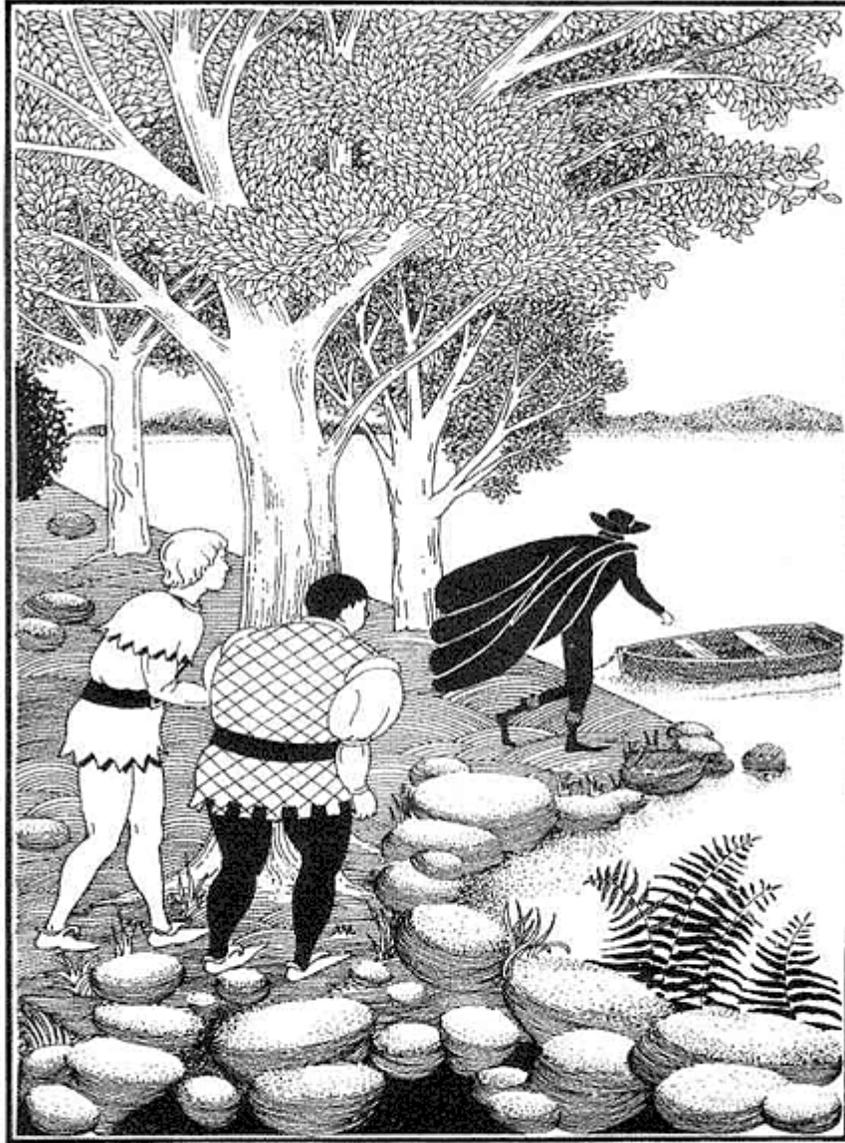
Os dois amigos dormiam na floresta, e todas as manhãs Bruzo chegava até a praia para ver se vinha algum navio.

Dois meses se passaram sem que nada de extraordinário acontecesse. Finalmente, certa manhã, Bruzo viu surgir no horizonte um grande veleiro. Escondido para não ser visto, observava os passageiros que desciam do barco atracado no porto. Primeiro desceu um velho com um grande chapéu cinzento, de abas largas; depois, duas senhoras, usando capas, acompanhadas de três crianças; em seguida, alguns soldados além de outras pessoas. Por último chegou. . . Minoco, todo vestido de preto, como sempre. Parecia um urubu.

Bruzo montou a cavalo e entrou na floresta a todo o galope.

— O velhaco está aí! — exclamou ele, bastante excitado.

No mesmo instante Xisto e seu amigo carregaram o barco e os remos até o pequeno lago, amarrando-o leve-



*Então, sem hesitar, avizinhou-se da lagoa,
desamarrou o barco e entrou nele.*

mente a um arbusto que havia na margem. Em seguida subiram numa amendoeira e ficaram aguardando os acontecimentos.

Duas horas mais tarde, ouviram barulho de gente que se aproximava.

Minoco chegou logo depois, olhando desconfiado para um lado e para outro. Ao ver o barco amarrado, sorriu, convencido de que Durga se achava realmente ali.

Então, sem hesitar, avizinhou-se da lagoa, desamarrou o barco e entrou nele, começando a remar.

— Aqui estou, Durga — disse Sárpio em voz alta.

Mal isso aconteceu, as tábuas que formavam o fundo do barco começaram a despregar-se rapidamente, fazendo com que o bruxo caísse na lagoa.

— Que brincadeira é essa, Durga?! — gritou Minoco, nadando em direção às margens.

Então uma forma grossa e escura, em feitio de cobra, atravessou as águas com rapidez, e tocou no corpo de Minoco, que já estava prestes a sair da água.

No mesmo instante, Xisto e Bruzo, de olhos esbugalhados, assistiram a uma inesperada cena; o corpo do bruxo afinou-se e depois se foi alongando, alongando cada vez mais até atingir uma altura de dezoito metros! Depois começou a diminuir, ficando sucessivamente do tamanho de um homem, de uma criança e de um recém-nascido. Por último a “coisa”, sempre diminuindo, acabou por se transformar num ovo igual a um ovo de galinha.

O tal “ovo” elevou-se no ar e de repente explodiu com um ruído seco. E foi tudo.

Bruzo e Xisto saltaram da árvore e caíram nos braços um do outro.

— Estamos livres de todos! — exclamaram os dois ao mesmo tempo, no auge da alegria. — Uff! Que alívio!

— E Fredegonda? — perguntou Bruzo.

— Você não se lembra do que estava escrito no *Manual* sobre “bruxos” que fabricam o pudim cabalístico? “Vosso fim chegará juntamente com o do último feiticeiro que houver sobre a terra.”

— E que vai acontecer com aquela morcegada toda que ela cria?

— Azar deles! . . .

Xisto resolvera voltar à sua terra logo que fosse possível, a fim de comunicar a El-Rei Magnoto o fim de sua missão. Desejava também torná-lo ciente de que ele, Xisto, se achava forçado a abandonar a cavalaria andante, pois o ferimento que recebera quando era passarinho, atingira-lhe um dos pulmões, impedindo-o de fazer um esforço maior. Inventaria uma desculpa qualquer para explicar o acontecimento. Sim, pois além dele, de Bruzo e de Oriana, ninguém jamais soube do caso dos bruxos.

Quanto a viver em sua terra, resolvera outra coisa, pois havia uma forte razão que o prendia ao país de Vilebrodo: sua mãe se achava sepultada no bosque da cidade. E, além disso, tinha outros planos.

Vendo que Sárpio desaparecera misteriosamente, tal qual Vilebrodo, o povo da cidade regozijou-se, pois ambos eram odiados. A alegria foi tanta que, uma semana depois, festejaram o acontecimento com um “Grande Baile de Sétimo Dia”. Em seguida foram à casa de Xisto pedir-lhe que aceitasse o governo do país. O moço, muito comovido, acabou concordando. E o lugar passou a chamar-se Xistolândia, no qual viveu com Bruzo por muitos séculos sem envelhecer.

A primeira coisa que fez foi convidar Zingu para morar no palácio, nomeando-o “Chefe Geral do Grande Viveiro de Passarinhos da Corte”. Um viveiro aberto, sem portas e no qual as aves entravam e saíam quando quisessem.

Depois mandou um portador levar uma deslumbrante coleção de pedras preciosas ao casal que acolhera Bruzo recém-nascido. Quanto à ama, foi chamada para dirigir o serviço interno da copa e cozinha do Palácio Real. Por sinal que ela fazia cada pastel de queijo de pôr água na boca...

* * *

Certo dia, uma namorada de Xisto, ao acariciar-lhe o rosto e ao passar a mão em seus cabelos, sentiu uma aspereza. Reparando melhor, descobriu uma coisinha felpuda e amarela, parecendo pena de passarinho.

— E eu que ainda não havia notado isso! —, disse ela para si mesma.

A verdade é que, ao se metamorfosear em gente outra vez, Xisto conservara inexplicavelmente uma peninha escondida entre os cabelos. Isso, e alguma coisa mais, que ele não contava a ninguém: uma vontade louca de comer alpiste de vez em quando...

E comia...

